UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

CRISTIANE DA CONCEIÇÃO ROMANO

# O julgamento da expressividade do professor universitário de enfermagem ministrando aula

Ribeirão Preto
2010

CRISTIANE DA CONCEIÇÃO ROMANO

# O julgamento da expressividade do professor universitário de enfermagem ministrando aula

Dissertação apresentada a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, junto ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental para obtenção do titulo de Mestre em Ciências.

Linha de Pesquisa: Saúde do Trabalhador

Orientador: Profa. Dra. Maria Lucia do Carmo Cruz Robazzi

Ribeirão Preto
2010

# FICHA CATALOGRÁFICA

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação da Publicação

Serviço de Documentação em Enfermagem

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Romano, Cristiane da Conceição.
O julgamento da expressividade do professor universitário de enfermagem ministrando aula / Cristiane da Conceição Romano; orientador Maria Lucia do Carmo Cruz Robazzi. - Ribeirão Preto, 2010.

118 p. : il. ; 30cm

Dissertação de Mestrado - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

1. expressividade 2. comunicação não verbal. 3. comunicação verbal. 4. professor. 5. enfermagem.

# FOLHA DE APROVAÇÃO

ROMANO, Cristiane Conceição

O julgamento da expressividade do professor universitário de enfermagem ministrando aula**.**

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: ____/____/_____

**Comissão Julgadora**

Prof. Dr._____ Instituição:_____
Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento:_____ Assinatura: _____

# *DEDICATORIA*

*A **Deus**, com sua presença e força constante, certamente eu não estaria desfrutando desta conquista sem Ele, obrigada Senhor!*

*A minha mãe, **Maria Célia**, irmãos, sobrinhos e cunhados por compreender a minha ausência e sempre estarem me confortando e apoiando nos momentos difíceis e vibrando nas conquistas.*

*Ao meu pai e ao **Marcos**, meu irmão (em memória), mesmo vocês não estando presentes, consigo ver o brilho dos seus olhos diante desta vitória.*

*A tia **Clélia** e o tio **Wagner** que me acompanharam em todos os momentos da minha vida.*

*Ao **Pedro** e a **Vânia**, por estarem sempre ao meu lado.*

# *AGRADECIMENTOS*

*A minha orientadora **Profa. Dra Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi** por doar seu tempo, colaborando, incentivando, apoiando, o seu direcionamento foi muito importante neste momento, obrigado Malu.*

*A Professora **Dra Iara Aparecida de Oliveira Secco** e Professora **Dra Lílian Aguiar Ricz**, obrigada por contribuírem com informações valiosas que só fizeram valorizar a pesquisa.*

*A Prof. **Dra Maria Célia Barcellos Dalri**, por seu carinho e atenção.*

*Ao **grupo de pesquisa NUESAT**, especialmente à **Profa. Dra Maria Helena Palucci Marziale,** por aprendizados constantes.*

*A **Dra. Miyeko Hayashida** e ao **Dr. César Tercariol** pela disposição, atenção e paciência.*

*A **Liliana Amorim**, minha amiga e parceira de trabalho, você foi essencial na concretização deste estudo, seus conselhos foram primordiais para estar aqui hoje, obrigada Lili.*

*Aos meus queridos amigos **Ari, Jú, Bruna, Paulinha, Keila, Richardson, Sebastião, Karina, Reinaldo**, obrigada pelo apoio, companheirismo em momentos alegres e difíceis em Ribeirão Preto.*

*Aos meus **amigos de Arcos**, obrigada pelo apoio e entendimento nos momentos de ausência.*

*Aos **alunos e ao Professor** participante deste estudo, pela colaboração, paciência e disponibilidade.*

*Ao **CIS** (Colegas e funcionários), **Gabriel Rodrigues** e aos meus pacientes por compreender meus momentos de ausência e sempre me apoiando e auxiliando.*

*Ao meu **PG** (estudo bíblico), por me dar força, apoio e compreensão nas minhas faltas.*

*À **Dra Adriana Baliero Pânico**, pelas informações essenciais prestadas, disponibilidade de tempo, indicação de fontes e por me dar oportunidade de aprender com você, obrigada Adriana.*

*À **Dra Leny Kyrilos**, pela disponibilidade e por fornecer informações importantes para concretização deste estudo.*

*À **Dra Maria Cristina Borrego**, pelas valiosas informações e disponibilidade.*

*À **Roberta Medeiros, Dileni Freitas, Rafaella**, amigas e parceiras, pela atenção, amizade e por me propiciar informações importantes.*

*As funcionárias da Casa de Hóspedes, **Shirlene, Célia, Lúcia, Ana, Augusta**, pela dedicação prestada.*

*As funcionárias **Edilaine, Eliana** e **Velmara** obrigada por todas as informações e a paciência.*

*Ao Serviço de Pós-Graduação da EERP-USP, **Ketleen, Flávia e Carla** pela paciência e informações prestadas.*

*Ao **Willians** do Setor de Audiovisual da EERP-USP que realizou as filmagens e edição com dedicação e prontidão.*

*Aos companheiros e orientandos da Malu: **Luiz, Rita, Fabiana, Fábio e Vânia**, pela cumplicidade e camaradagem durante nosso convívio.*

# RESUMO

ROMANO, C.C.**.** O Julgamento da expressividade do professor universitário de enfermagem ministrando aula**.** 2010. 118f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

A comunicação é um processo que se encontra internamente relacionado com a expressividade. Há profissionais que usam demasiadamente a comunicação e a expressividade, como é o caso do professor, que atua transmitindo informações as quais devem chegar de maneira efetiva aos seus alunos. O objetivo geral do estudo foi investigar a expressividade do professor universitário de enfermagem ministrando aula, por meio do julgamento dos alunos. Trata-se de estudo descritivo com abordagem quantitativa, realizado em uma instituição de ensino superior de enfermagem de uma universidade pública. Alunos matriculados (141) nos cursos de bacharelado e licenciatura de enfermagem, distribuídos em três turmas, realizaram a avaliação da expressividade de um professor da instituição, sendo que este possuía experiência profissional, estava em atividade regular e não era conhecido por este alunado. A avaliação da expressividade foi realizada por meio de seis minutos de filmagem de uma aula ministrada por esse professor. Esta mesma filmagem foi avaliada por três *experts* fonoaudiólogos, especialistas em voz e experientes em expressividade. A pesquisa contou com quatro fases (preparo dos instrumentos, no qual foi utilizado protocolo de avaliação fonoaudiológica e instrumento para os alunos; questionário para avaliação do aluno, adaptado segundo o protocolo de avaliação fonoaudiológica; avaliação da confiabilidade deste protocolo por três *experts* fonoaudiólogos; filmagem do professor participante a ser avaliado). O resultado mostrou que os *experts* apresentaram, praticamente, poucas discordâncias entre si em relação à avaliação da expressividade do professor, pois são especialistas e possuem experiência profissional em radio e televisão. Quanto à identificação da expressividade do professor segundo a avaliação de alunos e dos *experts*, em relação aos elementos: tipo de voz, *pitch*, esforço vocal, *loudness*, articulação, expressão facial, gestos e postura corporal, os resultados mostraram que as alternativas escolhidas pela maioria dos alunos foram significativamente maiores que as demais e concordantes com a maioria dos *experts*. Os elementos "ênfase", "demonstra experiência" e "o que chamou atenção no vídeo" não foram possíveis de comparação, porque não houve equivalência entre os instrumentos utilizados para a avaliação dos *experts* e dos alunos. O item "pausa na fala" não apresentou significância estatística entre a avaliação das respostas dos alunos, quando comparadas aos *experts*. Quanto às diferenças de avaliações entre as três turmas entre si, estas apresentaram poucas divergências entre elas. Conclui-se que o julgamento do aluno sobre as habilidades expressivas do professor de enfermagem é compatível com a avaliação dos *experts* fonoaudiólogos, mostrando que os alunos da universidade pública são mais que meros espectadores e pessoas capazes de avaliar, com propriedade, o professor.

Descritores: expressividade, comunicação não verbal, comunicação verbal, professor de enfermagem.

# ABSTRACT

ROMANO, C.C.. The Judgment of the expressiveness of a teacher teaching at a nursing school. 2010. 118f. Thesis (MA) - School of Nursing of Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

Communication is a process that is internally related to expressiveness. There are professionals who use too much communication and expressiveness, as is the case of a teacher, which operates by transmitting information to effectively reach their students. The overall objective of this study was to investigate the expressiveness of a university professor of a nursing school, teaching a class by the means of the assessment of students. This is a descriptive study with a quantitative approach, performed in an institution of higher education in nursing at a public university. Enrolled students (141) in the nursing major, divided into three classes, carried out the assessment of expressiveness of a teacher of the previously mentioned institution, which whom had professional experience. This teacher was in regular activity and was not known by this student body. The assessment of expressiveness was performed by the means of a six- minute footage of a class taught by this teacher. This same footage was reviewed by three expert speech pathologists, voice specialists and experts in expressiveness. The research included four phases (preparation of instruments, by being the protocol of clinical assessment used and tool for the students; students' questionnaire to evaluate the teacher, adjusted in accordance with the protocol of clinical assessment, reliability evaluation of the protocol by three expert audiologists; footage of the teacher participant to be evaluated). The outcome has shown that there were virtually very few disagreements between the experts regarding the evaluation of the expressiveness of the teacher, since they are specialists and have experience in radio and television. Regarding the identification of the expressiveness of the teacher according to the evaluation of students and experts in relation to the elements: voice type, pitch, vocal effort, loudness, articulation, facial expression, gestures and body posture, the outcome showed that the alternatives chosen by most students were significantly higher than the others and consistent with most experts. The elements "emphasis", "the showing of experience" and "what drew attention in the video" were not possible to compare, because there was no equivalence between the instruments used for the evaluation of experts and students. The item "pause in the speech" hasn't shown statistical significance between the assessment of students' responses, when compared to experts. When considering differences in ratings among the three classes together, this study showed that they differ a little from each other. It has been noticed that the assessment of the student on the expressiveness abilities of the teacher of nursing is consistent with the assessments of speech experts, showing that students at public universities are more than mere spectators but people can properly evaluate the teacher.



**Keywords:** expressiveness, non-verbal communication, verbal communication, professor of nursing.

# LISTA DE ILUSTRAÇÕES


Figura 1 Distribuição de frequências da variável "*Alteração do tipo de voz*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 68

Figura 2 Distribuição de frequências da variável "*Pitch*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 69

Figura 3 Distribuição de frequências da variável "*Loudness*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 69

Figura 4 Distribuição de frequências da variável "*Articulação*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 70

Figura 5 Distribuição de frequências da variável "*Velocidade da fala*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 70

Figura 6 Distribuição de frequências da variável "*Respiração*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 71

Figura 7 Distribuição de frequências da variável "*Esforço Vocal*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 71

Figura 8 Distribuição de frequências da variável "*Pausa na Fala*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 72

Figura 9 Distribuição de frequências da variável "*Ênfase*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 72

Figura 10 Distribuição de frequências da variável "*Expressão Facial*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 73

Figura 11 Distribuição de frequências da variável "*Gestos*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 73

Figura 12 Distribuição de frequências da variável "*Postura Corporal*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 74

Figura 13 Distribuição de frequências da variável "*Demonstra Experiência*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).. 74

Figura 14 Distribuição de frequências da variável "*O que chamou atenção no vídeo*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)..... 75

# LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Distribuição de alunos de enfermagem em relação às respostas ao questionário (adaptado de Feijó, 2003) para julgamento da expressividade do professor participante. Ribeirão Preto, 2010 (n=167)..... 61

Tabela 2 Distribuição de alunos de enfermagem em relação as respostas ao questionário (adaptado de Feijó, 2003) para julgamento da expressividade do professor participante. Ribeirão Preto, 2010 (n=141)..... 65

# LISTA DE QUADRO

Quadro 1 Avaliação do protocolo fonoaudiológico (Feijó, 2003) segundo os *experts* (fonoaudiólogos), sobre a filmagem do professor participante. Ribeirão Preto, SP, 2010..... 59

# LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| CFFa | Conselho Federal de Fonoaudiologia |
| EERP | Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto |
| PP | Professor Participante |
| PT | Professor Teste |
| PAF | Protocolo de Avaliação Fonoaudiológica |
| QAA1 | Questionário de Avaliação do Aluno 1 |
| QAA2 | Questionário de Avaliação do Aluno 2 |
| TCLE | Termo de Consentimento livre e esclarecido |
| USP | Universidade de São Paulo |

# SUMÁRIO

**1. Introdução..... 15**
1.1 Justificativa..... 21
1.2 Hipótese..... 22

**2. Objetivos..... 23**
2.1 Geral..... 24
2.2 Específicos..... 24

**3. Fundamentação Teórica..... 25**
3.1 Expressividade..... 26
3.1.1 Recursos de Expressividade..... 28
3.2 O professor universitário e sua expressividade..... 41
3.3 O professor da universidade publica..... 45

**4. Material e Métodos..... 48**
4.1 Delineamento do Estudo..... 49
4.2 Campo de realização..... 49
4.3 População..... 50
4.4 Amostra..... 51
4.4.1 Dos Professores..... 51
4.4.2 Dos alunos..... 51
4.5 Coleta de dados – operacionalização do estudo..... 52
4.5.1 Fase 1 Preparo dos instrumentos..... 52
4.5.2 Fase 2 Confiabilidade do Questionário de Avaliação do aluno (QAA1) por meio da avaliação da filmagem do Professor Teste (PT)..... 53
4.5.3 Fase 3 Avaliação do professor participante (PP) pelos *experts*, segundo o PAF..... 54
4.5.4 Avaliação do PP pelos alunos segundo o instrumento QAA2 proposto no estudo ..... 55
4.6 Tabulação e analise dos estudos..... 56
4.7 Procedimentos éticos da pesquisa..... 56

**5. Resultados..... 58**

**6. Discussão..... 76**

**7. Conclusão..... 92**

**8. Referências..... 94**

**Apêndices 102**

**Anexos 115**

# *1 INTRODUÇÃO*

A raiz etimológica da palavra comunicação é latina *communicatione,* ou seja, comum. Significa participar, pôr em comum, ação em comum, é relacionar com seres vivos e conscientes (seres humanos), tornar algo comum entre seres, sejam informações, sensações ou emoções, entre outros (SOUZA, 2006).

A comunicação possibilita o relacionamento entre as pessoas, fato este que é um pré-requisito para a inclusão na sociedade moderna e também colabora para o crescimento do processo de humanização (CARRASCO, 2001).

A comunicação possui duas vertentes complementares para sua construção. A primeira é como um processo em que comunicadores trocam mensagens codificadas (gestos, palavras, imagens...) por meio de um canal, num determinado contexto, o que gera determinados efeitos; a segunda vertente é entender a comunicação como atividade social, em que as pessoas imersas numa determinada cultura, criam e trocam significados, respondendo, desta forma, à realidade que experimentam diariamente. A comunicação é indispensável para a sobrevivência dos seres humanos e para a formação e coesão de comunidades, sociedades e culturas (SOUZA, 2006).

A mensagem tem impacto sobre o receptor, e dessa forma, a comunicação resulta em mudanças.

Souza (2006) classificou a comunicação em quatro tipos: persuasiva, na qual é o processo de induzir mudanças; a informativa, cujo objetivo maior é a informação, acontece nos relacionamentos interpessoais; a comunicação de entretenimento, quando alguém faz um gracejo a um grupo e a comunicação popular, passada tradicionalmente.

Através de diversas conexões e troca de informações, no processo de comunicação, a mensagem é conduzida e compreendida e possibilita o aprendizado, a resolução de atividades, a motivação, a cooperação, obtendo assim melhores resultado nos ambientes de trabalho (CHIAVENATO, 2004).

A comunicação é um processo que se encontra internamente relacionada com a expressividade. Quando se afirma que uma pessoa é expressiva, logo se relaciona ao fato que “ela é comunicativa” que possui capacidade de trocar idéias, conversar, dialogar e comunicar adequadamente as informações. Porém, há indivíduos que apresentam maior ou menor dificuldade para realizar tal intento.

Há profissões em que é necessária uma exigência maior no uso da comunicação e da expressividade, como a dos jornalistas atuantes em rádio ou

televisão, a dos atores e a dos cantores; similar a estas categorias no sentido de utilização da voz pode-se incluir o professor, pois ele atua transmitindo informações que devem chegar de maneira efetiva aos alunos.

No presente estudo, a intenção da pesquisadora foi investigar a expressividade do professore que atuam no ensino de nível superior na área de enfermagem, diante dos poucos estudos sobre o assunto (ROSA, 1999).

Professor é alguém que ensina algo a outrem (ROSA, 1999). Para o senso comum é aquele que ensina uma ciência, uma arte ou uma língua; mestre; docente (PROFESSOR, 2000). É aquele que processa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina; é o mestre, o professor universitário; é o que processa publicamente as verdades; professor titular é o que exerce a cátedra; docente é o que ensina (FERREIRA, 1986). É o que tem o domínio da matéria e da classe. O domínio da classe relaciona-se ao conjunto de manipulações que devem ser feitas para a transmissão de determinados conhecimentos específicos; já o domínio da matéria relaciona-se ao conjunto de conhecimentos que necessitam ser dominados pelo professor, a fim de conseguir ensinar.

Algumas primícias necessárias para a construção de domínio da matéria são: ser professor é uma atividade para profissionais qualificados; exige elevado grau de conhecimento do conteúdo especifico da disciplina a ser ensinada e de didática associada a disciplina científica; exige treinamento em pesquisa educacional e domínio de várias técnicas de ensino; implica em ter uma teoria sobre como se desenvolve a aprendizagem orientando a sua atividade; significa ter uma teoria de ensino orientando as suas atividades; significa ter engajamento político na sociedade onde a escola está inserida e, para exercer o seu papel, este profissional deve ser educado e treinado e não simplesmente encarar o seu curso de formação como um receituário sobre como ministrar aulas (ROSA, 1999).

A atividade do professor é social, na qual as interações constroem os sentidos e as relações em sala de aula (CHAVES; COUTINHO; MORTIMER, 2009). A dinâmica relacional é um acontecimento vivo, contraditório, multidimensional e complexo; o processo de ensino-aprendizagem acontece como espaço de relação e neste sentido, um grupo constituído por um professor e seus alunos insere-se em diversas possibilidades interativas. Assim na instituição escolar, este grupo pode se encontrar em processo contínuo de criação intersubjetiva de significados, os quais podem gerar novas possibilidades interativas (TUNES; TACCA; BARTHOLO, 2005).

Assumir-se como professor requer a clareza de aspectos constituintes da missão a ser realizada; há necessidades de se ter metas e objetivos, saber sobre o que se vai ensinar, saber para quem se está ensinando e é disso que decorre o como realizar (TUNES; TACCA; BARTHOLO, 2005).

No meio universitário, muitas pessoas com vários artigos científicos publicados e com sólida reputação profissional agem dentro da sala de aula por tentativa e erro, com ausência de métodos, tornando-se surpresos quando seus alunos ficam reprovados (ROSA, 1999).

Barbosa et al. (2009) entendem que há uma falta de preocupação com a didática do professor universitário e esta pode estar ligada a uma das lacunas encontradas na sua formação, bem como com o desconhecimento sobre a importância do seu desempenho nas atividades de ensino. O professor deve apresentar habilidades comunicativas em sala de aula e estas favorecem a sua interação com o aluno, contribuindo para o ensino e aprendizagem.

Gabrielli e Pelá (2004) referem que professores devem refletir sobre o desempenho docente, conhecendo e ouvindo os alunos e buscando assim um objetivo em comum, sua apreensão do conhecimento, seu crescimento enquanto ser humano.

No ensino superior de enfermagem cada professor acredita ser o é único em sua forma de montar estratégicas de ensino, as quais influenciarão positiva ou negativamente na apreensão de conhecimento por parte aluno (ROCHA, 1999). Para conseguir elaborar tais estratégias é importante que o professor consiga comunicar-se adequadamente, com expressividade.

A expressão é um trabalho de estética relacionado à qualidade na comunicação; o professor usa os recursos comunicativos para melhorar seu desempenho e ministrar o conteúdo com credibilidade, dentro da sala de aula. O fato dele possuir o domínio do assunto não garante o real aprendizado do aluno (ROSA,1999).

Para o professor expressar melhor suas idéias, ele deve ir além do que simplesmente apresentar conteúdos técnicos científicos. À medida em que desenvolve os conteúdos a serem ministrados, ele consegue perceber se está ou não sendo compreendido. Este ir além significa que, ultrapassando os aspectos interacionais já mencionados, este indivíduo deve apresentar um conjunto de características como ritmo e entonação da fala adequada, tom da voz, articulação

precisa, gestos e posturas que complementam o discurso. Tais fatores, entre outros levam a pessoa a expressar-se com credibilidade (KYRILLOS, 2005).

Expressividade é a qualidade do que é expressivo e pertence ao processo de comunicação e dele é inseparável. Voz e o corpo são considerados agentes expressivos (KYRILLOS, 2005).

> É a capacidade de o indivíduo tornar vivo seu pensamento pela linguagem e pela expressão corporal e assim procurar argumentos e figuras que suscitam no outro a vontade de pensar junto e construir uma idéia (STIER; COSTA, 2005, p. 181).

Pode ser definida também como a forma de utilizar os recursos comunicativos, podendo gerar impressões negativas ou positivas agradáveis ou não ao ouvinte (FERREIRA, 2007).

Dependendo da forma como a fala é julgada, mesmo que seja monótona, ela sempre é expressiva, pois, ela transmite atitude, emoção, crença, estado físico ou condição social (MADUREIRA, 2005).

A expressividade acarreta uma impressão naqueles que observam o ser expressivo gerando confiança e dinamismo ao ouvinte, os quais são essenciais para um comunicador (GHIRARDI, 2004). A fala expressiva deve transmitir emoções e atitudes de toda natureza, tanto positivas como negativas (VIOLA, 2006).

Viola (2008) afirma que na Fonoaudiologia, a palavra expressividade vem sendo usado mais associado à idéia de atribuir à fala, alegria, confiança, dinamismo, credibilidade e/ou naturalidade. Na literatura, o termo aparece complementado de diferentes formas: expressividade da comunicação oral e corporal; expressividade vocal, referindo-se a voz e expressividade oral e expressividade de fala referindo-se à fala e à voz.

A dissociação entre fala e voz justifica-se caso as características fonéticas dos sons pudessem ser determinadas, sem ser a partir da sincronização entre o gesto global e articuladores. Se a voz é produzida na glote e modelada nos tubos, pelos articuladores, não é possível entender uma voz isolada da fala e de seus órgãos articuladores e, portanto, a cisão conceitual “fala e voz” não deveria persistir (VIOLA, 2008).

> Com isso adota-se o termo expressividade oral, por não carregar uma ou outra acepção (fala-voz), mas por se referir “ao som que sai da boca” (etimologicamente do radical latino *“os, oris “*= boca), ao som como uma

> gama de frequencias de vibração (harmônicos e ruídos) realizada em espaços de tempos, moldada articulatoriamente, projetada com determinada intensidade em direção ao espaço e realizada no ouvido do outro pelas propriedades acústicas e integradas no cérebro como palavras. A palavra expressão assume o significado de reproduzir, representar, retratar, exprimir, dizer, expor e enunciar claramente; do ponto de vista do falante, objetivo da expressão é eliminar as tensões internas e, neste processo. Reproduzir tais tensões em comportamentos que se manifestam por meios de signos próprios, de natureza visual, auditiva e tátil (VIOLA, 2008 p. 17-18).

Indivíduos que possuem habilidades comunicativas apresentam a interação de vários elementos segmentais (vogais e consoantes) e prosódicos (ritmo, entonação, qualidade da voz, taxa de elocução, pausas e padrões de acento) e das relações que estabelecem entre som e sentido (KYRILLOS, 2005). Através desta interação conseguem transmitir a mensagem com qualidade, criando ainda uma inter-relação entre emissor e receptor.

Neste sentido, professores universitários são pessoas que têm diante de si os desafios de preparar profissionais para que sejam cidadãos qualificados, que pensam, reflitam e que sejam capazes de realizar análises críticas. Para tal, deverão criar uma relação com os alunos, que poderá ser conquistada, entre vários elementos, por meio de um processo de comunicação com qualidade, ou seja, com expressividade, uma vez que ela também é responsável pelo processo de facilitação do processo de aprender por parte do aluno. Com a expressividade satisfatória do professor, este aluno prestará mais atenção.

Pela sua expressividade o professor comunica conceitos sobre o mundo; transparece suas emoções, estados e sentimentos. Pode assim, demonstrar segurança ou insegurança, simpatia ou antipatia, conhecimento do assunto, cansaço, entre outros. Uma forte intensidade vocal pode ser decodificada, por exemplo, como autoritarismo e este aspecto, bem como outros podem atrapalhar a sua relação com o aluno. Considera-se que a voz é uma das extensões mais fortes da personalidade; é o sentido de inter-relação com o outro, o meio essencial para atingi-lo (BEHLAU; PONTES, 1995).

O fonoaudiólogo é um profissional apto a trabalhar com os diversos aspectos da comunicação em várias vertentes do conhecimento incluindo-se a saúde do trabalhador. A Fonoaudiologia é a ciência que previne, habilita e reabilita a comunicação humana (voz, fala, linguagem oral/escrita e audição) e, atualmente, abrange a área de estética que trabalha com profissionais que desejam aprimorar

sua comunicação (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2010).

Diante do exposto, o interesse de realizar um estudo tendo como sujeito o docente de ensino superior originou-se diante da possibilidade de existência de alterações relacionadas às suas habilidades comunicativas, as quais podem afetar a sua expressividade e, consequentemente, o alcance do objetivo da atividade docente que é o processo educativo.

Assim, acredita-se que uma das contribuições desta pesquisa será indicar ao professor universitário como se encontra a sua expressividade, a partir do julgamento dos seus alunos, que são as pessoas para as quais eles devem, predominantemente, dirigir o conteúdo de sua comunicação acadêmica.

## 1.1 Justificativa

Como fonoaudióloga, especialista em voz e pesquisadora, trabalho frequentemente com a comunicação, necessária em todos os momentos da vida do ser humano, nos relacionamentos interpessoais, nas organizações empresariais e nas instituições.

No entanto, são poucos os estudos relacionados à expressividade e o trabalho do professor universitário, profissional que necessita se comunicar de forma adequada com seus alunos para lhes transmitir os conteúdos didáticos, bem como com seus pares, com sua comunidade e com a sociedade em geral, para que seus objetivos acadêmicos sejam alcançados.

Apesar da existência de investigações acerca da voz e suas alterações, a proposta desse projeto transcende o foco na voz, pois se pretende avaliar a expressividade do professor universitário em sala de aula abrangendo seus recursos verbais, não-verbais e vocais.

A escolha de realizar uma investigação com esta categoria profissional surgiu pela sua importância na formação da sociedade e pelos desafios que enfrenta como a falta de reconhecimento, de infra-estrutura e da própria formação profissional.

É importante a existência de avaliação sobre a expressividade, já que o professor inexpressivo pode prejudicar o processo ensino-aprendizagem.

Considerando que no referido processo o aluno não deve ser apenas um mero espectador, mas um participante ativo, a sua avaliação possibilita ao professor o conhecimento dos elementos necessários para redirecionar sua expressividade, treinando maneiras de torná-la adequada.

A participação dos envolvidos no processo de ensino aprendizagem torna-se importante porque formalmente ou não, o conteúdo da aula terá a avaliação das pessoas envolvidas. Este conteúdo somente será importante se for adaptado aos alunos (ROCHA,1999; LUIZ; DAMKAUSKAS; OHI, 1997).

Para Nunes e Helfer (2008), a avaliação de professores pelos estudantes oportuniza o diálogo e a interação entre ambos.

Friedlaner e Moreira (2006) entendem que a educação formal em enfermagem inclui um ser humano que teoricamente age sobre outro ser humano, ou seja, o professor e o aprendiz. O primeiro introduz o segundo na arte e na ciência da enfermagem com finalidade de capacitar para o exercício da profissão. Nas últimas décadas as ciências humanas e sociais têm clarificado a compreensão sobre o papel da relação professor aluno, sustentada por diversas abordagens pedagógicas.

Diante disto, espera-se que o presente estudo possibilite apresentação de propostas e estratégias passíveis de implementação, relacionadas à prática do professor dentro das instituições de ensino superior, com vistas a um ganho no processo ensino aprendizagem para o aluno e para o próprio docente

## 1.2 Hipótese

Considerando-se que o estudante universitário, neste nível de formação, não se constitui em mero espectador das aulas e, ao contrário, consegue elaborar uma avaliação acurada do professor em seu contato na sala de aula, o julgamento desse aluno sobre as habilidades expressivas do professor de enfermagem é compatível com a avaliação de *experts* fonoaudiólogos.

# *2 OBJETIVOS*

## 2.1 Geral

- Avaliar a expressividade do professor universitário de enfermagem ministrando aula e o julgamento dos alunos em relação a suas habilidades expressivas.

## 2.2 Específicos

- Identificar a expressividade do professor, segundo a avaliação de *experts* fonoaudiólogos;
- Identificar a expressividade do professor segundo a avaliação de alunos;
- Identificar a existência de diferenças entre a avaliação da expressividade do professor realizada por *experts* fonoaudiólogos e por alunos.

# 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 3.1 Expressividade

A expressividade é a forma da comunicação em que se consegue obter a atenção dos ouvintes, transmitindo as informações de forma clara, atraente, com credibilidade e energia. Envolve voz, fala e corpo e pode ser moldada para qualquer profissão que utiliza a comunicação em seu instrumento de trabalho (KYRILLOS, 2004). Ocorre no início da infância em atividades de sensibilização que apóiam e estimulam a expressividade adulta; tal fato é chamado de *Pré-expressividade* (FERNANDES, 2001).

O recém nascido, por meio dos seus gestos impulsivos, contorções ou espasmos corporais, envolvem as pessoas a sua volta, ninguém consegue ficar indiferente perto dele. Se estiver chorando ou se estiver sorrindo, quem está sua volta interpreta as reações do bebê de acordo com suas crenças, valores e expectativas, sendo levado a um clima de contagio por estas manifestações (GALVÃO, 2001).

O termo expressividade tem sido abordado com certa frequência, mas parece não haver ainda um conceito específico, mas sim, aceita-se a existência de recursos que permitem reconhecê-la em várias situações, podendo ser analisados diversos parâmetros em relação a este fenômeno (BARBOSA et al., 2009).

A expressividade oral aceita a voz e a fala e estes são inseparáveis. (VIOLA, 2006). Uma fala expressiva acontece quando é caracterizada por variabilidade de padrões melódicos e rítmicos, os quais referem aos sentidos fônicos que causam a impressão nos ouvintes (MADUREIRA, 2005).

A fala expressiva pode sofrer vários ajustes e isto dependerá da forma de produção desta voz. O aparelho fonador é dotado de plasticidade e, por causa disso, pode-se combinar a atuação das câmaras iniciadoras da corrente de ar (pulmões, laringe e véu palatino) e a quantidade de fluxo de ar, as direções da corrente de ar (ingressiva e egressiva), as modificações causadas pelo posicionamento das pregas vocais e pelos articuladores na formação das configurações do trato vocal. As combinações permitidas são numerosas e os efeitos acústicos variados compreendem modificações nos parâmetros de duração de frequência e intensidade. E é a partir das pistas acústicas depreendidas do sinal da fala, que o falante impressiona o ouvinte (MADUREIRA, 2005).

No caso do professor, a expressividade vai depender da sua voz, apesar de não exclusivamente dela, mas ela é um dos múltiplos aspectos relevantes para se transmitir uma mensagem. Há uma relação evidente entre voz, personalidade e o estado emocional. A afonia ou a voz que se apresenta alterada, faz a pessoa perder sua identidade. A aquisição e a integração do gesto vocal podem ser encaradas como conteúdo expressivo. Entretanto ressalta-se que a expressividade possui uma amplitude maior que a simples emissão vocal, ou seja, para o indivíduo conseguir se comunicar necessita mais que, simplesmente, o uso da própria voz (ESTIENE, 2004).

> [... Há várias maneiras de pronunciar um "sim", em resposta uma pergunta. Você gostou do filme? Imaginemos que você não gostou muito e quer dar uma resposta evasiva. Uma das maneiras de demonstrar isso seria alongar um pouco a vogal e modificar gradativamente o tom em direção ascendente. Entretanto, se quisesse afirmar categoricamente, a direção do tom seria provavelmente descendente e abrupta" (MADUREIRA, 2005, p. 17).]

Comunicar com naturalidade é de extrema importância, mas no momento da atuação de um profissional, seja ele professor, ator ou outro, a comunicação diante de alunos e platéia é artificial, ou seja, é construída, de forma diversa da fala espontânea, com o sujeito sentindo-se à vontade e, nem sempre, precisando pensar muito nas palavras e nos movimentos (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

A mensagem transmitida pelo professor dependerá da interação da suas habilidades comunicativas e deve ser realizada de forma clara e objetiva. Porém, estudos já identificaram e relacionaram os principais problemas que ocorrem com freqüência entre estes profissionais; entre eles, os mais encontrados são: uso abusivo da voz devido ao esforço para se fazer ouvir, despreparo vocal, salas de aula sem acústica, grande número de alunos, voz sem projeção, postura inadequada, ausência de microfone, entre outros.

Tais fatores poderão levá-lo a um prejuízo no desempenho de sua comunicação (BEHLAU, 2004; PINHO, 1998). Mesmo consciente desses problemas, o professor tende a continuar utilizando de modo abusivo a sua voz, porque a percebe como normal ou "adaptada, diferentemente da percepção de especialistas que a avaliam como desadaptada (ALVES, 2007).

Trabalhar habilidades comunicativas com professores significa realizar um trabalho voltado para expressividade relacionando a saúde destes trabalhadores à

sua qualidade na comunicação, pois eles deverão usar os recursos comunicativos adequados para melhorar seu desempenho, expressar com credibilidade e estes aspectos são relevantes ao processo de interesse e aprendizado do aluno.

Uma boa comunicação não deve ser apenas privilégio de poucos, como se as pessoas para se comunicarem necessitassem de uma espécie de dom. No entanto, sabe-se que só se comunica bem, quem pratica e quem se prepara e possui atitude para aperfeiçoar suas habilidades comunicativas (MENDES; JUNQUEIRA, 1999; POLITO, 2006).

A expressividade da fala deve ser ancorada em modelos de descrição fonética, gêneros, estilos orais sendo correlacionada com os aspectos perceptivo-auditivos e acústicos. A análise fonética deverá levar em conta o uso de variantes segmentais, padrões acentuais, entoacionais e ritmos, além de variações da taxa de elocução, pausas e ajustes de qualidade da voz. Então, pode-se afirmar que expressividade "*é o uso poético e mágico do som*". É uma característica das habilidades comunicativas (MADUREIRA; 2005 p. 19, grifo do autor).

### 3.1.1 Recursos da Expressividade

Tais recursos são não-verbais e verbais e constituem-se na comunicação feita pelos meios diferentes da palavra falada ou escrita, mas alguns autores referem que na comunicação não pode haver separação entre verbal e não verbal, pois existe uma inter-relação entre tais recursos (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

O peso do recurso verbal refere-se ao "o que falar" e o recurso não verbal a como falar. O que falar pode ser definido como o conteúdo da mensagem, enquanto que o como falar pode ser traduzido como mudanças na voz. O peso do recurso verbal e não verbal pode ser percebido nas atividades em que se mantêm o verbal, mas se modifica o não-verbal (CAMISA; GUIMARÃES; FARIA; 2007).

A comunicação oral depende de elementos verbais e não-verbais. Em relação à classificação dos recursos verbais e não verbais há controvérsias entre os autores, devido a isto, no presente estudo, optou-se por classificá-los conforme a proposta de Cotes, Feijó e Kyrillos (2003).

O domínio dos recursos verbais e não-verbais indica a diferença entre um profissional e um amador, ou seja, a eficiência da comunicação de um profissional pode ser mostrada através deste domínio.

## Recursos Verbais

São diversos os recursos verbais e entre eles cita-se a voz, a ressonância, a freqüência, a intensidade, o ataque vocal e a articulação.

## Voz

A voz é uma das formas de comunicações importantes para o professor, pois ao ministrar aulas, ele demonstra sua personalidade e a forma de transmissão da informação (VIERA e BEHLAU, 2009)

O comportamento fonatório humano constitui-se em um processo fisiológico complexo e ímpar; a primeira forma de comunicação do recém nascido com o mundo, por exemplo, é através do choro.

A voz tem origem no córtex cerebral, que ativa os núcleos motores do tronco cerebral e medula, transmitindo os impulsos nervosos para a musculatura da laringe, articuladores, tórax e abdômen (PINHO, 2003). É produzida na laringe onde se localizam as pregas vocais e o som é amplificado pelas caixas de ressonância. As pregas vocais estão posicionadas paralelamente no interior da laringe; ao inspirar, o ar entra nos pulmões e as pregas vocais se afastam. Ao falar, elas aproximam-se, o ar sai dos pulmões, passa pela laringe e as faz vibrar. A voz é resultado do equilíbrio entre duas forças: a força do ar que sai dos pulmões (aerodinâmica) e a força muscular da laringe (mioelástica), principalmente das pregas vocais (BEHLAU, 1995).

A voz depende da atividade de vários músculos que funcionam na produção, além da integridade de todos os grupos musculares (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003). Além de produção da voz, a laringe possui outra função primária que é a de proteção da via aérea até a traquéia; caso contrário, o resultado seria aspiração da saliva e do muco da orofaringe (FAWCUS, 2001).

A voz também é expressa pela emoção, constituinte de uma das extensões mais fortes da personalidade, o meio essencial para atingir o outro (BEHLAU, 2004). Nenhuma voz é igual, caracterizando-se como única para cada indivíduo e, nesse sentido, pode ser comparada com a impressão digital (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003). Dependendo da maneira como a voz é emitida, o ouvinte pode interpretar vários os sentidos que ela irá transmitir Pânico (2001) e este fato pode gerar um resultado negativo ou positivo, dependendo desta interpretação.

No caso do professor, é por intermédio da voz que ele pode encontrar realização pessoal e profissional nas relações sociais; através dela ele expressa e realiza sua interação social (PENTEADO e PEREIRA, 2007).

O uso intensivo da voz pode causar adoecimento vocal ao professor. Com relação aos conhecimentos e cuidados relacionados à voz deste professor, é necessário a existência de ações pedagógicas como programas de prevenção. O professor fala de forma intensa e usa a voz de forma inadequada em seu cotidiano (ROMANO et al.,2009). Em situação de uso vocal intenso e para não haver prejuízos na profissão, a voz deve ser agradável ao sujeito e produzida corretamente (ALVES et al., 2009).

Professores apresentam fatores de risco em seu processo laboral que favorecem o aparecimento de disfonias (SALAS et al., 2004). Eles aumentam o tom de voz, falam o tempo todo, competem com o ruído do ambiente, apresentam posturas inadequadas, tensão da musculatura cervical, não possuem hábitos de higiene vocal, fumam e enfrentam situações de angústia, ansiedade e estresse relacionado aos cargos e funções, jornadas duplas e triplas de trabalho. A auto-avaliação vocal, na maioria das vezes, indica satisfação com a voz, demonstrando que a categoria docente apresenta dificuldade para identificar as alterações vocais. Durante sua formação, os professores não são orientados quanto aos cuidados com a voz, ministrando aulas sem apresentar os cuidados mínimos e básicos para evitar a ocorrência de disfonias (ALVES et al., 2009).

Troni et al. (2006) referem que os fatores como alterações vocais podem levar à uma conseqüência na ensino-aprendizagem; o professor poderá apresentar dificuldades em passar o conteúdo com credibilidade. Acrescentei

Quando há harmonia muscular obtêm-se um som entendido como de boa qualidade, sem dificuldade ou desconforto para o indivíduo.

Considera-se a qualidade vocal, como o conjunto das características que identificam um som produzido pelas pregas vocais, levando as pessoas a construir uma imagem do falante, mesmo sem ao menos o tê-lo visto. Divide-se em tipo de voz, sistema de ressonância, frequência, intensidade, articulação, sotaque-regionalismo e velocidade de fala (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

Esta qualidade refere-se à avaliação perceptiva vocal, sendo que quando a voz está alterada por causa de alguma patologia, ela será classificada de acordo com os graus da alteração: leve, moderada e severa. Esta avaliação é subjetiva e

depende da experiência clínica do fonoaudiólogo (KYRILOS, 2003).

Boone e MacFarlane (2003) entendem que a qualidade vocal pode estar relacionada, principalmente, à ressonância supraglótica, porém importantes componentes do espectro do tom laríngeo têm suas origens no nível da glote.

O modo como as pregas vocais são aproximadas, frouxas ou estiradas, em parte determina a qualidade da voz. Muitos indivíduos são capazes de produzir diversas vozes diferentes, todas no mesmo nível de altura, variando as características de aproximação das pregas vocais. Um exemplo constitui-se na voz soprosa, que muitas vezes é produzida acrescentando vocalização à expiração contínua, com as pregas aproximando-se apenas suavemente uma da outra (BOONE, MACFARLANE, 2003).

A qualidade vocal é caracterizada pelos seguintes elementos:

**Ressonância**

O trato vocal inicia-se no nível da glote. O fluxo de ar e ondas sonoras passam pelo espaço ventricular entre as verdadeiras pregas e as pregas ventriculares. A epiglote serve como um defletor ou ressonador *sounding-board,* enquanto as ondas sonoras viajam entre as pregas ariepiglóticas para a hipofaringe, que é a cavidade diretamente acima do esôfago. Sua margem anterior inclui as estruturas a abertura da laringe; seus lados e parede posterior são compostos pelos constritores inferiores da laringe. A orofaringe fica um pouco antes da ponta da epiglote (BOONE, MACFARLANE, 2003).

Os pequenos espaços angulares entre a frente da epiglote e a parte posterior da língua são chamados de valécula. Cortando a mandíbula encontra-se, numa visão lateral, o corpo da língua que ocupa maior parte da cavidade oral e forma o soalho da cavidade em constante transformação. O palato duro é designado com o palato mole ou véu palatino, o teto da cavidade oral. Lábios, dentes, bochechas, desempenham papéis anteiores e laterais óbvios para moldar a cavidade oral. Constritores médios e superiores da faringe formam a parede muscular lateral e posterior da orofaringe (BOONE, MACFARLANE, 2003).

A região do fechamento velofaríngeo, necessário para a separação das cavidades oral e nasal, importantes para a ressonância oral, constitui-se na prega de *Passavant*, área do constrictor superior da faringe; a maioria dos sujeitos não tem

muito aumento desta. A parede posterior da faringe faz uma angulação para frente, formando a parede superior da nasofaringe e continuando adiante como a parede superior da cavidade nasal. O trato vocal assemelhe-se com a letra “F” porque o pórtico velofaringiano está aberto, conectando com as cavidades orais e nasais (BOONE, MACFARLANE, 2003).

O foco ressonantal encontra-se equilibrado quando há a participação harmônica dessas estruturas ou a predominância posterior (baixa), nasal ou oral (KYRILOS, 2003).

**Frequência**

É um tom que se usa para falar. Pode ser grave (grosso), médio ou agudo (fino); é determinada pela velocidade dos movimentos das pregas vocais. É adequada de acordo com sexo e à idade. Homens apresentam voz mais grave, do que as mulheres (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

A frequência fundamental relaciona-se diretamente a quantos fechamentos e aberturas (ciclos) as pregas vocais fazem em um segundo. A velocidade de vibração relaciona-se a sua espessura-comprimento-elasticidade. Uma prega curta, espessa e um tanto frouxa vibra em uma velocidade muito mais lenta (desse modo, produzindo uma altura grave) do que uma prega vocal longa, fina e tensa que produzirá um tom mais agudo. O aumento de altura relaciona-se diretamente com o alongamento das pregas vocais com uma diminuição correspondente de massa de tecido e um aumento de elasticidade de tecido de prega. Abaixar a altura relaciona-se diretamente ao encurtamento das pregas (BOONE e MACFARLANE, 2003).

O que permite ao ouvido humano distinguir dois sons de mesma freqüência e intensidade é o timbre, o qual varia essencialmente de acordo com a composição de harmônicos associados à freqüência fundamental de duas ondas sonoras distintas (MEDEIROS, 2010).

**Intensidade**

É a qualidade que nos permite diferenciar um volume o fraco do forte; a intensidade exagerada leva a impressão que a pessoa está gritando (COTES;

FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

**Ataque Vocal**

É a maneira que se inicia o som e está relacionado à configuração glótica no momento da emissão. Pode ser de três formas: isocrônico, brusco e soproso. É esperado que as pessoas utilizem o ataque vocal isocrônico (mesmo tempo), também chamado de ataque suave e equilibrado (BEHLAU, 2004).

O ataque vocal isocrônico é a maneira de iniciar o som porque coincide com o início da vibração da mucosa e ocorre na fase expiratória da respiração; o brusco ocorre devido a uma coaptação insuficiente das pregas vocais, as quais não conseguem se aproximar o suficiente e vencer a força do fluxo de ar. Já o soproso o início da expiração coincide com o início da vibração da mucosa das pregas vocais, sem perda de ar ou excesso de tensão (BEHLAU, 2001).

**Articulação**

É o controle dos órgãos fono-articulatórios que permitirá ao indivíduo transmitir ao ouvinte o desejo de ser compreendido com sons bem precisos. Uma dificuldade na organização mental e não preocupação em ser compreendido faz com que a articulação seja mal definida. A velocidade representa a fluência da fala e relaciona-se com a coordenação e o controle da corrente de ar e articulação dos sons da fala (BEHLAU, 2001).

O ritmo ou velocidade de fala normalmente está na faixa de 130 a 180 palavras por minuto; deve-se procurar uma velocidade média. O ritmo acelerado pode prejudicar a precisão dos sons emitidos, porque não há tempo para fazer todos os movimentos necessários à perfeita articulação (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

Em relação ao professor, ele deve ter a articulação clara e precisa e demonstrar credibilidade; caso contrário, ele pode transmitir a sensação, ao ouvinte, que está apresentando dificuldade na organização das idéias e falta de vontade de comunicar (VIERA e BEHLAU, 2009).

## Recursos Vocais

De acordo com a forma com que a pessoa utiliza os recursos vocais, ela é considerada mais ou menos expressiva (KYRILLOS, 2005). Estes recursos são constituídos dos seguintes elementos:

## Ênfase

É o realce por meio da voz, devendo ser dada à palavra que se considera mais expressiva dentro de uma frase e que transmita a essência da mensagem. É quando se ressalta uma palavra entre outros elementos do enunciado para valorizar o seu significado (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

Funciona como grifo, como reforço nas palavras grifadas. É obtida com reforço da intensidade, articulação e velocidade mais lenta (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

Ênfases devem ser usadas nas palavras de valor. Deverão valorizar o assunto de maneira eficiente (KYRILLOS, 2003). Ocorrem de acordo com a intenção do discurso (ANDRADE; COTES; KYRILLOS, 2002).

## Inflexão

É a melodia da fala e pode variar de maneira ascendente e descendente. Inflexão ascendente indica, por exemplo, uma interrogação e geralmente está associada aos sentimentos positivos e alegres. Já a descendente pode indicar a conclusão de um discurso e também fatos mais sérios e até mesmo tristes (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

## Pausas

São ferramentas importantes para a fala expressiva. Há pessoas que as utilizam, principalmente, quando estão lendo (pausas fisiológicas). O ideal é a utilização de pausas expressivas, separando blocos de significado e aproveitar o momento destas pausas para respirar (KYRILLOS, 2005).

Viola (2008) acrescenta que as pausas, mesmo em se tratando de um

poema ou um diálogo, podem ou não coincidir com a pontuação. Para Mercatelli (2005), as pausas na escrita são marcadas pela pontuação, mas na fala, não se respira a cada vírgula. Elas são usadas quando se quer finalizar um assunto ou realizar a mudança do mesmo.

Pausas devem gerar expectativas em quem ouve; elas quebram o ritmo e o momento do silêncio permanece, levando à reflexão do ouvinte; constituem-se, também, em uma forma de mudar o sentido da informação. As pausas também podem gerar dúvidas e comprometer o conteúdo da mensagem e se não forem usadas de forma efetiva, poderão trazer danos à expressividade (JUNG, 2005).

**Ritmo ou velocidade de fala**

Representa

> "a musicalidade da fala, a pronúncia correta das palavras, levando em conta a sua acentuação, a alternância da altura da voz e da velocidade que se imprime às frases, ora alta, oral normal, ora baixa; rápida em certos momentos, lenta em outros" (POLITO, 1991, p. 55)

Contribuem ainda para a comunicação eficiente, os seguintes elementos:

**Recursos Não verbais**

Constituem-se no recurso corporal, na expressão facial, nas mãos e braços, na postura corporal, meneios de cabeça, recursos vocais, ênfase, inflexão, pausas e por último no ritmo ou velocidade da fala. Em cerca de 70% da expressividade de um comunicador está presente a comunicação não-verbal, pois a a pessoa que está recebendo a mensagem concentra-se em como se diz. Mas, a comunicação torna-se efetiva com a interação entre os recursos vocais, não-verbais e verbais (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

Cerca de 93% da comunicação é de responsabilidade dos recursos não-verbais, sendo, 55% de postura, uso de gestos e expressão facial e 38% de voz e suas inflexões (CAMISA; GUIMARÃES; FARIA; 2007).

**Recurso Corporal**

Os recursos corporais constituem-se em facilitadores da emissão das

informações e, também, em elementos complementadores (VIERA e BEHLAU, 2009),

Quando o homem se comunica o corpo fala. O gesto será a interpretação da mensagem (POLITO, 1991). Por meio do corpo o indivíduo comunica idéias, emoções e pensamentos; Quando em movimento, os gestos são sempre expressivos. Como exemplo, pode-se citar a expressão do ator: o espectador assiste ao trabalho desse profissional em sua totalidade e percebe, ao mesmo tempo, a sua expressão (o que ele expressa) e a maneira, como isto acontece, ou seja, como ele se expressa (OKAMOTO, 2004).

Atualmente há estudos acerca do corpo, sendo desenvolvidos no campo da anatomia, cinesiologia, fisiologia e neurologia, entre outros. As pessoas começaram a perceber que ele significa algo maior que um simples instrumento; ele carrega um significado e não pode ser separado do contexto social, cultural e biológico. Com a evolução humana aconteceram várias transformações do corpo; um corpo de 400 anos atrás não é o mesmo de hoje (VINE, 2005). Há diferenças em tamanho, peso, cor de pele, de cabelo e outras características que podem ser influenciadas por elementos variados como clima, temperatura, alimentação, hábitos em geral, além de fatores como a hereditariedade.

Fernandes (2001) na investigação intitulada “Esculturas líquidas: a pré-expressividade e a forma fluida na dança educativa (pós) moderna” realizou um estudo do corpo, da expressividade, da forma e do espaço, buscando o desenvolvimento de qualidades sutis no movimento.

Na fala espontânea os gestos ocorrem naturalmente acompanhando o raciocínio. Algumas pessoas gesticulam mais, outras menos, mas para a pessoa ser mais ou menos expressiva dependerá do seu treino (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

Existe uma correlação entre gesto e entonação vocal, de acordo com as freqüências graves e agudas da voz com movimentos de cabeça e gestos.

Na voz profissional a qualidade da emissão vocal deve ser clara e precisa para não haver interpretações equivocadas do conteúdo a ser transmitido, como é o caso dos professores. Com isto pode ser comum haver erros nos gestos corporais. Como exemplo pode-se citar a repetição de gestos e a sua ausência e ou excesso; tais movimentos inadequados levam a não credibilidade da mensagem, que está sendo transmitida (POLITO, 2006).

Vieira e Behlau (2009) pontuam que o uso dos gestos irá complementar o conteúdo emitido.

**Expressão Facial**

Entende-se por expressão a maneira de exteriorizar pensamentos e sentimentos por meio de gestos ou palavras, escritas ou faladas. A expressão facial é o aspecto do rosto determinado pelo estado físico ou emocional; é o semblante, é entendido como cara, aparência (MICHAELLIS, 2000). Polito (1987) explica que o semblante é a parte mais expressiva do corpo.

A boca comunica quando fala e, também, quando permanece calada. Ela determina a simpatia do semblante e contém os mais variados recursos a serem expressos. Pode comunicar alegria, tristeza, ironia, desprezo, ternura, amargura, decepção, entre outros (POLITO, 1987).

Por intermédio da expressão facial são transmitidas muitas informações não-verbais enriquecendo o potencial comunicativo, trazendo informações e conteúdo emocional (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

Galvão (2001) também reforça que os atos são passados pelas gerações. Por exemplo, o ato de cuspir algo perigoso ou venenoso causa a expressão de nojo e esta repetição de atos leva para a expressão facial o estado afetivo concomitante, sendo que em outras situações semelhantes, a pessoa poderá produzir esta expressão facial.

A expressão facial depende então, de uma variedade de músculos da face que trabalham de formas e expressões variadas. Há expressões que são naturais e instintivas como as de dor e de choro; isto acontece, por exemplo, com o recém nascido para se comunicar com seus pais; há também as expressões que demonstram ansiedade, tristeza e alegria, entre outras (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS; 2003).

Movimentos expressivos podem ser indicadores de estados subjetivos no bebê recém-nascido. A análise dessas reações (choro e expressões faciais de agrado e desagrado) evidencia sintonia com o ambiente e variabilidade individual. Considerando-se o bebê como ser social e altamente comunicativo, estas evidências permitem admitir uma correspondência estreita entre movimentos expressivos e estados internos, um pressuposto comum às teorias de emoção (BERGAMASCO,

1997).

Movimentos faciais são considerados como um dos indicadores de consciência, ao lado de outros movimentos expressivos, reações fisiológicas e relatos verbais (ENGELMANN,1991).

Pessoas com rostos expressivos são consideradas mais confiantes e agradáveis. Mudanças faciais vão servir de marcadores de palavras e orações, para enfatizar uma idéia; o ideal é movimento de elevação ou abaixamento das sobrancelhas, assim como piscar ou fixar o olhar (KYRILLOS, 2003).

**Mãos, Braços e Pernas**

As pernas sustentam o corpo e podem, dependendo do seu posicionamento, tornar a postura um elemento positivo na comunicação ou, ao contrário, ser um elemento desfavorável. Em relação aos braços e mãos há uma série de erros que podem afetar a comunicação, como: mãos atrás das costas, nos bolsos, braços cruzados, gestos abaixo da linha da cintura e acima da linha da cabeça, apoiar-se sobre a mesa, cadeira, apoiar-se nos cotovelos, entre outros gestos, que podem prejudicar a apresentação ou aula (POLITO, 1987).

Gestos manuais refletem o que há de importante na informação (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003). Gestos de mãos devem ocorrer a cada idéia, ou seja, as mãos podem se movimentar quase o tempo todo (POLITO, 1991).

Os gestos de forma geral demonstram algo que está acontecendo. Por exemplo, se a criança faz algo considerado errado, esconde-se atrás de um móvel, pois a situação torna-se ameaçadora; ao crescer estes gestos vão se tornando mais sofisticados. Gestos de cruzar braços e pernas tornam-se mais nítido na adolescência. Na fase adulta este tipo de gesto pode ser percebido de forma mais intensa; é uma demonstração inconsciente de bloquear tudo que se percebe que pode ser uma ameaça ou representar circunstâncias indesejáveis. Macacos e chimpanzés fazem o mesmo para se protegerem de ataques frontais e tal postura pode demonstrar uma reação nervosa, negativa ou defensiva. O ideal é inclinar para frente, permanecendo numa postura mais aberta e, consequentemente, mais receptiva. Podem-se associar as mãos e braços, colocando-se as mãos espalmadas e os braços levemente abertos (ALLAN; PEASE, 2005). O importante é que movimentos de braços e mãos interpretem o conteúdo exposto.

Os gestos apresentam várias funções e no caso de um orador vão servir para interpretar corretamente o sentimento, complementar a mensagem transmitida pelas palavras e auxiliar no seu transporte, determinar dentro da frase a informação mais relevante, corresponder ao tom de voz e tomar o lugar de palavras não pronunciadas (POLITO, 1987). É evidente que estas funções adequam-se ao caso do professor que precisa transmitir conteúdos didáticos aos alunos.

**Postura Corporal**

É importante o professor conhecer os sinais não verbais que os alunos transmitem, para realizar uma auto-avaliação da sua postura, que interfere no aprendizado do aluno (CASTRO e Silva, 2001).

O movimento corporal é a forma como cada pessoa se manifesta, o corpo exprime e esta é uma forma de apresentar-se disponível e também de integração com as pessoas em sua volta, possibilitando esta maneira de comunicação (SILVA e SCHWARTZ, 1999).

Há de se ter cuidados com a postura; as atitudes, a maneira de sentar-se, de olhar ou analisar o ambiente, de cruzar ou descruzar as pernas ou outros gestos costumam ser atentamente observados pela platéia (POLITO, 1987).

No caso do professor essa platéia é constituída por seus alunos que, de imediato, antes mesmo do início da aula, conseguem identificar a segurança ou insegurança ou outros sentimentos apresentados pelo professor.

Para haver uma maior expressividade do corpo, a postura corporal deve ser flexível e a musculatura relaxada, possibilitando o desenvolvimento de uma linguagem corporal harmoniosa. Como o corpo pode revelar sobre o sujeito, isso pode ser de forma positiva ou negativa; os movimentos podem refletir sobre a personalidade e o estado emocional, ou seja, a autoconfiança, ansiedade, tranqüilidade ou ansiedade; quando acontecem de forma adequada, valorizando a apresentação do conteúdo nas aulas, a linguagem corporal deve passar a impressão de equilíbrio emocional (GONÇALVES, 2000).

Fisiologicamente a postura corporal durante a fala deverá está livre e acompanhar o discurso, sem movimentos excessivos, para não haver prejuízos à comunicação (BEHLAU et al., 2001).

A postura adequada é de grande valia para uma adequada impostação

vocal. A postura inadequada reflete diretamente na projeção vocal, o indivíduo não consegue projetar sua voz de maneira eficaz (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003). A impostação vocal é imprescindível ao professor, porque ele nem sempre tem um microfone a sua disposição e, devido a isso, precisa falar alto e prejudica sua prega vocal.

Para possibilitar a livre movimentação da laringe e a projeção da voz adequada, a postura ideal para falar deve ser com a manutenção de um eixo vertical entre a coluna cervical e o resto da coluna vertebral; ele deverá ser mantido reto, sem quebras no sentido lateral ou ântero-posterior (BEHLAU; AZEVEDO; PONTES, 2001).

Com relação à imagem do professor, a postura influencia no recurso não-verbal, pois mostra a empatia e envolvimento ao seu interlocutor. Mudança de postura indica um início ou término de um discurso (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

É importante evitar gestos nervosos e tensos, como também movimentar o corpo excessivamente, colocar mãos nos bolsos, balançar as pernas, ficar cruzando ou estalando os dedos e entre outros movimentos (POLITO, 2006).

**Meneios de Cabeça**

A posição da cabeça deve guardar equilíbrio com o restante do corpo e serve para complementar ou indicar idéias afirmativas ou negativas. A cabeça é um elemento importante na comunicação do corpo, devendo seu posicionamento e movimentação criteriosamente observados (POLITO, 1987).

Meneios de cabeça servem para pontuar frases, acompanhar a entonação e reforçá-la. A sua ausência leva a apatia e rigidez. O ideal é controlar os meneios de cabeça de acordo com a entonação vocal (COTES; FEIJÓ; KYRILLOS, 2003).

Para quem deseja comunicar mensagens indicativas de tristeza, sofrimento, dor, desolação a cabeça deve permanecer baixa; ao contrário, a mensagem de desafio, coragem e brio é indicada pela cabeça levantada. A movimentação da cabeça quando acompanha o ritmo e a cadência da fala e corresponde à ênfase da informação contribui para melhorar a comunicação (POLITO, 1987).

## 3.2 O professor universitário e sua expressividade

O professor universitário deve educar para a vida e ensinar valores éticos e morais, além dos valores profissionais. Deve ensinar com seus exemplos, também, além do ensino formal em sala de aula.

Para Friedlander e Moreira (2006), o docente responsável pelo processo de formação do ensino e sua avaliação pode ajudar na melhoria do ensino.

Barbosa et al. (2009) referem que a docência constitui-se como uma atividade social em que a comunicação é uma ferramenta de trabalho, uma vez que existe uma interação entre interlocutores que acontece por meio do uso da linguagem.

Com o avanço tecnológico e o mundo globalizado, o conhecimento humano está crescendo de forma acelerada e com isso é necessário que o professor tenha dinamismo e consiga ter acesso a todas as fontes de informações e, mais ainda, saiba transmitir este conhecimento com expressão e forma eficiente.

Castro e Silva (2001) entendem que o professor deve fazer uma relação do conteúdo que está emitindo com sua vivencia e realizar isto em seu cotidiano.

A sala de aula é o local de comunicação e o professor irá transmitir seus conhecimentos por meio de sua forma de expressar-se e fazer com que os alunos aprendam, de forma efetiva.

Hunt, Simonds, Cooper (2001) realizaram um estudo que mostrou a importância das habilidades comunicativas na formação do professor. A motivação para tal estudo foram os relatórios recebidos do sistema educacional que informaram a falta de preparação dos educadores com relação às habilidades comunicativas. Diante deste fato, foi sugerida a necessidade do professor submeter-se a um curso, objetivando o desenvolvimento de uma maior compreensão da comunicação no processo de sala de aula, uma maior consciência do impacto da sua comunicação no julgamento pelos alunos e uma variedade de habilidades de comunicação aplicáveis à sala de aula.

Mais especificamente, este curso deveria ser destinado a:

1. Melhorar a comunicação das competências dos professores já na sua formação acadêmica, para que eles aumentem a sua compreensão sobre os processos de comunicação e os interlocutores neles envolvidos. Os

futuros professores desenvolveriam tanto as habilidades necessárias para refletir criticamente sobre a sala de aula quanto os comportamentos adaptativos baseados no contexto e *feedback* dos outros.

2. Desenvolver a consciência sobre a dinâmica da sala de aula e sua interação, especialmente para compreender e sempre colocar em prática a comunicação.
3. Desenvolver a consciência de como os princípios de comunicação, como auto-conceito, auto-estima, percepção podem afetar o clima de comunicação e podem contribuir para as relações interpessoais entre o professor e o aluno.
4. Melhorar a capacidade do professor ser conciso e de comunicar com clareza. O conteúdo das aulas é ministrado para um público que sempre será diversificado. O professor deve ser preparado especificamente para desenvolver habilidades de ensino na interação verbal com a prática e, também, superar ambientes tradicionais, não tradicionais e multicultural, bem como aguçar a sua capacidade de analisar e avaliar a comunicação dos outros em diversos momentos, desenvolvendo assim habilidades de projetar e incorporar uma variedade de estratégias de ensino (ou seja, palestra, debate, atividades experienciais) para atender as necessidades de aprendizagem de um público.
5. Auxiliar o professor no desenvolvimento da capacidade de organizar, desenvolver e apresentar os conceitos, teorias, idéias e eventos; desenvolver a capacidade de avaliar e apreciar um instrutivo comportamento através da tecnologia de vídeo gravado, e por fim, habilidade de controlar ou superar sua ansiedade (HUNT; SIMONDS; COOPER;2001) e (SIMONDS, 2008).

Chaves, Coutinho e Mortimer (2009) explicam que a atividade docente constitui-se como social, na qual as interações constroem os sentidos e as relações em sala de aula. Professores devem ser hábeis na competência comunicativa e nas práticas de interação, que estão relacionadas com as aptidões naturais e experiência.

"A qualidade da ação comunicativa em sala de aula é determinada por

> múltiplas dimensões de expressividade... sabe-se que o uso da expressividade pode ser construído, ou seja, o docente pode transformar seus discursos e aprimorar sua ação a fim de produzir estratégias comunicativas mais efetivas e estimulantes para seus alunos" (CHAVES; COUTINHO; MORTIMER, 2009 p. 2).

No caso do professor universitário, seu cotidiano é conflitante e agitado; uma de suas tarefas é preparar seus discípulos para o enfrentamento do futuro profissional, já que irão enfrentar o mercado de trabalho e, este fato, torna a responsabilidade de sua tarefa ainda maior.

Segundo Pachane (2003) o professor possui várias funções que englobam mais que somente realizar pesquisas e ministrar aulas. Há uma série de responsabilidades que podem ser listadas, tais como:

- Tarefas de planejamento;
- Exercício da docência;
- Realização de orientações e prestações de serviços à comunidade;
- Assessorias e consultorias;
- Comprometimento com a descoberta de novos saberes e sua divulgação;
- Responsabilidade de sempre dizer a verdade;
- Participação em numerosos grupos/comissões intra e extra-universidade;
- Palestras, realização de cursos, conferências, entre outros. (PACHANE, 2003)

Estas incumbências tornam a responsabilidade de suas tarefas ainda maiores.

Alves (2007) estudou as vozes de professores universitários, que trabalham em período integral; o tempo máximo de uso da voz em sala de aula, apontado por eles, foi cinco horas por dia. Normalmente o professor universitário, entre suas atividades, utiliza seu tempo para orientações aos alunos de graduação, iniciação científica, pós-graduação, além de realizar as funções administrativas, adicionando as responsabilidades que cada docente tem que cumprir de cada cargo dentro do seu setor de trabalho, além de permanecer tenso e agitado. Notoriamente, pôde observar o grau de estresse que acompanha o professor no seu comportamento organizacional durante as suas atividades letivas, fato esse que lhe

pode acarretar prejuízos vocais em seu labor.

Particularmente nas universidades públicas, o professor universitário é muito atarefado no seu cotidiano, pois tem um planejamento a seguir, um cronograma de aulas, realização de projetos, de pesquisa e de extensão e muitas vezes, esquece-se do seu desempenho como professor, ou seja, sua comunicação efetiva, fato este, ser um requisito importante para a otimização de sua atuação profissional.

Quanto a sua didática, entende-se que conhece a matéria, mas muitas vezes não sabe ou não consegue transmiti-la com adequacidade aos alunos. Às vezes, o professor parece estar mais preocupado na elaboração de projetos universitários e de pesquisa do que com o próprio ensino (PACHANE, 2003). Ele pode conhecer bem o conteúdo a ser ministrado, mas muitas vezes, não sabe ensinar porque não usa a expressividade de forma efetiva (POLITO, 1996).

Alguns estudos descreveram a expressividade do professor. Barbosa et al. (2009) realizaram estudo sobre expressividade do professor universitário em Minas Gerais como fator cognitivo no ensino-aprendizagem, com objetivo de investigar os recursos expressivos verbais e vocais, bem como os recursos não verbais. Foram filmados 13 professores universitários; a metodologia foi à combinação de abordagem qualitativa e quantitativa em que a expressividade verbal foi avaliada por meio da análise acústica e dos padrões de fluência da fala e a expressividade não verbal por meio de teste de reconhecimento da expressão facial em filmagens. Como resultado encontrou-se que as emoções interferem na fluência do indivíduo, possivelmente nos padrões de *pitch e loudness* e nos parâmetros não verbais.

Estudo sobre a expressividade oral dos professores e análise de recursos vocais teve como objetivo avaliar a qualidade da voz, a variação de *loudness* e *pitch*, o alongamento da sílaba, a velocidade de fala, a pausa e a articulação presentes em trechos de fala de quatro professoras do ensino médio de um colégio particular de São Paulo. A metodologia utilizada foi a gravação da aula; foram selecionados trechos das falas, analisados pelos futuros professores que eram alunos do primeiro ano do Curso de Pedagogia de uma universidade pública paulista. Concluiu-se que o modo de falar das professoras influenciou tanto de maneira positiva como negativa; os alunos de pedagogia atribuíram características psicológicas e físicas às professoras avaliadas, bem como determinaram os recursos vocais responsáveis pela sua expressividade oral (ARRUDA, 2003).

A expressividade também foi investigada em outros profissionais. A expressividade oral e os recursos lingüísticos discursivos utilizados por tele operadores foram estudados, identificando-se como estes recursos da comunicação oral relacionavam-se com o desempenho profissional e com a sensação de atitude gerada nos prováveis clientes (FERREIRA, 2007).

Foi realizado um estudo em uma central de Telemarketing que realizava o acolhimento e solicitações de clientes, na cidade de São Paulo. Constatou-se que supervisores e teleoperadores nunca receberam orientação em comunicação oral, não contavam com *scripts* rígidos de atendimento, que tornam obrigatório seguir um trabalho prescrito e utilizam o processo de monitoria para avaliar o desempenho dos seus profissionais, mas sem aprofundar na comunicação oral. A partir dos resultados da monitoria técnica da central, foram eleitas duas teleoperadoras por sua constância, nos três meses anteriores a essa intervenção, uma apresentando desempenho técnico abaixo do esperado e outra com desempenho técnico dentro do esperado. De cada uma selecionou-se um atendimento completo com duração e solicitação dos clientes semelhantes. Constatou-se que o desempenho dos teleoperadores, avaliado por fonoaudiólogos, pela empresa e pelos próprios clientes, está relacionado à comunicação oral. Mais competentes são aqueles que utilizam determinados ajustes de qualidade e dinâmica vocal, na composição da expressividade oral e escolhas lingüístico-discursivas (FERREIRA, 2007).

Encontrou-se também um estudo sobre a expressividade no teatro, o qual descreve uma forma conceitual e prática sobre os processos de expressão e expressividade. Após estes conceitos teóricos, foi apresentado um projeto de preparação prática junto com os atores de teatro (GAYOTTO; SOUZA, 2005).

## 3.3 O professor da universidade pública

A universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo.

Há no interior da instituição universitária a presença de opiniões, atitudes e projetos conflitantes que exprimem divisões e contradições da sociedade. A universidade pública brasileira sofreu mudanças definidas pela reforma do Estado

como organização social. Iniciaram-se os contratos de gestão; a avaliação por produtividade; a flexibilidade; a diminuição dos tempos de formação; o entendimento da docência como mera transmissão de conhecimentos e a realização da pesquisa operacional. Os pontos fundamentais para a mudança da universidade pública, na perspectiva da formação e da democratização são: colocar-se contra a exclusão social; redefinir e afirmar a autonomia universitária; desfazer a confusão entre democratização do ensino superior e massificação; revalorizar a docência como processo de formação; revalorizar a pesquisa, orientando-a pela idéia de cidadania e exigindo o financiamento por fundos públicos redefinidos; adotar perspectiva claramente crítica com relação às idéias de sociedade do conhecimento e de educação permanente ou continuada (CHAUÍ, 2003).

O professor quando se insere na universidade pública tem várias atividades diferenciadas e dedicação que algumas universidades privadas não exigem.

A pesquisa, por exemplo, na universidade pública é uma exigência; com isso, pode aumentar o nível de estresse e o professor passa a se preocupar com suas atividades e esquece-se de cuidar das suas habilidades comunicativas.

Segundo Pachane (2003) são citadas também como funções que compõem o trabalho do professor universitário as seguintes:

- Estudo e pesquisa;
- Docência;
- Organização e aperfeiçoamento de ambas;
- Inovação e a comunicação das inovações pedagógicas;
- Orientação (tutoria) e a avaliação dos alunos;
- Participação responsável na seleção de outros professores;
- Avaliação da docência e da investigação;
- Participação na gestão acadêmica;
- Estabelecimento de relações e intercâmbio departamental e inter-universitário;
- Contribuição para criar um clima de colaboração entre pares (PACHANE, 2003).

Nesse sentido, o tema da expressividade é relevante e necessário de ser

estudado no ambiente da universidade. Se o professor universitário é detentor de conhecimento, mas não é expressivo pode ocasionar prejuízos para a transmissão de conhecimentos, em suas aulas.

Conforme foi exposto, tanto a voz como a expressão corporal e facial podem interferir negativamente no desenvolvimento dos conteúdos tornando-os incompreensíveis ou pouco agradáveis aos alunos. Este dado mostra a relevância que a expressividade (ou sua ausência) tem sobre a transmissão do conhecimento.

Os professores devem envolver seus alunos nas suas informações. A comunicação envolve o outro e o considera; o receptor interpreta o que se fala (PANICO, 2001).

No caso específico das instituições de ensino superior de Enfermagem, que formam os profissionais de nível universitário, os conteúdos a serem transmitidos são extensos, árduos e complexos. A Enfermagem é uma profissão que lida com a vida, a morte, o prazer e o sofrimento na execução de seu trabalho. Para o profissional ser adequadamente formado, há necessidade de um importante processo integrativo entre professor e aluno, já que o ensino vai envolver aspectos técnicos e científicos, com características da atenção ao outro, do cuidado a ser ministrado e dos procedimentos apropriados para a realização de atividades assistenciais qualificadas. Para que este processo de formação seja realizado de modo apropriado há necessidade dos professores serem expressivos.

# 4. MATERIAL E MÉTODOS

## 4.1 Delineamento do Estudo

Estudo descritivo, com abordagem quantitativa, uma vez que descreve as características de determinada população/fenômeno e estabelece relações entre variáveis (TRIVIÑUS, 1987). Busca prescindir a subjetividade dos participantes/*experts,* contando com instrumentos de avaliação próprios, cujas respostas são passíveis de quantificação e análise estatística.

No presente estudo, a expressividade do professor de enfermagem de uma instituição superior durante a atividade letiva, foi investigada por meio de um protocolo específico para a coleta das informações.

## 4.2 Campo de realização

Como o presente estudo foi desenvolvido na Universidade de São Paulo (USP), algumas informações sobre esta instituição pública fazem-se necessárias.

A USP é a maior universidade pública brasileira e foi fundada em 1934. É uma autarquia ligada à Secretaria de Estado de Ensino Superior de São Paulo. Tem sido reconhecida por diferentes *rankings* mundiais e alcançado importantes colocações em relação às demais universidades dos vários continentes, sendo a primeira colocada entre as universidades latino-americanas. Esse desempenho permite-lhe integrar um seleto grupo de instituições de padrão mundial. Sua graduação é formada por 229 cursos, dedicados a todas as áreas do conhecimento, distribuído em 40 unidades e oferecido a quase 56 mil alunos; sua pós-graduação é responsável por cerca de 28% da produção científica brasileira. Possui 230 programas de pós-graduação (o que representa cerca de 10% dos cursos oferecidos no Brasil) e 22 mil alunos (USP, 2010).

A Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP) é uma de suas unidades e o local escolhido para o desenvolvimento deste estudo. Esta Escola conta, em 2010, com 96 professores em exercício ativo, conforme informações da Seção de Recursos Humanos, responsáveis pelos seus cursos de graduação e pós-graduação *stricto* e *lato sensu.* Possui 567 alunos do curso de graduação em enfermagem, matriculados nos cursos de bacharelado e licenciatura (USP, EERP,

2010).

O curso de bacharelado em Enfermagem confere ao aluno o título de Bacharel em Enfermagem, oferece 80 vagas anuais, além das destinadas aos alunos estrangeiros; sua duração é de oito semestres em período integral. Seus objetivos são**:** formar o profissional enfermeiro, com competência técnica, política, ética e humana para atuar na prática assistencial nos distintos campos de atuação, responsabilizando-se pelos destinos de uma sociedade que se deseja justa, democrática e auto-sustentável (USP, EERP, 2010).

O curso de Licenciatura em Enfermagem confere o grau de Licenciado em Enfermagem e o título de Enfermeiro. Seus objetivos são: formar o Enfermeiro Licenciado em Enfermagem, capacitado para atuar na promoção da saúde na educação básica e profissional em enfermagem, bem como na prática assistencial de enfermagem nos distintos campos de atuação; com competência técnica, política, ética e humana, socialmente crítico e responsável pelos destinos de uma sociedade que se deseja justa, democrática e auto-sustentável. A duração deste curso é de 10 semestres (USP, EERP, 2010).

O Bacharelado é em período integral (manhã e tarde) e a Licenciatura acontece no período noturno, com atividades práticas no período vespertino e aos sábados. Pesquisas realizadas para o Guia do Estudante, há mais de uma década, mostra que a EERP-USP lidera o *ranking* de cursos de graduação no Brasil. Até 2008, a Escola havia formado 2407 bacharéis em Enfermagem, mas não formou, ainda, até a presente data (julho de 2010), a primeira turma de licenciatura, pois o curso iniciou-se em 2006 (USP, EERP, 2010).

## 4.3 População

A população de professores constitui-se de 96 pessoas lotadas em três departamentos da instituição, a maioria com formação-graduação em enfermagem.

A população de alunos de graduação em enfermagem matriculados é de 567 pessoas, distribuídas entre os oito semestres dos cursos de bacharelado e os dez semestres do curso de licenciatura (325 do curso de bacharelado e 242 do curso de licenciatura).

## 4.4 Amostra

### 4.4.1 Dos professores:

Para concretização do estudo foram feitos convites a três professores da instituição, que seriam analisados quanto à sua expressividade ao ministrar aulas. Os critérios para seleção destes professores foram os seguintes: pertencer ao corpo docente efetivo da instituição, estar em atividade acadêmica regular, trabalhar há mais de um ano na EERP-USP e não ser conhecido pelos alunos, por ministrar conteúdos teórico-práticos em semestres posteriores aos cursados pelo grupo de alunos participantes da pesquisa e consentir a participação na pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) conforme recomendações éticas nacionais (BRASIL, 1996). No entanto apenas um professor aceitou fazer parte do estudo, configurando-se, então, como o Professor Participante (PP).

Também foi realizado contato prévio com outro professor, que se constituiu no Professor-Teste (PT) que concordou nesta participação, na condição de apenas ser realizada a confiabilidade do Questionário de Avaliação do Aluno (QAA1) (Apêndice 1), por parte dos *experts* fonoaudiólogos. O PT também assinou o TCLE.

### 4.4.2 Dos alunos

Os critérios para seleção destes estudantes foram os que se seguem: ser aluno regular da EERP-USP, estar matriculado em disciplinas relativas aos primeiros e segundos anos (ou primeiro ao quarto semestre) dos cursos de bacharelado e licenciatura em enfermagem, não conhecer os professores que seriam avaliados quanto a sua expressividade e consentirem a participação na pesquisa, assinando o TCLE, obedecendo-se às normatizações éticas (BRASIL, 1996).

Obedecidos tais critérios, a amostra, inicialmente, foi constituída por 167 estudantes matriculados nos primeiros e segundos anos dos dois cursos existentes na Unidade, totalizando quatro turmas. As turmas 1 e 2 eram constituídas por alunos dos primeiros anos, tanto do curso de bacharelado como do curso de licenciatura; as turmas 3 e 4 eram compostas por alunos dos segundos anos, de ambos os cursos.

Estes alunos das quatro turmas representam 29,45% em relação ao número total de graduandos em enfermagem e 64,23% em relação ao número total de graduandos dos primeiros e segundos anos.

No processo de seleção desta amostra uma turma, representada por 26 alunos, necessitou ser desconsiderada, por viés na ocasião da coleta de dados (os alunos responderam ao QAA2 em uma sexta-feira, ao final da tarde e a pesquisadora identificou que estavam ansiosos pela entrega rápida dos questionários e para deixar a sala de aula, não se atentando ao vídeo exibido e tampouco às perguntas do questionário).

Diante deste fato, a amostra foi então constituída por 141 alunos, representando 24,8% dos 567 alunos matriculados na EERP-USP e 54,23% em relação ao total de 260 alunos do primeiro e segundo anos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem.

## 4.5 Coleta de dados - Operacionalização do estudo

A pesquisa constou de quatro fases, a saber:

### 4.5.1 Fase 1 - Preparo dos instrumentos

Foi utilizado o Protocolo de Avaliação Fonoaudiológica (PAF) proposto por Feijó (2003) como instrumento básico para avaliação da expressividade do professor (ANEXO 1). Este protocolo foi publicado no livro *Fonoaudiologia e Telejornalismo – Relatos de experiência na Rede Globo de Televisão,* organizado por Leny Rodrigues Kyrillos e Feijó (2003). Utiliza terminologias específicas da área de conhecimento da Fonoaudiologia; é subdividido em três itens apresentados, sucintamente, a seguir:

- Recursos Verbais (tipo, ressonância, *pitch, loudness*, articulação, velocidade de fala, coordenação pneumofonoarticultória e ataque vocal);
- Recursos Vocais (ênfase, pausas, curva melódica, ritmo e variações – *loudness, pitch* e velocidade) e
- Recursos Não–Verbais (expressão facial, postura corporal - tronco, uso de gestos-braços e mãos, meneios de cabeça).

Considerando a necessidade de avaliação desta mesma expressividade por parte de alunos, a autora do presente estudo preparou o instrumento denominado Questionário de Avaliação do Aluno (QAA1) (Apêndice 1) para este público, devidamente adaptado do PAF (Feijó, 2003), por considerar que poderiam acontecer dificuldades, por parte dos alunos, na compreensão dos termos específicos utilizados na linguagem fonoaudiológica.

O QAA1 trata-se, então, de um questionário com 14 questões de múltipla escolha abordando perguntas relacionadas ao PAF (Feijó, 2003) acrescido de outras não contempladas, como a questões 6 (ressonância), por se entender serem complexas para os aluno graduandos matriculados nos semestres iniciais da EERP-USP fazer tal avaliação. As questões 13 (demonstra experiência em falar em público) e 14 (o que mais chamou a atenção) foram acrescentadas ao QAA1 para complemento, mas não estavam, originalmente, no PAF (Feijó, 2003).

O QAA 1 tornou-se constituído-se, então, por um questionário composto de perguntas fechadas a fim de se identificar o julgamento dos alunos em relação aos recursos verbais, recursos vocais e recursos não-verbais do professor. O aluno deveria marcar a resposta que achasse mais conveniente.

### 4.5.2 Fase 2 – Confiabilidade do Questionário de Avaliação do Aluno (QAA1) por meio da avaliação da filmagem do Professor Teste (PT)

Nesta etapa, realizou-se a confiabilidade do QAA1. Para tanto, foram estabelecidos contatos com três fonoaudiólogas *experts,* convidadas a participar do estudo como juízas do instrumento QAA1 (Apêndice 1). Optou-se por esta técnica para se ter maior segurança na aplicação do instrumento, bem como em relação à sua adequação ao referencial teórico e conseqüentemente, aos objetivos propostos ao presente estudo.

Para a seleção dessas *experts*, foram utilizados os seguintes critérios:

- Especialistas em voz,
- Atuar mais de dois anos com voz profissional,
- Ter experiência em expressividade (atuantes em rádio e televisão),
- Ser membro do Departamento de Voz da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia e

- Apresentar titulação de doutor, comprovada por meio do *curriculum vitae*.

O material que foi analisado pelas *experts* foi preparado, conforme consta a seguir.

Foi realizada uma filmagem, por um técnico da instituição, com duração de uma hora, do PT ministrando uma aula aos alunos do segundo ano do curso de graduação, no ano de 2009, com seu prévio consentimento e dos alunos, em sala com 80 alunos. Estes alunos não fizeram parte desta pesquisa (atualmente cursam o sexto semestre do curso de Bacharelado em Enfermagem) e, tampouco, foi-lhes solicitado que avaliassem a expressividade do PT.

Após, o filme foi editado segundo os seguintes critérios: dois minutos no início, dois no meio e dois no fim e converteu-se em um DVD (Disco Digital de Vídeo), totalizando seis minutos de gravação.

Este vídeo em DVD foi enviado para as três *experts* previamente contatadas, juntamente com o instrumento QAA1, tendo sido este material avaliado, por elas. Entre a entrega do material e a sua devolução, o tempo gasto para tal avaliação foi de um mes. As observações que as *experts* realizaram foram acatadas pela pesquisadora, originando o instrumento QAA2 (Apêndice 2), que foi o instrumento modificado após esta avaliação (Apêndice 2).

### 4.5.3 Fase 3 – Avaliação do Professor Participante (PP) pelos *experts*, segundo o PAF

Foi realizada a filmagem do PP ministrando uma aula de duas horas aos alunos do último ano do curso de Bacharelado em Enfermagem. Esta filmagem foi feita por um técnico do setor de áudio visual da instituição. Após, o filme do PP foi editado da mesma forma que o filme do PT, totalizando seis minutos; também foi gravado em DVD tendo sido, encaminhado às *experts* que avaliaram tal filmagem, segundo o PAF (FEIJÓ, 2003). A devolução do material avaliado ocorreu após um mês.

### 4.5.4 Fase 4 - Avaliação do PP pelos alunos segundo o instrumento QAA2 proposto no estudo

O instrumento QAA 2 (Apêndice 2) foi aplicado, pela própria pesquisadora, em quatro turmas de alunos matriculados na EERP-USP, sendo o primeiro e segundo ano do Curso de Bacharelado e o primeiro e segundo ano do Curso de Licenciatura desta Escola. A escolha dessas turmas ocorreu, conforme já mencionado anteriormente, devido ao fato do PP ainda não ministrar aulas para os mesmos.

Como o QAA2 é um questionário modificado (após a avaliação do QAA1 pelos *experts*), a coleta dos dados foi realizada durante 30 minutos nas salas de aulas das turmas 1 a 4, após prévia autorização dos professores que iriam ministrar aulas naqueles momentos. Na maioria das salas, o professor cedeu 30 minutos após o primeiro intervalo de 1:30 a 2:00 h de aula ministrada (turmas 1 a 3); no entanto o professor que ministraria aula para a turma 4 cedeu este tempo, apenas no final de sua aula. Foi identificado que nas turmas 1 a 3, os alunos demoraram a média de 25 a 30 m para as respostas, enquanto que a turma 4 gastou apenas 10 minutos.

Nestas salas, a pesquisadora em contato com os alunos obedeceu a sequência descrita a seguir:

1. Apresentação dos objetivos do estudo, distribuição do TCLE e recolhimento dos mesmos assinados;
2. Distribuição do questionário QAA2 e explicação sobre o seu preenchimento;
3. Treinamento para alunos de todas as questões referidas no questionário;
4. Apresentação da primeira exibição do vídeo do PP em DVD;
5. Re-apresentação do vídeo, caso fosse solicitado;
6. Solicitação de resposta ao questionário, sem sua interferência e
7. Recolhimento dos questionários e agradecimento aos alunos pela sua participação.

## 4.6 Tabulação e análise dos dados

Os dados todos obtidos, referentes à avaliação deste PP pelos *experts* e a avaliação do PP pelos alunos foram analisados e apresentados em forma de quadro, tabelas e gráficos.

Para cada item do instrumento QAA2 aplicado aos alunos, foram calculadas as frequências relativas e foi aplicado o Teste para Comparação de Proporções (TCP) adotando-se um nível de significância estatística $\alpha$=0,05.

Em cada gráfico elaborado, o asterisco indica que a resposta mais escolhida pelos alunos tem uma frequência estatisticamente superior às demais; as barras de erro representam o erro-padrão, calculado através da fórmula:

$$EP = \sqrt{\frac{\hat{p}.(1-\hat{p})}{n}}$$

Onde o n é o tamanho amostral e o $\hat{p}$ é a proporção amostral.

No presente estudo não foi aplicado teste estatístico algum para as respostas dos *experts*, devido ao pequeno tamanho amostral ($n$ = 3).

## 4.7 Procedimentos éticos da pesquisa

Todos os participantes do estudo (PT, PP e alunos) foram convidados a ler e assinar o Termo de Esclarecimento e Consentimento de Participação Voluntária para participação da pesquisa, conforme recomenda a Portaria 196/96 do Ministério da Saúde (BRASIL, 1996).

Antes da concretização do estudo, o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da EERP-USP, tendo sido aprovado, sob o número de protocolo 0947/2008 (Anexo 2).

Os filmes dos docentes serão guardados pela pesquisadora por cinco anos, depois de ter sido avaliado e analisado. Após este período serão destruídos.

O PP deverá receber o retorno sobre a avaliação realizada tanto pelas *experts* como pelos alunos, devendo ser orientada sobre seu desempenho.

# *5. RESULTADOS*

Com relação ao primeiro objetivo que é *identificar a expressividade do professor, segundo a avaliação de experts fonoaudiólogos* apresentam-se, a seguir, a avaliação dos *experts* segundo o Protocolo de Avaliação Fonoaudiológica (PAF) proposto por Feijó (2003).

| **Variáveis** | ***Expert* I** | ***Expert* II** | ***Expert* III** |
|---|---|---|---|
| **Recursos Verbais** | | | |
| **Tipo de Voz**: neutra | X | X | X |
| **Ataque Vocal:** | | | |
| - isocrônico | X | X | X |
| - brusco (em alguns momentos) | X | X | X |
| ***Loudness:*** médio | X | X | X |
| ***Pitch*:** agudo | X | X | X |
| **Ressonância: não é equilibrada, com predomínio:** | | | |
| - laringo/faríngea/metálica/estridente | X | | |
| - nasal constrito | | X | |
| - hipernasal | | | X |
| **Articulação:** precisa | X | X | X |
| **Velocidade de fala:** média | X | X | X |
| **Coordenação Pneumofonoarticulatória:** presente | X | X | X |
| **Recursos Vocais** | | | |
| **Ênfases:** | | | |
| - utiliza pausas prolongadas e aumento de intensidade | X | | |
| - predomínio de elevação de *pitch* e *loudness* na palavra | | X | |
| - viciosa e previsívas | | | X |
| **Pausas:** adequadas e as vezes coincidem com as ênfases | X | X | X |
| **Curva Melódica:** ascendente | X | X | X |
| **Ritmo:** repetitivo | X | X | X |
| **Variações:** | | | |
| - *Loudness* | | X | |
| - *Pitch* restrito | | | X |
| - Velocidade pouco variada | X | | X |
| **Recursos Não-Verbais** | | | |
| **Expressão Facial:** adequada e presente acompanhando ênfases | X | X | X |
| **Postura corporal (tronco):** alinhada | X | X | X |
| **Uso de gestos (braços-mãos):** | | | |
| - adequados | X | X | |
| - repetitivos | | | X |
| **Meneios de cabeça: acompanhando as ênfases** | X | X | X |

**Legenda:** X significa a presença da variável

Quadro 1. Avaliação do protocolo fonoaudiológico (Feijó, 2003) segundo os *experts* (fonoaudiólogos), sobre a filmagem do professor participante. Ribeirão Preto, SP, 2010.

No que se refere aos alunos que se constituíram na amostra deste estudo, conforme já descrito anteriormente, a turma 1 é composta por discentes do primeiro ano do Curso de Bacharelado em Enfermagem; a 2 é composta por estudantes do primeiro ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem, a turma 3 é composta por alunos do segundo ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem e a 4 por estudantes do segundo ano do Curso de Bacharelado em Enfermagem.

Em geral, as características dos alunos do curso de Bacharelado diferem das do curso de Licenciatura. Os primeiros são mais jovens, em geral não trabalham e procuram por bolsas de estudos ou outras modalidades de bolsas propiciadas pela USP junto aos professores da instituição, realizando o seu curso de Enfermagem no período diurno; os da Licenciatura em geral têm mais idade, muitos já são trabalhadores e cursam a faculdade nos períodos vespertino e noturno.

Em relação ao segundo objetivo que é *identificar a expressividade do professor segundo a avaliação de alunos*, os resultados das quatro turmas de alunos encontram-se sumarizados na Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição de alunos de enfermagem em relação as respostas ao questionário (adaptado de Feijó, 2003) para julgamento da expressividade do professor participante. Ribeirão Preto, 2010 (n=167).

| VARIÁVEIS | TURMA 1 | | 2 | | 3 | | 4 | | TOTAL | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | *f* | % | *f* | % | *f* | % | *f* | % | *f* | % |
| **ALTERAÇÃO DO TIPO DE VOZ** | | | | | | | | | | |
| - Sim | 14 | 23,7 | 11 | 27,5 | 19 | **45,2** | 19 | **73,1** | 63 | 37,7 |
| - Não | 36 | **61,0** | 28 | **70,0** | 19 | **45,2** | 5 | 19,3 | 88 | **52,7** |
| - Não sabe | 9 | 15,3 | - | - | 2 | 4,8 | 1 | 3,8 | 12 | 7,2 |
| - Sem resposta | - | - | 1 | 2,5 | 2 | 4,8 | 1 | 3,8 | 4 | 2,4 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| ***PITCH*** | | | | | | | | | | |
| - Grave | - | - | 1 | 20,5 | 1 | 2,4 | 2 | 7,7 | 4 | 2,4 |
| - Aguda | 58 | **98,3** | 35 | **87,5** | 38 | **90,5** | 22 | **84,6** | 153 | **91,6** |
| - Médio | 1 | 1,7 | 4 | 10,0 | 3 | 7,1 | - | - | 8 | 4,8 |
| - Não sabe | - | - | - | - | - | - | 2 | 7,7 | 2 | 1,2 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| ***LOUDNESS*** | | | | | | | | | | |
| - Forte | 3 | 5,1 | 3 | 7,5 | 2 | 4,8 | 3 | 11,5 | 11 | 6,6 |
| - Fraca | 11 | 18,6 | 22 | **55,0** | 21 | **50,0** | 10 | 38,5 | 64 | 38,3 |
| - Média | 42 | **71,2** | 13 | 32,5 | 17 | 40,4 | 11 | **42,3** | 83 | **49,7** |
| - Não sabe | 1 | 1,7 | - | - | - | - | - | - | 1 | 0,6 |
| - Normal | 2 | 3,4 | 2 | 5,0 | 2 | 4,8 | 2 | 7,7 | 8 | 4,8 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| **ARTICULAÇÃO** | | | | | | | | | | |
| - Normal | 53 | **89,8** | 31 | **77,5** | 34 | **81,0** | 23 | **88,5** | 141 | **84,4** |
| - Adequada | 6 | 10,2 | 6 | 15,0 | 6 | 14,2 | 2 | 7,7 | 20 | 12,0 |
| - Improvisa9 | - | - | 3 | 7,5 | 2 | 4,8 | 1 | 3,8 | 6 | 3,6 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **VELOCIDADE DA FALA** | | | | | | | | | | |
| - Lenta | 13 | 22,0 | 9 | 22,5 | 4 | 9,5 | 5 | 19,3 | 31 | 18,6 |
| - Média | 43 | **72,9** | 30 | **75,0** | 37 | **88,1** | 20 | **76,9** | 130 | **77,8** |
| - Rápida | 2 | 3,4 | 1 | 2,5 | 1 | 2,4 | 1 | 3,8 | 5 | 3,0 |
| - Sem resposta | 1 | 1,7 | - | - | - | - | - | - | 1 | 0,6 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| **RESPIRAÇÃO** | | | | | | | | | | |
| - Demonstra cansaço | 3 | 5,1 | 5 | 12,5 | 7 | 16,7 | 5 | 19,2 | 20 | 12,0 |
| - Normal | 34 | **57,6** | 14 | 35,0 | 19 | **45,2** | 5 | 19,2 | 72 | 43,1 |
| - As vezes apresenta cansaço | 22 | 37,3 | 20 | **50,0** | 16 | 38,1 | 16 | **61,5** | 74 | **44,3** |
| - Sem resposta | - | - | 1 | 2,5 | - | - | - | - | 1 | 0,6 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| **ESFORÇO VOCAL** | | | | | | | | | | |
| - Sim | 13 | 22,0 | 18 | **45,0** | 9 | 21,4 | 10 | 38,5 | 50 | 29,9 |
| - Não | 18 | 30,5 | 9 | 22,5 | 9 | 21,4 | 1 | 3,8 | 37 | 22,2 |
| - Às vezes | 27 | **45,8** | 12 | 30,0 | 24 | **57,2** | 15 | **57,7** | 78 | **46,7** |
| - Sem resposta | 1 | 1,7 | 1 | 2,5 | - | - | - | - | 2 | 1,2 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| **PAUSA NA FALA** | | | | | | | | | | |
| - Muitas | 10 | 16,9 | 13 | 32,5 | 10 | 23,8 | 8 | 30,8 | 41 | 24,6 |
| - Poucas | 18 | 30,5 | 12 | **30,0** | 9 | 21,4 | 5 | 19,3 | 44 | 26,3 |
| - Média | 24 | **40,7** | 11 | 27,5 | 15 | **35,7** | 11 | **42,3** | 61 | **36,5** |
| - Adequada | 7 | 11,9 | 4 | 10,0 | 8 | 19,1 | 2 | 7,7 | 21 | 12,6 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| **ÊNFASE** | | | | | | | | | | |
| - Com freqüência | 44 | **74,6** | 30 | **75,0** | 32 | **76,2** | 25 | **96,2** | 131 | **78,4** |
| - Excessiva | 5 | 8,5 | 2 | 5,0 | 2 | 4,8 | 1 | 3,8 | 10 | 6,0 |
| - Não utiliza | 10 | 16,9 | 8 | 20,0 | 8 | 19,0 | - | - | 26 | 15,6 |

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| **EXPRESSÃO FACIAL** | | | | | | | | | | |
| - Adequada | 34 | **57,6** | 29 | **72,5** | 23 | **54,8** | 15 | **57,7** | 101 | **60,5** |
| - Excessiva | - | - | 1 | 2,5 | - | - | - | - | 1 | 0,6 |
| - Restrita | 25 | 42,4 | 10 | 25,0 | 18 | 42,8 | 11 | 42,3 | 64 | 38,3 |
| - Não respondeu | - | - | - | - | 1 | 2,4 | - | - | 1 | 0,6 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| **GESTOS** | | | | | | | | | | |
| - Restritos | 21 | 35,6 | 15 | 37,5 | 12 | 28,6 | 6 | 23,1 | 54 | 32,3 |
| - Presos | 4 | 6,8 | 2 | 5,0 | 5 | 11,9 | 1 | 3,8 | 12 | 7,2 |
| - Exagerados e amplos | - | - | 2 | 5,0 | - | - | 2 | 7,7 | 4 | 2,4 |
| - Adequados e harmônicos | 34 | **57,6** | 21 | **52,5** | 25 | **59,5** | 17 | **65,4** | 97 | **58,1** |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| **POSTURA CORPORAL** | | | | | | | | | | |
| - Segurança | 55 | **93,2** | 36 | 90,0 | 38 | 90,5 | 25 | 96,2 | 154 | 92,2 |
| - Insegurança | 3 | 5,1 | 3 | 7,5 | 3 | 7,1 | - | - | 9 | 5,4 |
| - Arrogância | 1 | 1,7 | 1 | 2,5 | 1 | 2,4 | 1 | 3,8 | 4 | 2,4 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| **DEMONSTRA EXPERIÊNCIA** | | | | | | | | | | |
| - Sim | 55 | **93,2** | 36 | **90,0** | 37 | **88,1** | 26 | **100,0** | 154 | **92,2** |
| - Não | 4 | 6,8 | 4 | 10,0 | 5 | 11,9 | - | - | 13 | 7,8 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |
| **O QUE CHAMOU ATENÇÃO NO VÍDEO** | | | | | | | | | | |
| - Forma | 26 | 44,1 | 11 | 27,5 | 16 | 38,1 | 9 | 34,6 | 62 | 37,1 |
| - Conteúdo | 6 | 10,2 | 3 | 7,5 | 3 | 7,1 | 1 | 3,8 | 13 | 7,8 |
| - Ambos | 27 | **45,7** | 26 | **65,0** | 23 | **54,8** | 16 | **61,6** | 92 | **55,1** |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 26 | 100,0 | 167 | 100,0 |

**Legenda:** Turma 1: Primeiro ano do Curso de Bacharel em Enfermagem; Turma 2 : Primeiro ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem ; Turma 3 : Segundo ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem; Turma 4: Segundo ano do Curso de Bacharelado em Enfermagem.

Quando foi feita a coleta de dados da turma 4, foi cedido pelo professor responsável pela aula, 30 minutos antes do término da aula para esta coleta. Percebeu-se que os estudantes estavam cansados e ansiosos para ir embora (os alunos responderam ao QAA2 no dia de semana sexta-feira, ao final da tarde e a pesquisadora identificou que entregaram os questionários em tempo inferior a 10 minutos). Como foi constatado o viés na coleta, estabeleceu-se que deveriam ser desconsiderados as respostas dos 26 alunos desta turma. A partir daí, os dados foram recalculados e elaborou-se a Tabela 2, apresentada a seguir.

Tabela 2 - Distribuição de alunos de enfermagem em relação as respostas ao questionário (adaptado de Feijó, 2003) para julgamento da expressividade do professor participante. Ribeirão Preto, 2010 (n=141).

| VARIÁVEIS | TURMA 1 | | TURMA 2 | | TURMA 3 | | TOTAL | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | *f* | % | *f* | % | *f* | % | *f* | % |
| **ALTERAÇÃO DO TIPO DE VOZ** | | | | | | | | |
| - Sim | 14 | 23,7 | 11 | 27,5 | 19 | 45,2 | 44 | 31,2 |
| - Não | 36 | **61,0** | 28 | **70,0** | 19 | **45,2** | 83 | **58,9** |
| - Não sabe | 9 | 15,3 | - | - | 2 | 4,8 | 11 | 7,8 |
| - Sem resposta | - | - | 1 | 2,5 | 2 | 4,8 | 3 | 2,1 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |
| ***PITCH*** | | | | | | | | |
| - Grave | - | - | 1 | 20,5 | 1 | 2,4 | 2 | 1,4 |
| - Médio | 1 | 1,7 | 4 | 10,0 | 3 | 7,1 | 8 | 5,7 |
| - Aguda | 58 | **98,3** | 35 | **87,5** | 38 | **90,5** | 131 | **92,9** |
| - Não sabe | - | - | - | - | - | - | - | - |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |
| ***LOUDNESS*** | | | | | | | | |
| - Fraca | 11 | 18,6 | 22 | **55,0** | 21 | **50,0** | 54 | 38,3 |
| - Média | 42 | **71,2** | 13 | 32,5 | 17 | 40,4 | 72 | **51,1** |
| - Forte | 3 | 5,1 | 3 | 7,5 | 2 | 4,8 | 8 | 5,6 |
| - Normal | 2 | 3,4 | 2 | 5,0 | 2 | 4,8 | 6 | 4,3 |
| - Não sabe | 1 | 1,7 | - | - | - | - | 1 | 0,7 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |
| **ARTICULAÇÃO** | | | | | | | | |
| - Normal | 53 | **89,8** | 31 | **77,5** | 34 | ***81,0*** | 118 | **83,7** |
| - Adequada | 6 | 10,2 | 6 | 15,0 | 6 | 14,2 | 18 | 12,8 |
| - Improvisada | - | - | 3 | 7,5 | 2 | 4,8 | 5 | 3,6 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **VELOCIDADE DA FALA** | | | | | | | | |
| - Lenta | 13 | 22,0 | 9 | 22,5 | 4 | 9,5 | 26 | 18,4 |
| - Média | 43 | **72,9** | 30 | **75,0** | 37 | **88,1** | 110 | **78,0** |
| - Rápida | 2 | 3,4 | 1 | 2,5 | 1 | 2,4 | 4 | 2,8 |
| - Sem resposta | 1 | 1,7 | - | - | - | - | 1 | 0,7 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |
| **RESPIRAÇÃO** | | | | | | | | |
| - Normal | 34 | **57,6** | 14 | 35,0 | 19 | **45,2** | 67 | **47,5** |
| - Às vezes apresenta cansaço | 22 | 37,3 | 20 | **50,0** | 16 | 38,1 | 58 | 41,1 |
| - Demonstra cansaço | 3 | 5,1 | 5 | 12,5 | 7 | 16,7 | 15 | 10,6 |
| - Sem resposta | - | - | 1 | 2,5 | - | - | 1 | 0,7 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |
| **ESFORÇO VOCAL** | | | | | | | | |
| - Sim | 13 | 22,0 | 18 | **45,0** | 9 | 21,4 | 40 | 28,4 |
| - Às vezes | 27 | **45,8** | 12 | 30,0 | 24 | **57,2** | 63 | **44,7** |
| - Não | 18 | 30,5 | 9 | 22,5 | 9 | 21,4 | 36 | 25,5 |
| - Sem resposta | 1 | 1,7 | 1 | 2,5 | - | - | 2 | 1,4 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |
| **PAUSA NA FALA** | | | | | | | | |
| - Poucas | 18 | 30,5 | 12 | **30,0** | 9 | 21,4 | 39 | 27,7 |
| - Média | 24 | **40,7** | 11 | 27,5 | 15 | **35,7** | 50 | **35,5** |
| - Muitas | 10 | 16,9 | 13 | 32,5 | 10 | 23,8 | 33 | 23,4 |
| - Adequada | 7 | 11,9 | 4 | 10,0 | 8 | 19,1 | 19 | 13,5 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |
| **ÊNFASE** | | | | | | | | |
| - Não utiliza | 10 | 16,9 | 8 | 20,0 | 8 | 19,0 | 26 | 18,4 |
| - Com freqüência | 44 | **74,6** | 30 | **75,0** | 32 | **76,2** | 106 | **75,2** |
| - Excessiva | 5 | 8,5 | 2 | 5,0 | 2 | 4,8 | 9 | 6,4 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **EXPRESSÃO FACIAL** | | | | | | | | |
| - Restrita | 25 | 42,4 | 10 | 25,0 | 18 | 42,8 | 53 | 37,6 |
| - Adequada | 34 | **57,6** | 29 | **72,5** | 23 | **54,8** | 86 | **61,0** |
| - Excessiva | - | - | 1 | 2,5 | - | - | 1 | 0,7 |
| - Não respondeu | - | - | - | - | 1 | 2,4 | 1 | 0,7 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |
| **GESTOS** | | | | | | | | |
| - Presos | 4 | 6,8 | 2 | 5,0 | 5 | 11,9 | 11 | 7,8 |
| - Restritos | 21 | 35,6 | 15 | 37,5 | 12 | 28,6 | 48 | 34,0 |
| - Adequados e harmônicos | 34 | **57,6** | 21 | **52,5** | 25 | **59,5** | 80 | **56,7** |
| - Exagerados e amplos | - | - | 2 | 5,0 | - | - | 2 | 1,4 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |
| **POSTURA CORPORAL** | | | | | | | | |
| - Insegurança | 3 | 5,1 | 3 | 7,5 | 3 | 7,1 | 9 | 6,4 |
| - Segurança | 55 | **93,2** | 36 | **90,0** | 38 | **90,5** | 129 | **91,5** |
| - Arrogância | 1 | 1,7 | 1 | 2,5 | 1 | 2,4 | 3 | 2,1 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |
| **DEMONSTRA EXPERIÊNCIA** | | | | | | | | |
| - Sim | 55 | **93,2** | 36 | **90,0** | 37 | **88,1** | 128 | **90,8** |
| - Não | 4 | 6,8 | 4 | 10,0 | 5 | 11,9 | 13 | 9,2 |
| Total | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |
| **O QUE CHAMOU ATENÇÃO NO VÍDEO** | | | | | | | | |
| - Forma | 26 | 44,1 | 11 | 27,5 | 16 | 38,1 | 53 | 37,6 |
| - Conteúdo | 6 | 10,2 | 3 | 7,5 | 3 | 7,1 | 12 | 8,5 |
| - Ambos | 27 | **45,7** | 26 | **65,0** | 23 | **54,8** | **76** | 53,9 |
| **Total** | 59 | 100,0 | 40 | 100,0 | 42 | 100,0 | 141 | 100,0 |

**Legenda**: Turma 1: Primeiro ano do Curso de Bacharel em Enfermagem; Turma 2 : Primeiro ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem ; Turma 3 : Segundo ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem.

Em relação ao terceiro objetivo que é *identificar a existência de diferenças entre a avaliação da expressividade do professor realizada por experts fonoaudiólogos e por alunos*, os resultados podem ser identificados por meio das freqüências apresentadas na Tabela 2 e nas figuras apresentadas a seguir.

Informa-se que nas figuras, as barras de erro representam o erro-padrão e o asterisco (*) indica que a alternativa escolhida pela maioria dos alunos é significativamente maior que as demais (α = 0,05).

.

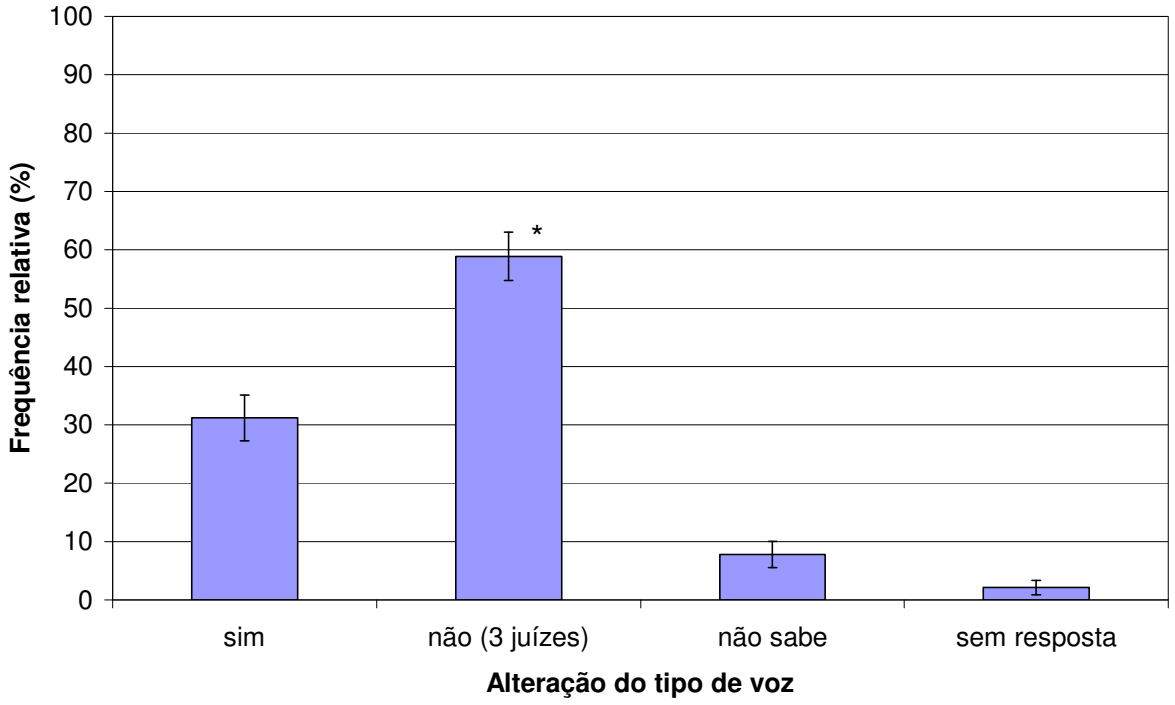


Figura 1. Distribuição de frequências da variável "*Alteração do tipo de voz*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141)

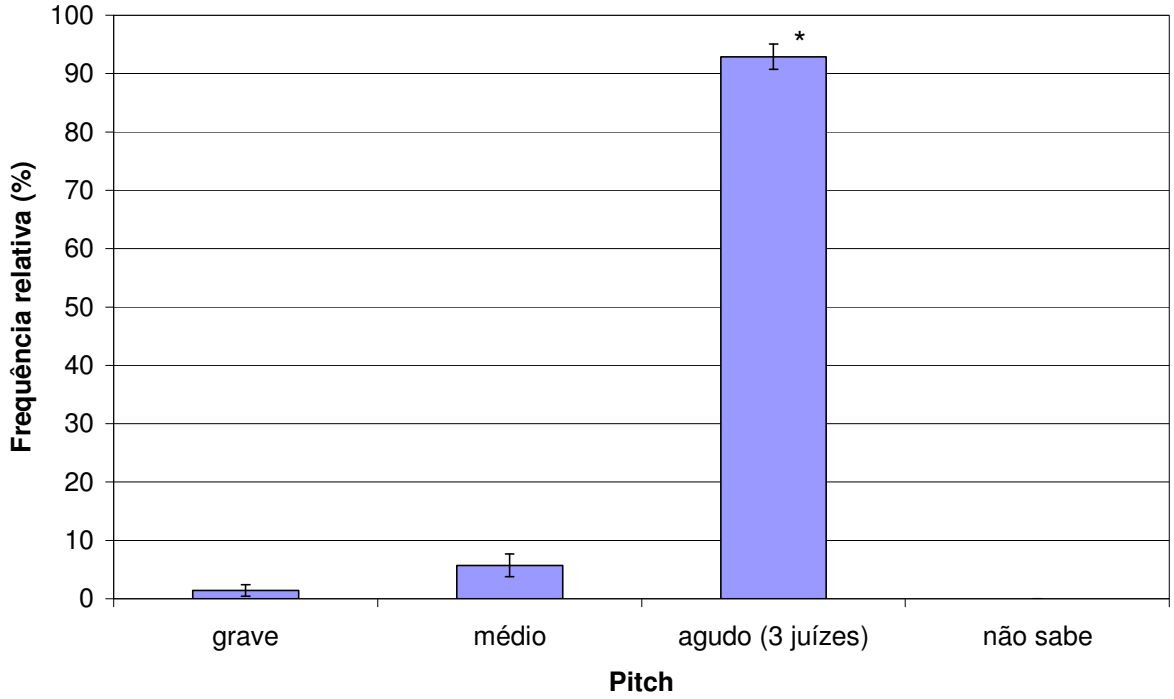


Figura 2. Distribuição de frequências da variável "*Pitch*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

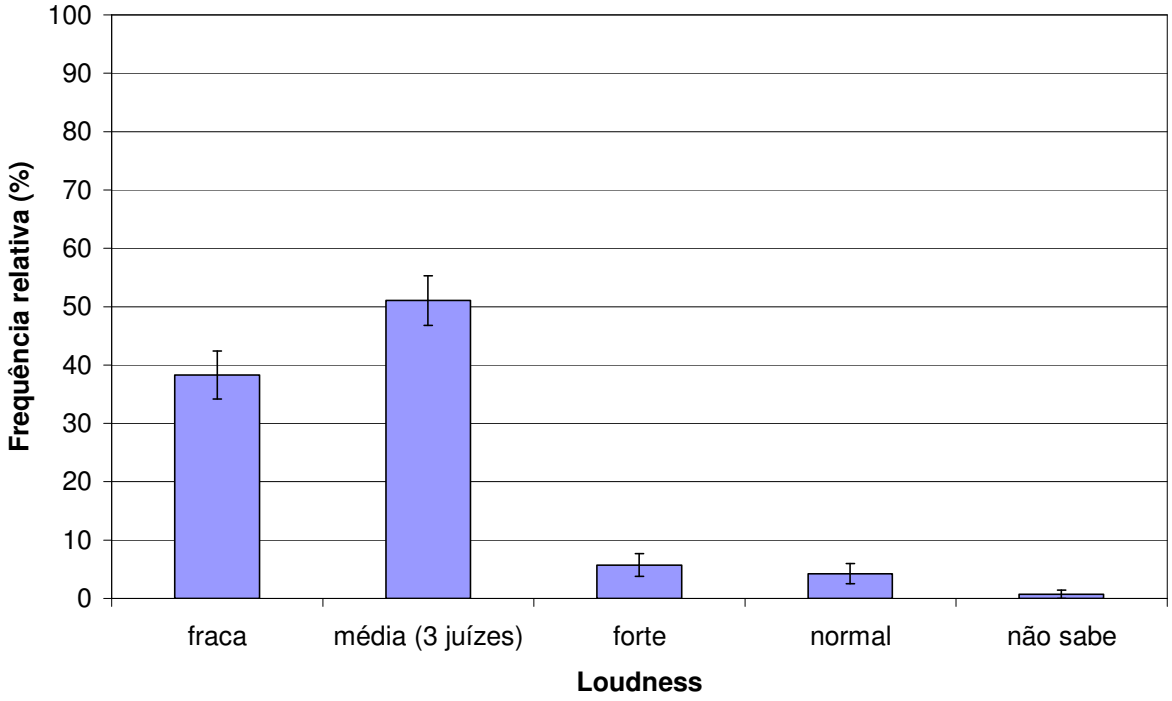


Figura 3. Distribuição de frequências da variável "*Loudness*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

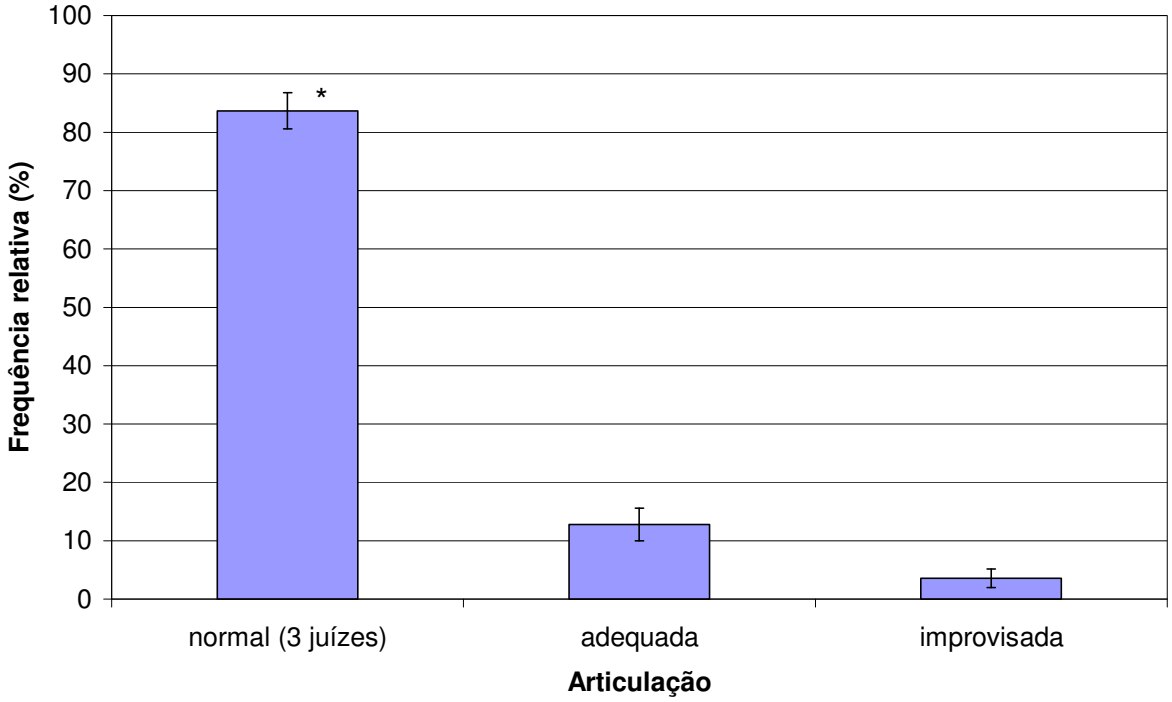


Figura 4. Distribuição de frequências da variável "*Articulação*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

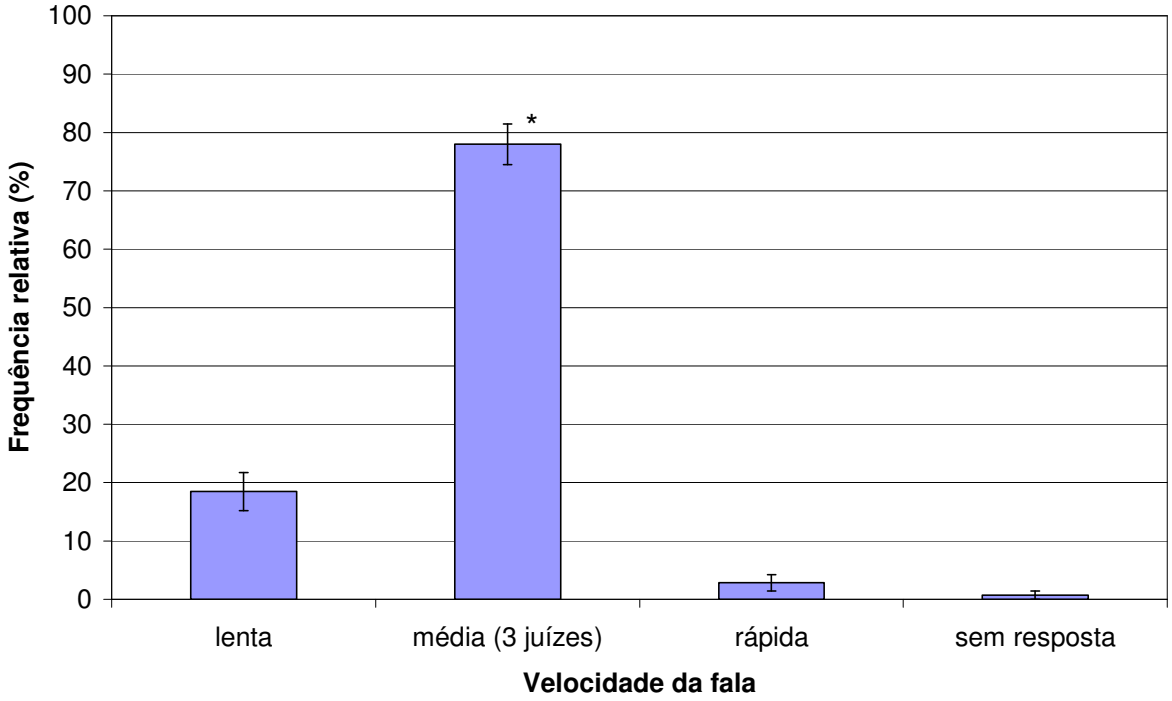


Figura 5. Distribuição de frequências da variável "*Velocidade da fala*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

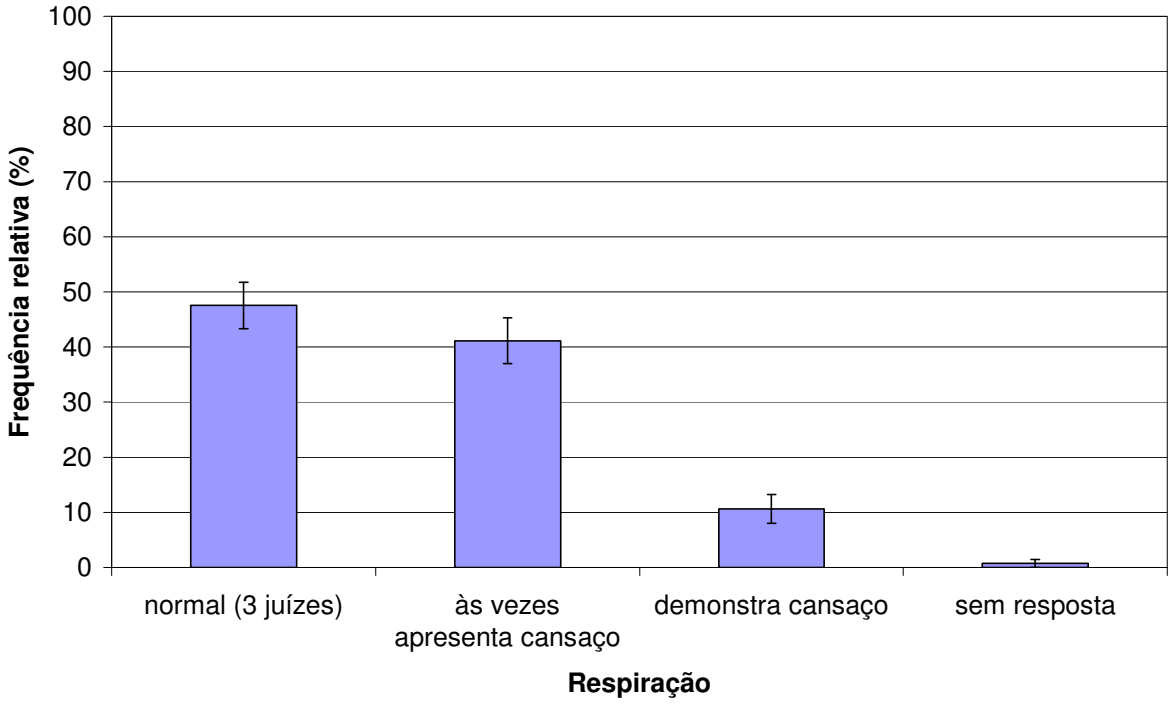


Figura 6. Distribuição de frequências da variável "*Respiração*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

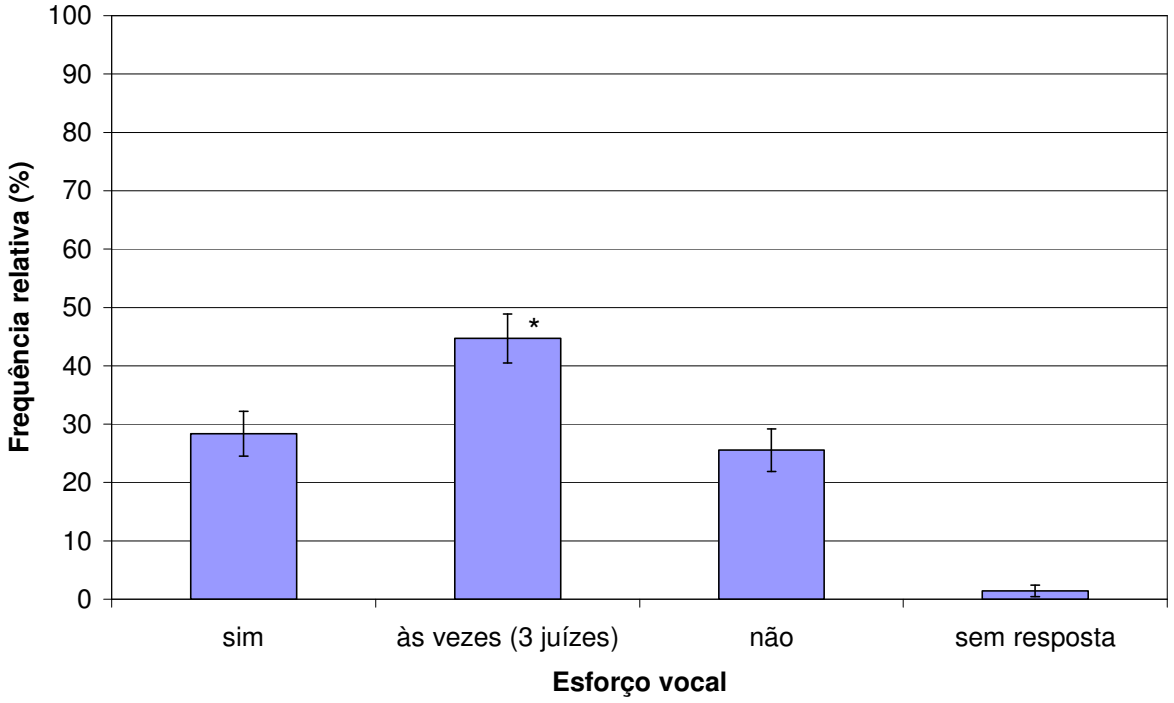


Figura 7. Distribuição de frequências da variável "*Esforço Vocal*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

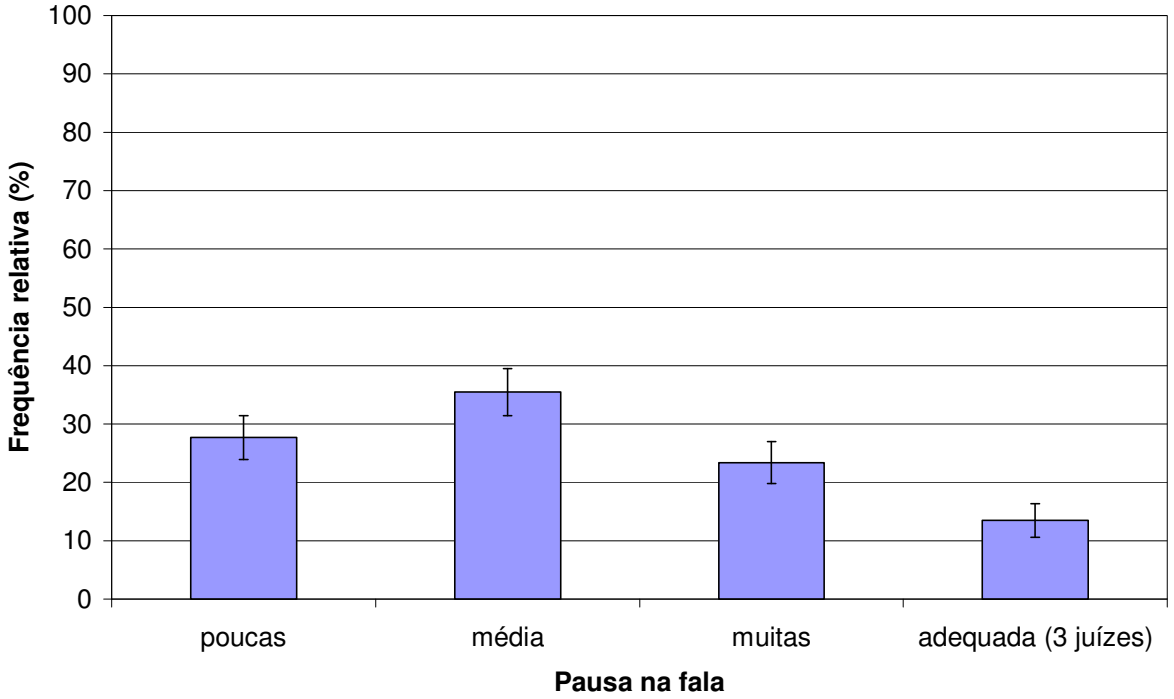


Figura 8. Distribuição de frequências da variável "*Pausa na Fala*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

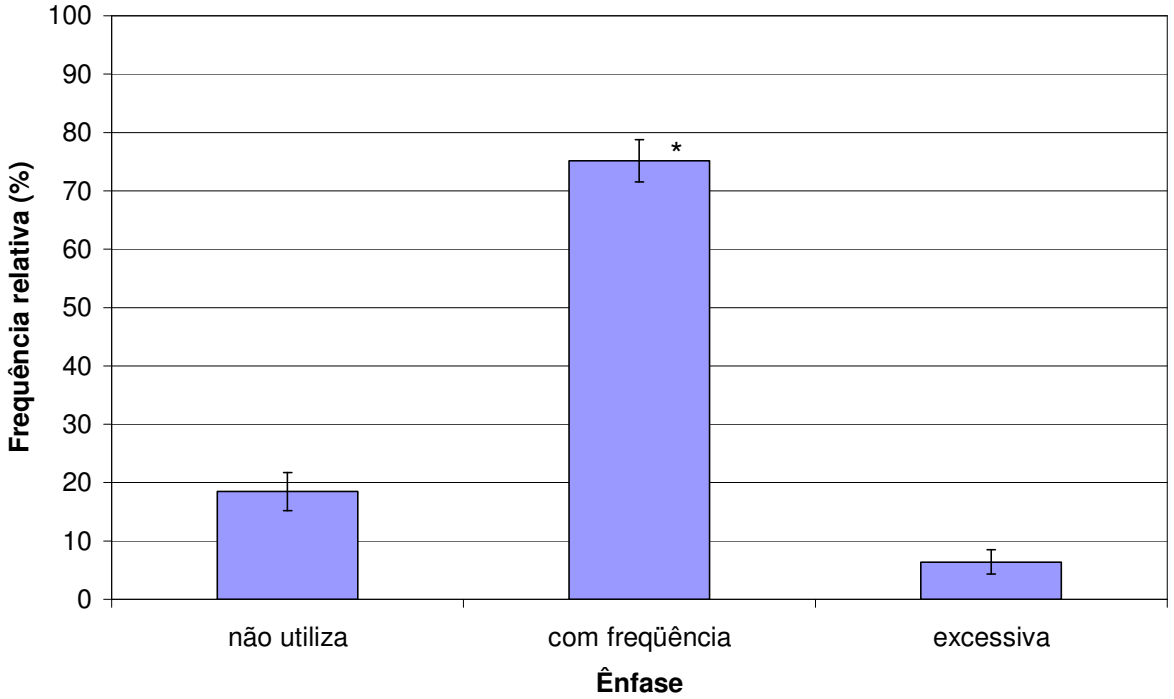


Figura 9. Distribuição de frequências da variável "*Ênfase*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

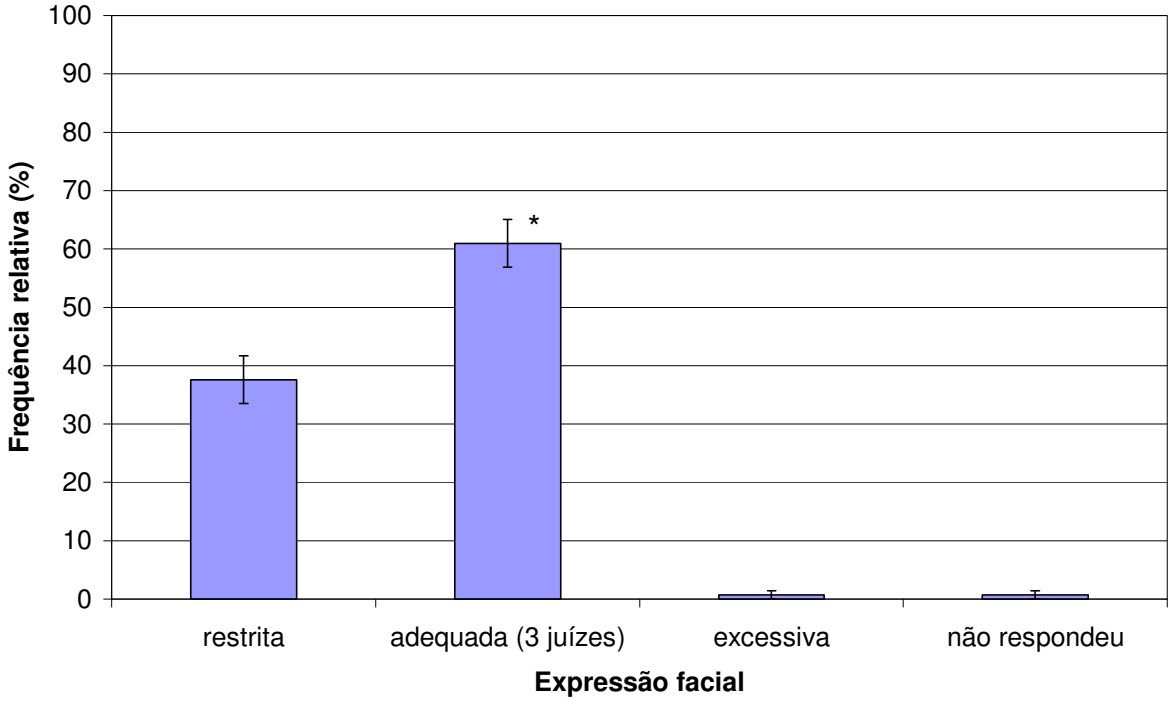


Figura 10. Distribuição de frequências da variável "*Expressão Facial*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

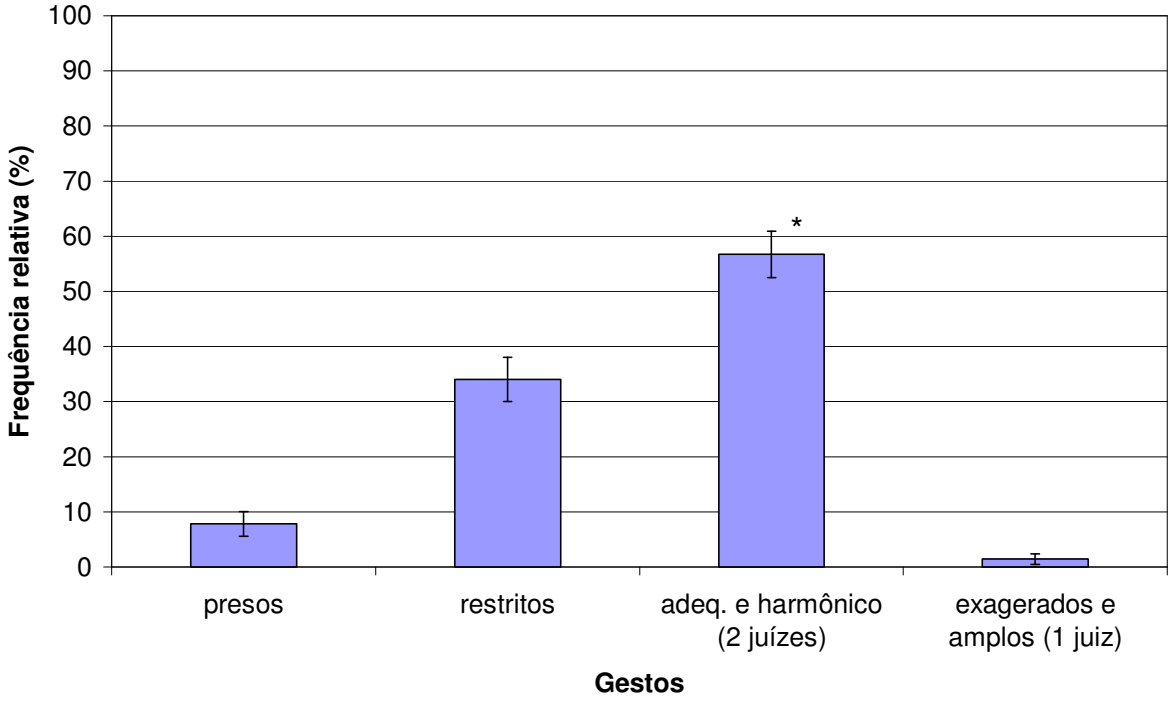


Figura 11. Distribuição de frequências da variável "*Gestos*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

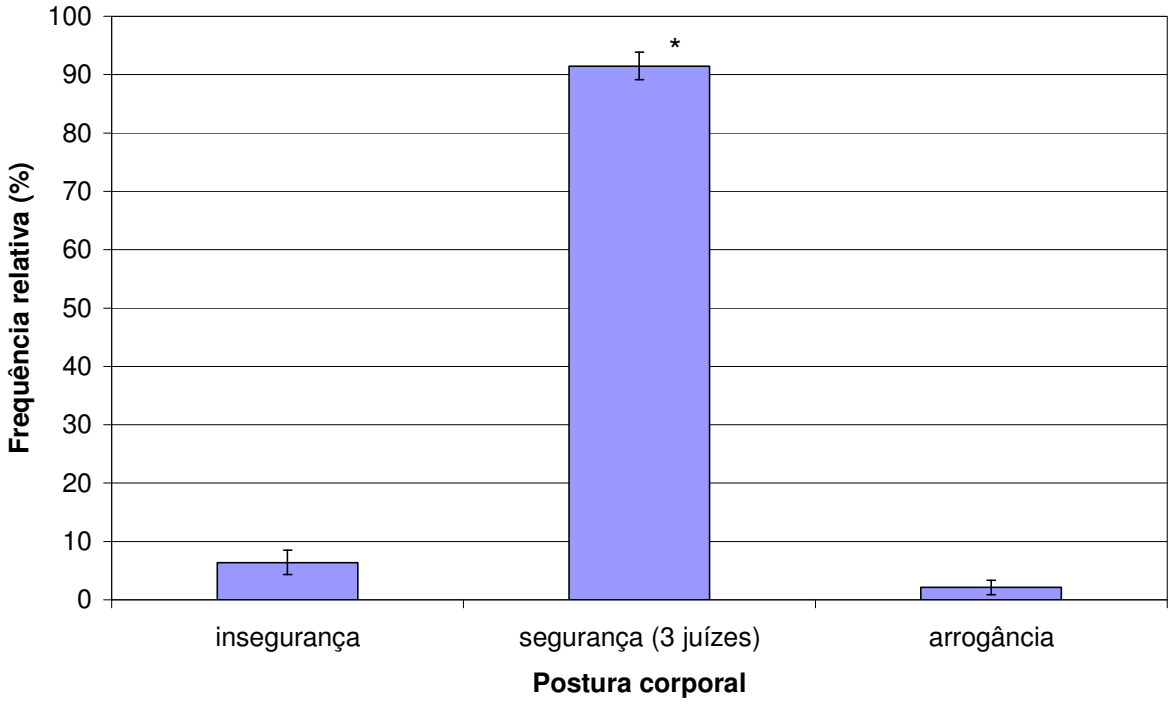


Figura 12. Distribuição de frequências da variável "*Postura Corporal*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

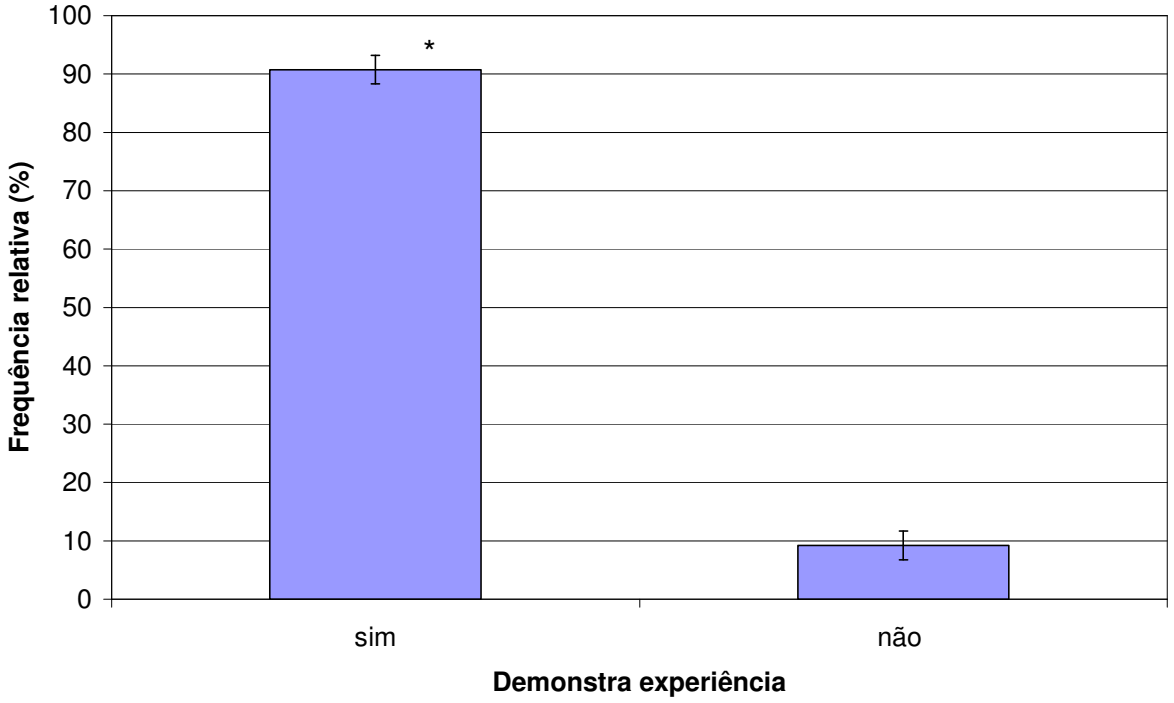


Figura 13. Distribuição de frequências da variável "*Demonstra Experiência*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

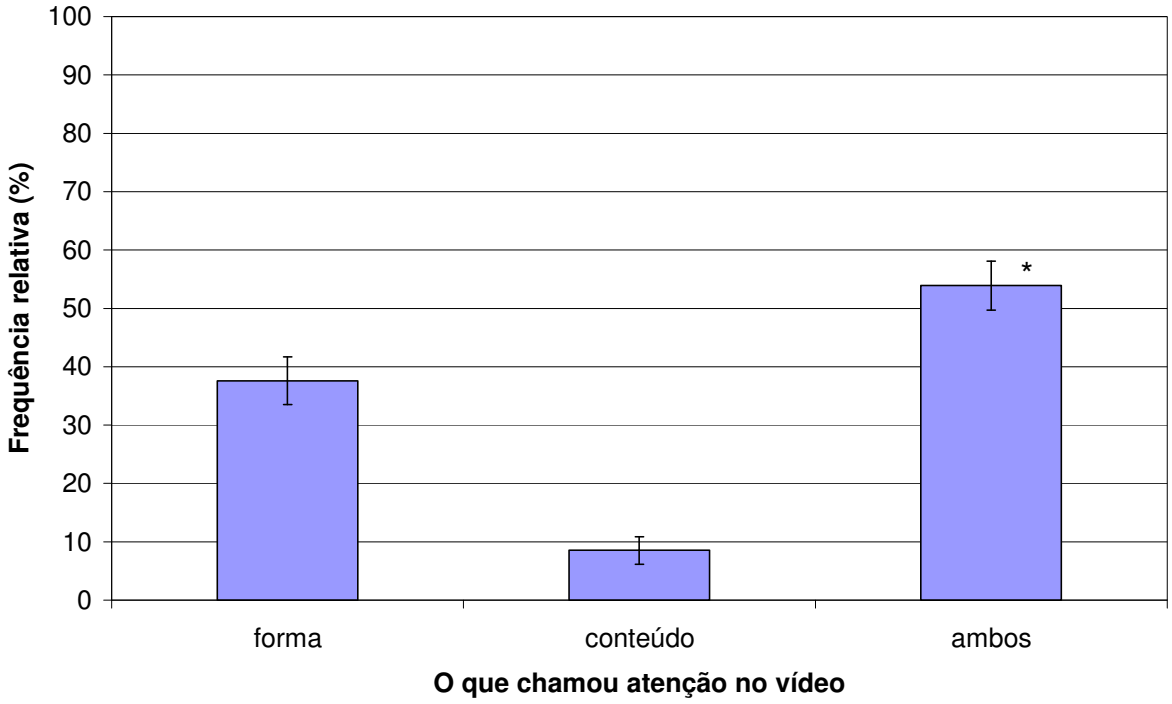


Figura 14. Distribuição de frequências da variável "*O que chamou atenção no vídeo*" segundo a avaliação feita pelos alunos (n=141).

# 6. DISCUSSÃO

Em relação ao primeiro objetivo deste estudo que é *identificar a expressividade do professor, segundo a avaliação de experts fonoaudiólogos* os resultados apresentados no Quadro 1 evidenciaram que as respostas dos *experts* mostraram poucas discordâncias.

Discreta variação ocorreu em relação às variáveis, ressonância (recursos verbais), ênfase e variações (recursos vocais). Em contra-partida, constatou-se homogeneidade de informações entre a percepção destes *experts* em relação aos demais **recursos verbais** (tipo de voz, ataque vocal, *loudness, pitch,* articulação, velocidade de fala, coordenação pneumofonoarticulatória), como também aos r**ecursos vocais** (pausas, curva melódica, ritmo) e **recursos não verbais** (expressão facial, postura corporal, uso de gestos e meneios de cabeça).

Esta demonstração de avaliação semelhante indica a experiência profissional similar de cada um destes avaliadores. No caso específico deste estudo, as três *experts* eram profissionais fonoaudiólogas, do sexo feminino, com idades entre 40 e 60 anos e experiência profissional similar, ou seja, trabalham com voz profissional, principalmente em rádio/TV, tendo importante experiência com a expressividade.

As diferenças de respostas em relação aos recursos verbais ocorreram em relação à variável ressonância, pois todos mostraram uma semelhança, ao referirem que ela não é equilibrada. O primeiro *expert* julgou a ressonância como sendo *laringo/faríngea/metálica/estridente;* as avaliações dos *expert* 2 e 3 indicaram-na como sendo nasal constrito e hipernasal, respectivamente.

Boone & Macfarlane (1994) referem que o que muda a frequência fundamental é o trato vocal e seus movimentos que, dentro deste trato vocal, contribuem para amplificação e filtragem do som. O uso inadequado destas estruturas pode levar aos distúrbios na qualidade e ressonância. A hipernasalidade é a ressonância nasal excessiva; é o distúrbio de ressonância mais comum.

Para Boone & Mcfarlane (1994) existem três tipos de problemas de ressonância: a hipernasalidade já definida anteriormente; a denasalidade, que é a falta de ressonância nasal para os três fonemas nasalizados /m/, /n/ e /nh/, afetando também as vogais; é sensação que a pessoa está resfriada e a nasalidade assimilativa, a qual indica que as vogais do falante parecem nasais quando estão adjacentes a três consoantes nasais.

Corazza (2010) realizou um estudo com o objetivo de avaliar os indivíduos

sem queixa vocal e correlacionar possíveis achados telelaringo-estroboscópicos, perceptivo-auditivos e acústicos. Foram avaliados 21 indivíduos do sexo masculino, com idade variando de 20 a 50 e mediana de 33 anos, sem queixas vocais, que não faziam uso de tabaco nem de destilados. Na avaliação da ressonância, três apresentaram cada foco ressonantal hipernasal, *cul de sac* e laringo-faríngea. A respeito da ressonância, na vogal sustentada, três indivíduos apresentaram, respectivamente, foco hipernasal, *cul de sac* e laringo-faríngea. Na fala encadeada, esses indivíduos mantiveram o mesmo padrão, com exceção do que apresentou ressonância laringo-faríngea, que se mostrou adequada. Os sujeitos com padrão de ressonância hipernasal e *cul de sac* apresentaram valores de freqüência fundamental maiores do que a média; concordando assim, com os achados do presente estudo, em relação a avaliação tanto de *experts* e dos alunos, os quais identificaram que a frequência mais achada foi aguda e também ressonância laringo-faríngea.

Informa-se que na adaptação do questionário para os alunos (do QAA1 para o QAA2) não foi colocado o item relacionado à ressonância, já que seria um recurso difícil de ser avaliado por eles, constituindo-se em uma avaliação entendida como profissional. Sabe-se que o fonoaudiólogo desempenha um papel importante nesta diferenciação de ressonância, tanto no diagnóstico, quanto no tratamento (BOONE e MACFARLANE, 1994).

Quanto aos recursos vocais a variável ênfase foi avaliada pelos *experts* 1 e 3 com certa similaridade (pausas prolongadas e aumento da intensidade, viciosa e previsível, respectivamente); para o *expert* 2 houve o predomínio da elevação de *pitch* e *loudness* na palavra.

Mercatelli (2005) no estudo da expressividade nas relações públicas avaliou a expressividade dos alunos de relações publicas. Foi perguntado a estes alunos se eles utilizavam os recursos de pausas e ênfases; 42,86% utilizavam estes recursos com frequência, 38,09% usavam-nos de vem quando e 19,05%, não os usavam com frequência. No mesmo estudo foi identificado que na escrita, as pausas são marcadas pela pontuação, mas na fala, não se respira a cada vírgula; usa-se a pausa quando se pretende marcar o término de um assunto ou a passagem de um assunto para o outro, feita de forma silenciosa.

Jung (2005) esclarece que pausa é silêncio, ela é importante, porque gera expectativa de quem ouve, para chamar a atenção do receptor seja pela quebra do

ritmo, seja pelo próprio vazio em si.

No presente estudo, entretanto, o PP (conforme o que foi identificado pelos *experts* 2 e 3) utilizou pausas prolongadas, viciosas e previsíveis, tornando a sua fala muitas vezes cansativa, pois a cada momento era feita uma pausa, mostrando a sua previsibilidade.

No que se refere ainda aos Recursos Vocais, quanto ao item variações, os *experts* 1 e 3 parecem ter realizado avaliações mais assemelhadas. Para o *expert* I, a velocidade da fala foi pouco variada e para o *expert* 3 o PP apresentou o *pitch* restrito e a velocidade igualmente pouco variada. Para o *expert* 2, a variação apresentada pelo PP foi quanto a *loudness*.

Esta avaliação mostra que por mais que os *experts* tenham a mesma formação e especialidades e apresentem experiência em expressividade, depararam-se com um protocolo de avaliação da expressividade que não apresentou parâmetros para se avaliar o item "variáveis". Este fato indica a necessidade de realização de estudos que construam protocolos com parâmetros e regras para se avaliar a expressividade.

Em relação aos recursos não verbais e, especialmente, quanto ao uso de gestos, identificou-se que os *experts* 1 e 2 apresentaram concordância ao avaliarem o PP, porque entenderam que este uso encontrava-se adequado; em contra-partida o *expert* 3 avaliou tais gestos como repetitivos.

Viera & Behlau (2009) realizaram investigação na qual analisaram as características da voz, fala e recursos corporais de professores. Tais sujeitos eram 40 professores de sexo masculino de uma empresa de curso pré vestibular. Quanto aos recursos corporais, foi identificado que 72,5 % (29 docentes) movimentavam-se com naturalidade, 60% (24) apresentavam relação retilínea com o tronco por meio do alinhamento da coluna vertebral e 72,5% (29) apresentavam expressão coerente com o conteúdo do discurso e ao contexto da comunicação, tendo domínio dos recursos corporais.

O *expert* 1 ainda classificou a voz do PP como sendo metálica, embora a tivesse avaliado, no mesmo protocolo como clara; quanto aos recursos, indicou que deveriam ter sido usados de maneira mais rica. Recursos audiovisuais auxiliam a minimização de problemas na fala. Neste sentido, este avaliador sobressaiu-se em relação aos demais. A voz metalizada está diretamente relacionada com a voz aguda que foi percebida tanto pelos três *experts*, como também pelos alunos

(92,9%), mostrando que a fala pode ser clara. Entretanto o que chamou a atenção de todos foi o tom de voz (agudo). Situação contrária foi descrita no estudo de Viera & Behlau (2009) realizado com professores, já que 50% possuíam voz alterada, sendo a maior parte do tipo rouca, mas o *pitch* em 45% dos sujeitos estava alterado, sendo que em 12,5% era agudo e 32,5% grave. A presença do *pitch* grave pode ser associado a presença da voz rouca, mas o tom de voz não chamou a atenção e, na conclusão, os autores observaram que houve adequação nos parâmetros da voz e fala e no uso de recursos não verbais utilizados em sala de aula.

No estudo de Chaves et al (2009) que investigaram o futuro professor de licenciatura em química, os dados dos informantes (discentes) confrontaram-se com os dados de fonoaudiólogas (autores do estudo). Os autores constataram que os dados aproximavam fonoaudiólogas e informantes, porém, em alguns aspectos não houve concordância, corroborando com a presente investigação.

No que se refere aos objetivos de *identificar a expressividade do professor segundo a avaliação de alunos* e *identificar a existência de diferenças entre a avaliação da expressividade do professor realizada por experts fonoaudiólogos e por alunos*, sua discussão está apresentada de forma conjunta. No presente estudo as diferenças de opiniões entre os *experts* e os alunos foram discretas, pois se percebe que, na maioria das variáveis avaliadas, os alunos universitários também foram concordantes com os *experts* fonoaudiólogos.

A análise que os alunos das três turmas estudadas (141 alunos) fizeram em relação ao PP mostraram o que se segue:

Com relação ao *tipo de voz*, a maioria dos alunos (58,9%) apresentou opinião que coincidiu com a dos *experts*, indicativa que a voz não apresentava alteração; tais resultados são confirmados na Tabela 2 e reconfirmados na Figura 1, mostrando que a resposta escolhida pela maioria dos alunos é significativamente maior que as demais e concordante com os fonoaudiólogos.

Chaves, Coutinho e Mortimer (2009), encontraram como resultado a voz caracterizada como normal em 87% dos informantes, discentes do curso de licenciatura em química. Os pesquisadores referem ser um número alto, sendo que há muitas queixas vocais e disfonias na população de professores, na maioria dos estudos encontrados. Cabe ressaltar que a porcentagem de disfonias em professores, sempre é alta, pelo fato deste profissional não saber utilizar a voz adequadamente como, também, não apresentar um preparo prévio para tal

utilização (PENTEADO e PEREIRA, 2007; ROMANO et al, 2009; ALVES et al, 2009; SALAS, et al, 2008 e VIEIRA e BEHLAU,2009).

No presente estudo, o PP foi considerado como apresentando uma voz normal, o que coincide com as investigações descritas anteriormente.

Estes resultados também assemelham-se aos encontrados por Alves, (2007) que avaliou a voz de professores de uma universidade pública. Naquele estudo, entre o julgamento dos professores e *experts* especialistas quanto ao tipo de voz, constatou-se que o comportamento dos professores e dos *experts* diferiram-se dos resultados observados, mas existiu uma diferença estatisticamente não significante entre os tipos de vozes e isto indicou a semelhança na percepção de ambos (*experts* e professores).

Na investigação de Castro e Silva (2001), referente ao volume da voz, foi identificado que tal volume interfere na sala de aula e que se o professor fala no mesmo tom, a aula fica cansativa. Ao usar a voz num volume alto ou somente baixo, a fala deverá ter um ritmo, uma curva melódica; no estudo de Viera & Behlau (2009) somente 7,5% dos professores avaliados apresentavam modulação repetitiva, mostrando sua clareza de idéias e o discurso não fica cansativo.

Sabe-se que o ritmo e volume da voz audível é tranquilo e algo que é agradável aos ouvidos. No presente estudo separamos o ritmo do volume da voz e na avaliação dos *experts* o ritmo do PP é repetitivo, ou seja, ele fala muitas vezes no mesmo ritmo (ROCHA, 1999). Falar no mesmo ritmo acaba sendo prejudicial à comunicação do professor com o aluno, torna a aula cansativa, com isso, os alunos podem dispersar-se.

Segundo Polito (2006) ritmo é a entoação da vogal, fazendo a fala ter musicalidade, há uma alternância de velocidade e volume da voz, fazendo com que os ouvintes tenham prazer em escutá-lo. À semelhança é de um refrão de música, caso o professor apresente um ritmo bom, será mais agradável para ouví-lo; caso contrário, se o ritmo for ruim, não haverá prazer em escutá-lo.

Em relação ao *pitch*, 92,9 % dos alunos concordaram com os *experts* em relação ao parâmetro vocal avaliado, ou seja, os alunos perceberam que o *pitch* (sensação de frequência) do PP encontrava-se agudo. A Figura 2 apresenta estes resultados, mostrando que a alternativa escolhida pela maioria dos alunos é significativamente maior que as demais e concordante com a opinião dos *experts*.

Behlau e Pontes (1995) relataram que *pitch* é uma sensação psicofísica da

altura levando em conta a variação entre sons graves e agudos. Este parâmetro alterado na expressividade acarreta dificuldades de transmitir a intenção do discurso durante a emissão da fala (BARBOSA, 2009). Já no estudo de Chaves et al, 2009, o *pitch* foi normal em 73% dos alunos da licenciatura do curso de química, que serão futuros professores desta matéria.

Quanto a *loudness*, 51,1% dos alunos das três turmas avaliadas concordaram com os *experts* que esta sensação é média. Estes dados são também corroborados pela Figura 3, em que a resposta selecionada pela maior parte dos discentes é significativamente maior que as demais e concordante com a resposta dos *experts*.

Também, Behlau e Pontes (1995) referiram que a *loudness* trata da impressão psicofísica da intensidade que julga a voz do individuo como forte ou fraca.

Os alunos concordaram com os *experts* sobre *a loudness* e este fato significa um refinamento da percepção auditiva tanto dos alunos como dos *experts*, sendo que ao contrário dos alunos, os fonoaudiólogos apresentam formação específica para realizarem este tipo de avaliação. São especialistas e possuem a prática da profissão, enquanto os alunos, não possuem tal prática e nem experiência neste tipo de avaliação. Pânico (2001) explica que para se fazer uma análise perceptiva auditiva da qualidade vocal, é necessário treino para tal intento, para desenvolver a atenção auditiva. No entanto, no presente estudo, houve concordância entre *experts* e alunos sem que houvesse treino por parte dos últimos.

O estudo de Medeiros (2002) aponta que o ouvido humano tem capacidade de perceber a *loudness;* o volume sonoro (*loudness*) está relacionado com o ouvido humano, este percebe a amplitude das ondas sonoras e tal fato pode explicar o fato dos alunos também perceberem a *loudness*, sem terem uma prática em fazer esta análise.

Em relação às variáveis *pitch e loudness*, investigação relacionada à expressividade do professor universitário demonstrou que após a conclusão da análise dos questionários aplicados aos professores e do teste de expressividade, estes parâmetros garantiram uma maior expressividade. Tais variáveis aumentaram os recursos expressivos, porém também ficou constatado que as emoções interferem na fluência do indivíduo, como também nos parâmetro não verbais. Neste estudo apresentaram como resultados alguns parâmetros que garantem uma maior

expressividade que são os de *pitch* e intensidade vocal (BARBOSA et al, 2009).

No presente estudo, 83,7% dos graduandos de enfermagem observaram que a *articulação da fala* do PP é precisa, concordando assim com os *experts*. Estes dados são confirmados visualmente na Figura 4, em que a resposta selecionada pela maior parte dos alunos é significativamente maior que as demais e concordante com a resposta dos *experts*.

Chaves et al (2009) em seu estudo identificaram 67% de articulação precisa na maior parte dos informantes (discentes do curso de licenciatura em química). A precisão articulatória foi alta e isso auxilia na compreensão da mensagem; houve 33% de imprecisão articulatória, o que os autores referiram ser um índice elevado. No estudo de Troni et al (2006) os sujeitos da pesquisa foram professores do sexo feminino e na faixa etária de 22 a 62 anos. Os autores consideram que há grande influência da idade na cadeia muscular da face, responsável pela articulação dos fonemas, ou seja, quanto maior a idade, mais flexível torna-se os articuladores.

Quanto à *velocidade da fala*, 78% dos graduandos de enfermagem concordaram com os *experts* que a velocidade é média; tais informações também podem ser evidenciadas na Figura 5, em que a resposta selecionada pela maioria dos discentes é significativamente maior que as demais e concordante com a resposta dos fonoaudiólogos.

Sabe-se que a velocidade de fala está diretamente ligada a articulação, ou seja, se a pessoa articula com precisão, automaticamente sua velocidade de fala será média, pois ela pronunciará bem os fonemas da língua, fazendo com que a mensagem seja entendida. E no presente estudo, a grande maioria dos alunos (83,7%) e dos *experts* avaliaram a fala do PP como sendo precisa.

Na pesquisa de Chaves et al (2009) a velocidade de fala foi considerada adequada em 54% dos discentes de licenciatura em química. Porém, houve inadequação da velocidade de fala em 46% dos professores avaliados.

Com relação à *respiração*, na presente pesquisa os *experts* referiram ser normal, enquanto que os alunos referiram (em 47,5%) que a respiração do PP, às vezes, demonstrava cansaço, o que indica uma certa diferença em relação aos resultados dos *experts*. A Figura 6 também mostra estes valores, indicando que as duas respostas selecionadas pela maior parte dos discentes não podem ser consideradas significativamente maiores que as demais e nem plenamente

concordantes com a resposta dos *experts*.

Ao analisar as respostas individualizadas das três turmas de alunos sobre a *respiração* apresenta-se a discussão que se segue. As turmas 1 e 3 referiram que esta apresentava-se normal concordando com os fonoaudiólogos, enquanto que a turma 2 referiu que o PP demonstrava cansaço, não coincidindo com a opinião dos *experts*. A prática clinica tem demonstrado que a fadiga vocal pode ser a porta de entrada para possíveis alterações na voz e na expressividade, o que leva o professor a necessitar de orientações e adequações na respiração e na expressividade da fala.

No protocolo de avaliação dos fonoaudiólogos relacionou-se a coordenação da fala com a respiração, que é a denominada coordenação pneumofonoarticulatória. Entretanto, para os alunos, julgou-se que este termo poderia ter um significado complicador e, para facilitar a compreensão, adaptou-se e colocou-se a respiração associada ao cansaço, pois quando a pessoa fala e não apresenta coordenação pneumofonoarticulatória, este problema é demonstrado pelo cansaço ao falar.

Com relação ao *ataque vocal-esforço vocal*, tanto os *experts* como 44,7% dos alunos coincidiram com a opinião que às vezes o PP apresentava esforço para falar, ou seja, realizando o ataque vocal brusco. Estas informações também podem ser evidenciadas na Figura 7, em que a resposta selecionada pela maioria dos alunos é significativamente maior que as demais e concordante com a resposta dos três fonoaudiólogos.

Troni et al (2006) em seu estudo com professores, avaliaram o professor em ambiente profissional e não profissional. No ambiente profissional houve um predomínio de articulação mais aberta e isso se deve a custa de esforço para projeção da voz, o que confere com o presente estudo. Em alguns momentos, o PP realizou ataque vocal, possivelmente para enfatizar também a palavra e com isso colocou esforço, ou seja a *loudness* forte. Este fato auxilia na explicação da resposta do *expert* que percebeu a elevação da *loudness* nas palavras (consideração feita pelo *expert* 2, nos Recursos Vocais – ênfase).

Na presente investigação, quanto à variável *pausa*, a avaliação dos *experts* e alunos não coincidiram. As respostas médias (36,5%), poucas (26,3%) e muitas (24,6%), emitidas pelos alunos, tiveram percentuais assemelhados. A Figura 8 também não mostrou qualquer uma das respostas dos alunos como

estatisticamente significante, embora todos os *experts* concordassem entre si, que as pausas realizadas pelo PP foram adequadas e, as vezes, coincidiam com as ênfases.

Disfluências e pausas dificultam a expressividade, ou seja, funcionam como elementos dificultadores; se as pausas estiverem de forma exagerada, irão dificultar a expressão do docente (BARBOSA et al, 2009)

As pausas valorizam o discurso e a apresentação, mas isso vai depender se ela for bem utilizada; é um momento em que o público reflete sobre o assunto (Panico, 2001), é o silêncio necessário para as pessoas fazerem uma reflexão.

No que se refere a variável *ênfase*, não houve como fazer comparações entre a avaliação dos *experts* e dos estudantes. Os especialistas emitiram respostas de cunho qualitativo e diferentes entre si (pausas prolongadas, com aumento da intensidade; predomínio de elevação de *pitch* e *loudness* na palavra; viciosas e previsíveis). Quanto aos alunos, as respostas foram essencialmente quantitativas, sendo que a maioria (78,4%) respondeu que as pausas são freqüentes, conforme constatado na tabela 2 e Figura 9. O fonoaudiólogo que é especialista em voz consegue perceber as diferenças deste tipo de recurso vocal de forma mais acurada que os não especialistas.

Em relação á variável *expressão facial* houve concordância de opiniões entre os *experts* e entre os alunos de todas as turmas entre si. A Figura 10 também indica esta concordância mostrando que a resposta selecionada pela maioria dos discentes é significativamente maior que as demais e concordante com a resposta dos fonoaudiólogos.

No estudo de Castro e Silva (2001) sobre a influência do comportamento comunicativo não-verbal do docente em sala de aula, foi avaliado o professor de enfermagem e foi relatado pelos alunos a importância do olhar, do toque, do sorriso, da vestimenta, da proximidade mantida com os alunos e do cumprimento.

Na presente investigação não se atentou para o toque, a vestimenta, a proximidade e a forma direta, mas sabe-se que os mesmo estão relacionados com a postura corporal.

Polito (2006 p.101) destaca que os olhos são indicadores de coerência entre a mensagem transmitida com as palavras e o sentimento. Durante uma atividade de apresentação, os olhos exercem dois objetivos: receber o retorno, analisando como os ouvintes reagem e se comportam diante da mensagem e

valorizando a presenças das pessoas no ambiente.

No estudo de Rocha (1999), os alunos que avaliaram uma professora, referiram que ela apresentou-se sorridente, afetuosa e alegre, usando o levantamento de sobrancelhas e “olhar brilhante”. Tais alunos referiram que estas expressões facilitaram a didática e também a interação em sala de aula, promovendo o interesse dos alunos. Este fato foi comprovado, quando ela fazia um meneio positivo, situação em que o professor movimenta a cabeça e pescoço, direcionando e demonstrando afirmação da mensagem, como um “sim”.

Castro e Silva (2001) identificaram dois tipos de olhar: o direto e o indireto. No primeiro a pessoa olha sempre diretamente nos olhos dos ouvintes *(olhos nos olhos),* procurando as pessoas com o olhar; no olhar indireto a pessoa olha para todos, alunos, pessoas em geral, mas sem se fixar em ninguém. No estudo desenvolvido por estes autores foi também perguntado aos professores sobre o olhar, sua forma, frequência; os professores referiram que o olhar deve existir, embora às vezes seja bloqueado pelos alunos. Também disseram que no primeiro contato é mais difícil de ocorrer e que isto depende da cultura, as vezes a pessoa desvia o olhar por timidez ou até mesmo por receio. O tipo de olhar deve ser espontâneo, transmitir segurança e ser capaz individualizar a interação. Há olhares que aproximam, que distanciam, há olhares fixos (que indicam o querer conversar), de interrogação, de timidez e os que dependem do grau de maturidade.

Polito (2006) exemplifica: quando o orador olha para a platéia e percebe as pessoas movimentando-se de um lado para o outro, olhando para outras pessoas, conversando e distraídas com algo, ele deverá olhar para platéia e chamar a atenção de alguma forma; se ele não estiver olhando, não terá condições de fazer tal julgamento.

Rocha (1999), após a análise da filmagem dos docentes de enfermagem, identificou que os professores olham intensamente, utilizando o contato dos olhos, talvez porque estivesse anotando sugestões dos alunos no quadro.

Barbosa et al (2009) também referiram que a expressão facial pode contribuir para expressividade quando ocorre de forma diversificada e adequada ao contexto do discurso, mas pode também limitar a expressividade, se for de forma restrita ou muito exagerada.

No que se referem aos *gestos*, os alunos concordaram com a maioria dos *experts* e concordaram entre si; 56,7% indicam que os gestos são adequados e

harmônicos. A Tabela 2 e a Figura 11 indicam esta realidade, pois mostram que a alternativa escolhida pela maioria dos alunos é significativamente maior que as demais e concordante com a maioria dos *experts*. Para eles, os gestos do PP são considerados adequados quando presentes, mas em alguns momentos são repetitivos.

Na investigação de Castro e Silva (2001), foi questionado sobre: "*que aspectos da comunicação do professor você acha que interferem na interação aluno-professor?".* Nas respostas evidenciou-se que os gestos entre outros aspectos foram considerados como intervenientes na comunicação do professor, ou seja, mostrando a importância de realizar gestos harmônicos na sua expressividade para ter uma boa aula. Neste mesmo estudo, os alunos referiram que jogar o cabelo de um lado para o outro repetindo este movimento, pode atrapalhar e desviar a atenção da quem está assistindo a aula.

Na presente investigação, com relação à *postura corporal* os *experts* relataram que o PP apresentava-a alinhada e que em alguns momentos, ausente. Os alunos em sua maioria (91,5%) referiram que a postura do PP transmite segurança, o que é constatado na Tabela 2 e Figura 12, em que a resposta selecionada pela maioria destes discentes é significativamente maior que as demais e concordante com a resposta dos fonoaudiólogos.

Tais resultados também são concordantes com os de Castro e Silva (2001). Uma postura física alinhada, em sala de aula transmite segurança e facilita a interação dos docentes com alunos; estes sinais não-verbais encorajam o aluno a participar da aula porque demonstram respeito e aceitação, sendo então, facilitadores da comunicação entre professor e aluno (CASTRO e SILVA, 2001).

Viera & Behlau (2009) em estudo sobre professores, identificaram que alguns professores são mais rígidos, realizando movimentos em blocos, com cabeça elevada e/ou anteriorizada e ou ombros elevados, antebraços presos. Polito (2006) explica que a postura demonstra interesse e credibilidade. Deve-se evitar os dois extremos no posicionamento de tronco, ou seja, postura relaxada, com o corpo curvado para frente, peitos retraído e ombros caídos, estes demonstra deselegância. Também não se recomenda o exagero, ou seja, atitude excessivamente altiva e arrogante, porque pode passar a imagem de prepotência,e também de antipatia (POLITO,1987).

Os itens a seguir referentes as perguntas 13 e 14 (o PP demonstra

experiência em falar em público e quando você assistiu o vídeo do professor, o que lhe chamou mais atenção), não foram comparados com as respostas dos *experts* porque não estavam contemplados no PAF (Feijó, 2003). A Tabela 2 mostra que para 90,8% dos alunos o PP transmite experiência ao falar em publico; a Figura 13 demonstra significância estatística neste quesito, embora não houvesse a comparação alunos*experts*. A Tabela 2 também mostra que 53,9% dos alunos informam que o que chamou atenção no vídeo foi tanto a forma como o conteúdo da aula ministrada pelo PP; a Figura 14 apresenta estas informações, com significância estatística, embora sem as comparações com os *experts*, mencionadas anteriormente.

Estudo realizado por Friedlander & Moreira (2006) identificou que a qualidade do trabalho e do produto em qualquer instituição educacional é determinada e fundamenta-se nos seres humanos envolvidos no processo de formação. Estes autores realizaram estudo em que os professores foram avaliados pelos alunos, em uma escola superior de enfermagem em Lisboa (Portugal). Os resultados mostraram que os alunos definiram como professores bons, os que apresentam os atributos: maduro e bem qualificado para o ensino, com sólida experiência na docência e boa experiência no exercício da profissão. Na opinião dos próprios professores, os professores são capazes de estabelecer um bom relacionamento com seus alunos, acreditam-se eficazes na prática docente e possuem profundo conhecimento da sua disciplina.

No estudo de Rocha (1999), os alunos referiram que a professora apresentava facilidade para se comunicar, deixava todos os alunos a vontade e desenvolveu várias atividades, mantendo o grupo interessado. A autora afirma que quando o assunto é interessante e colocado de forma didaticamente estimulante, o professor pode contar com a atenção dos alunos, mesmo diante de circunstâncias inesperadas, como interrupções, barulhos externos e outros fatores que possam interferir no processo de ensino em sala de aula.

Na investigação de Rego (2001), com o propósito de conhecer as concepções dos estudantes e dos professores acerca da eficácia comunicacional dos docentes de ensino superior, um dos resultados foi que os estudantes não se deixam deslumbrar por posturas “apenas simpáticas”. Tal como os professores, os alunos consideram que a eficácia comunicacional docente implica ser consciencioso na preparação e organização das aulas, empenhar-se ativamente para que os

discentes aprendam os conhecimentos, ilustrar a exposição com exemplos práticos, ser cuidadoso no modo como as aulas são ministradas.

Foi realizado um estudo sobre o professor real e o ideal na visão de um grupo de graduandos de enfermagem. Para estes alunos, o professor ideal é aquele que domina a disciplina profundamente, tem clareza e linguagem fácil nas suas explicações, demonstra haver maneiras diferentes de ensinar, demonstra segurança e domínio de si e na a condução do ensino, entre outras características. O professor real, de acordo com os resultados encontrados, possui características e atitudes consideradas como as mais positivas e desejadas do professor ideal, porém a frequência com que seus professores as apresentam deixa a desejar, já que "raramente" ou apenas "alguns", contemplam essas características em sua atividade docente. Mesmo considerados melhores, esses professores apresentam características e atitudes entendidas como negativas por mais de 85% da amostra (graduandos de duas escolas distintas); são os professores que aplicam prova que exigem memorização e repetição das aulas e utilizam apenas um instrumento de avaliação, características que estão presentes no comportamento de "todos" ou" quase todos" os seus professores, segundo mais de 47% dos graduandos investigados (Gabrielli & Pelá, 2003).

A expressividade do docente pode ser vista como um recurso que regula a interação, uma ferramenta com que os professores podem contar para direcionar suas ações na sala de aula, para organização e manejo da classe. (Barbosa et al, 2009).

No estudo de Barbosa et al (2009) é incontestável o fato de que a expressividade verbal pode ser um dos parâmetros utilizados para revelar e fornecer a perspectiva sobre como o professor trabalha as intenções e o conteúdo e a construção de significados por parte dos alunos. Neste estudo também houve a constatação que os professores com melhor *performance* comunicativa estão acima de 40 anos e têm mais de 10 anos de experiência docente, tem doutorado e são mulheres.

Tais achados corroboram com o presente estudo, devido ao fato do PP ser uma mulher e apresentar mais de 10 anos de experiência com a docência e também apresentar idade acima de 40 anos.

Para Galvão (2001), em investigação de revisão sobre as interações sociais relacionadas à expressividade e emoções, existe importância dos recursos

expressivos-emocionais desde criança. Charles Darwin que foi o precursor do estudo cientifica das emoções, cita o seu livro “A expressão das emoções no homem e no animal, publicado em 1872, obra consultada em pesquisas no campo da psicologia, com o objetivo de “fundamentar e determinar ate onde as mudanças específicas nos traços e gestos são realmente expressões de certos estados de espírito”

Rocha (1999) concluiu que a boa comunicação com o professor facilita a aprendizagem. O conteúdo deve ser organizado, planejado, revisado e atualizado; deve haver um equilíbrio entre complexidade e clareza e as experiências de aprendizagem devem oferecer escolhas e encaminhar para ações. É importante o *feedback* dos alunos para o professor manter-se atualizado e promover mudanças, respeitando seus alunos e desejando alcançar o diálogo e a participação nas inovações pretendidas, tendo respeito ao seu aluno com relação à suas opiniões.

Ainda para este autor (Rocha, 1999), os currículos de graduação em enfermagem devem ser repensados e há a constatação que os professores estão presos a grades curriculares, sem repensar ou organizar o tempo de forma produtiva, para facilitar os caminhos do processo de ensino-aprendizagem. Há comportamentos não verbais e verbais que podem motivar o aluno a aprender. Há existência da coerência entre o verbal e não verbal, e isto é compatível com a presente investigação, já que o PP realiza gestos acompanhados das ênfases e isto foi descrito pelos *experts*.

É importante a comunicação interpessoal e a coerência entre a comunicação verbal e não verbal é fundamentalmente importante para ensino aprendizagem.

Este fato também pode ser comprovado no estudo de Hunt e Cooper (2001) e de Simonds (2008) que mostram que o professor deve passar por um programa de treinamento para adquirir as habilidades comunicativas e somente assim, ser admitido na carreira de docência. As funções que um professor exerce dependerão da capacidade de comunicar-se eficazmente, como a apresentação de informações de uma forma que os alunos vão compreendê-las, usando uma variedade de estratégias instrucionais (palestras, grupos, trabalho, questionamentos) para um público diversificado e exigente como é o caso dos alunos (SIMONDS, 2008). Ainda afirmam que os cursos deverão

contemplar tanto na prática como na teoria aspectos relacionados à comunicação.

Em síntese, no presente estudo, identificou-se que o aluno da universidade pública pesquisado apresentou elementos de avaliação da expressividade do PP semelhantes aos apresentados pelos especialistas em voz, fonoaudiólogos.

# *7. CONCLUSÕES*

O presente estudo foi realizado na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP, com o objetivo geral de avaliar a expressividade do professor universitário de enfermagem ministrando aula e o julgamento dos alunos em relação a suas habilidades expressivas. Contou com 141 alunos que realizaram a avaliação da expressividade do professor, que também foi avaliado neste aspecto por experts fonoaudiólogos.

Constatou-se que os *experts* apresentaram, praticamente, poucas discordâncias entre sí em relação à avaliação da expressividade do PP, pois são especialistas e possuem experiência profissional no mesmo segmento do mercado de trabalho (radio e televisão). Quanto a identificação da expressividade do professor segundo a avaliação de alunos e dos *experts*, em relação aos elementos: tipo de voz, *pitch*, esforço vocal, *loudness*, articulação, expressão facial, gestos e postura corporal, os resultados mostraram que as alternativas escolhidas pela maioria dos alunos foram significativamente maiores que as demais e concordantes com a maioria dos *experts*. Os elementos ênfase, "demonstra experiência" e "o que chamou atenção no vídeo" não foram possíveis de comparação, porque não houve equivalência entre os instrumentos utilizados para a avaliação dos *experts* e dos alunos.

O item "pausa na fala" não apresentou significância estatística entre a avaliação das respostas dos alunos, quando comparadas aos *experts*. Quanto as diferenças de avaliações entre as três turmas entre sí, estas apresentaram poucas divergências.

A hipótese desta investigação (o julgamento do aluno sobre as habilidades expressivas do professor de enfermagem é compatível com a avaliação de experts fonoaudiólogos) foi confirmada, em sua maioria, pelos resultados encontrados na pesquisa, mostrando que os alunos da universidade pública são mais que meros espectadores, mas sim pessoas capazes de avaliar, com propriedade, o professor.

Novas pesquisas fazem-se necessárias para o avanço do conhecimento sobre a expressividade do professor, elemento imprescindível para a sua efetiva atuação profissional.

# *8. REFERÊNCIAS*[*]

[*] De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

ALLAN & PEACE, B.; Desvendando os segredos da linguagem corporal. Tradução: Pedro Jorgensen Júnior. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

ALVES, Liliana Amorim. Parâmetros vocais e percepção vocal de professores universitários. Tese (Mestrado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

ALVES, Liliana Amorim et al . Alterações da saúde e a voz do professor, uma questão de saúde do trabalhador. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 4, ago. 2009.
Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692009000400020&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 maio 2010. doi: 10.1590/S0104-11692009000400020.

ANDRADE, L; COTES, C; KYRILLOS, L. A Fonoaudiologia no Telejornalismo. In: Ferreira LP, Andrada e Silva MA. Saúde Vocal. São Paulo: Editora Roca, 2002.

ARRUDA, A.F. Expressividade oral de professoras: análise de recursos vocais. 2003. Dissertação ( Mestrado em Fonoaudiologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BARBOSA, N. et al. A expressividade do professor universitário como fator cognitivo no ensino-aprendizagem. *The expressiveness of the university teacher as cognitive factor in the teach-learning.* Ciências & Cognição 2009; vol.14 (1): 75-i02. Disponivel em: www.cienciasecognição.org.

BEHLAU, M.; em Pesquisa, v.1,n.1, p.34-42, 1996.

BEHLAU, M.; PONTES, P. Avaliação e tratamento das disfonias. São Paulo: Lovise, 1995.

BEHLAU, M. Voz: o livro do especialista. Rio de Janeiro. Revinter,2001.v.1.

BEHLAU, M; AZEVEDO, R; PONTES, P. Conceitos de voz e classificação das disfonias. In BEHLAU.M.S. Voz: O livro do especialista. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.p. 53-76.

BERGAMASCO, Niélsy Helena Puglia. Expressão Facial Como Acesso À Consciência do Recém-Nascido. Psicol. USP, São Paulo, v. 8, n. 2, 1997.
Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

65641997000200013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 maio 2010. doi: 10.1590/S0103-65641997000200013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96. 1996. Disponível em: www.conselhonacionaldesaude.gov.br. Acesso em 11 Julho de 2010.

CASTRO, R.K.F., SILVA, M.J.P. Influências do comportamento comunicativo não-verbal do docente em sala de aula- visão dos docentes de enfermagem. Revista Escola de Enfermagem USP 2001; 35(4): 381-9.

BOONE, D.R; MACFARLANE, S.C. A voz e a terapia vocal. Tradução Sandra Costa, consultoria e revisão técnica, Silvana Brescovici. 5 ed. Porto Alegre; Artmed, 2003.

CAMISA,M.T.; FARIA, D.M.; GUIMARÃES, M.A. Muito além do ninho de mafagafos: um guia de exercícios práticos para aprimorar sua comunicação. São Paulo: J&H Editoração, 2007.

CARRASCO, O. C. Maria. Fonoaudiologia Empresarial: Perspectivas de consultoria, assessoria e treinamento. Manual teórico-prática. São Paulo: Lovise 2001.

CHAVES, T.A; COUTINHO, F. A; MORTIMER, E. F. A expressividade do futuro professor de química: recursos verbais e não verbais. R.B.E.C.T., vol2, n. 1. jan./abr.2009

CHAUI, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 24, Dec. 2003. Disponível em:. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300002&lng=en&nrm=iso>. access on 20 May 2010. doi: 10.1590/S1413-24782003000300002

CHIAVENATO, I. Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. Rio de Janeiro: Elsevier. Edição compacta. 3ª ed. Ver. E atualizada. 2004.

CONSELHO Federal de Fonoaudiologia. 2010. Disponível em: http://www.fonoaudiologia.org.br/htm/leis01.jsp. Acesso em: 11 julho de 2010.

COTES, C; FEIJÓ, D; KYRILLOS, L. Voz e Corpo na TV. A Fonoaudiologia a Serviço da Comunicação. São Paulo: Editora Globo: 2003.

CORAZZA, V. R. et al. Correlação entre os achados estroboscópicos, perceptivo-auditivos e acústicos em adultos sem queixa vocal. **Rev. Bras. Otorrinolaringol.**, São Paulo, v. 70, n. 1, Jan. 2004.
Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72992004000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 28 May 2010. doi: 10.1590/S0034-72992004000100005

DAMKAUSKAS, T; LUIZ, D.I.; OHI, R.I.B. A importância da relação aluno-professor na vivência do exame físico de enfermagem: um enfoque fenomenológico. Acta Paul. Enf., v.10, n.3, p. 62-72, 1997.

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO. Disponível em: http://www2.eerp.usp.br/pg/. Acesso em: 11 Julho 2010.

ENGELMANN, A. *A possibilidade do estudo científico da consciência*. São Paulo, 1991. 156p. Tese (Livre-Docência) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

ESTIENNE, F. Voz Falada – Voz Cantada: Avaliação e Terapia. Trad. Daniela Teixeira Siqueira. Rio de Janeiro: Revinter: 2004.

FARIA, M. D.; CAMISA, M. T.; GUIMARÃES, M.A. Muito Além do ninho de mafagafos: um guia de exercícios práticos para aprimorar sua comunicação. São Paulo: J&H Editoração, 2007.

FAWCUS, M. Disfonias: Diagnóstico e Tratamento. Trad. Vilma Ribeiro de Souza Vargas e Lúcia Maria Mercê de Lima. Revisão Técnica: Marly Bezerra Canogia. Titulo original Voice Disorders and their Management. 2 ed. Revinter – RJ- RJ. 2001

FEIJO, D. Avaliando a comunicação oral. In: kyrillos LR. Fonoaudiologia e Telejornalismo. São Paulo: Revinter, 2003.

FERNANDES, Ciane. Esculturas líquidas: a pré-expressividade e a forma fluida na dança educativa (pós) moderna. Cad. CEDES, Campinas, v. 21, n. 53, Apr. 2001. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 11 May 2010. doi: 10.1590/S0101-32622001000100002

FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa- revista ampliada. 2.ed. Ed. Nova Fronteira, RJ-RJ, 1986.

FRIEDLANDER, M,R.; MOREIRA, M.T.A. Formação do enfermeiro: característica do professor e o sucesso escolar. Nurse's training: professor's characteristics and academic success. Revista Brasileira de Enfermagem 2006 jan-fev;59(1):9-13.

FERREIRA, M. A. E. Recursos de expressividade oral e lingüístico-discursivos de operadores de telemarketing: relação com a sensação gerada em prováveis. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

GABRIELLI, J.M.W.; PELÁ, N.T.R.; O professor real e o ideal na visão de um grupo de graduandos de enfermagem. Revista Escola de Enfermagem USP 2004; 38 (2): 168-74.

GALVÃO, Isabel. Expressividade e emoção: Ampliando o olhar sobre as interações sociais. Revista Paulista Educação Física. Faculdade de Educação Física da Universidade de São Paulo, 2001; supl.4: p.15-31.

GAYOTTO, L. H. C.; SOUZA, L. A. P. Expressão no teatro. In: KYRILLOS, L. (Org.). Expressividade – Da Teoria à Prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, p. 105-149.

HUNT, K. S.; SIMONDS, C. J.; COOPER, P.J. Communication and teacher education: explorando a communication course for all teachers. Communication Education, 51: 1, 81-94.

GHIRARDI, A. C. A. M. Expressividade no rádio: a prática fonoaudiológica em questão. 2004. Monografia (Especialização em Comunicação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

GONÇALVEZ, N.; A Importância do falar bem – a expressividade do corpo , da fala e da voz valorizando a comunicação verbal. São Paulo: Lovise, 2000.

JUNG, M. Santo de casa não faz milagre, mas tem expressão. In: KYRILLOS, L. (Org.). Expressividade ? Da Teoria à Prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p. 105-149.

KYRILLOS, L.R. (Org). Expressividade. Da Teoria à Prática. Rio de Janeiro: Revinter: 2005.

KYRILLOS, L. R. Voz na mídia (televisão e rádio). In: Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO (orgs.) Pupo AC, Furkim AM, Chiari BM, Bianchini EMG, Ramos SM ( co-org.)Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 2004.

LUIZ, D.I; DAMKAUSKAS, T.; OHI, R.I.B. A importância da relação aluno-professor na vivencia do exame físico de enfermagem: um enfoque fenomenológico. Acta Paul. Enf., v. 10, n.3, p. 62-72, 1997.

MEDEIROS, E. B. Introdução a teoria acústica. Departamento de Engenharia Mecânica da UFMG Disponível em: http://www.cpdee.ufmg.br/~semea/anais/artigos/EduardoBauzer.pdf, acesso em: 16 julho 2010

MADUREIRA, S. Expressividade na fala. In: KYRILLOS, L. (Org.). Expressividade – Da Teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, p. 15-25.

MENDES, E.; JUNQUEIRA, L. A. C. Comunicação sem medo: um guia para você falar em público com segurança e naturalidade. 7 ed. São Paulo: Gente, 1999.

MERCATELLI, C. Expressividade e Relações Públicas. In: KYRILLOS, L. (Org.). Expressividade – Da Teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, p. 15-25.

MICHAELLIS. Moderno dicionário da língua portuguesa. Rio Janeiro: Melhoramentos, 2000.

NUNES, A.K.; HELFER, C.L.L. Diagnóstico do desempenho na docência da graduação da UNISC. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n.1, p. 169-183, mar. 2009.

OKAMOTO, Eduardo. O ator-montador. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Artes), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.

PACHANE, G. G. A importância da formação pedagógica para o professor universitário: A experiência da UNICAMP. Tese Doutorado (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2003.

PANICO, A.C.M.C. A voz no contexto político: análise dos recursos vocais e gestuais no discurso de senadores. Dissertação de mestrado em Fonoaudiologia. Pontifica Universidade de São Paulo- PUC, 2001.

PENTEADO. R. Z, PEREIRA, I.M.T.B. Qualidade de vida e saúde vocal de professores. Rev Saúde Pública [periódico na Internet]. 2007 abr [citado 2008 dez 14]; 41(2):236-243. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script= sci_arttext &pid =S003489102007 000200010&lng=pt. doi:10.1590/S0034-89102007000 200010.

PINHO, S. M. R. Fundamentos em Fonoaudiologia: Tratando os distúrbios da voz. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

PINHO, S. M. R. Fundamentos em Fonoaudiologia: Tratando os distúrbios da voz. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

POLITO, R. Como falar corretamente e sem inibições. 32 ed. São Paulo: Saraiva: 1991.

POLITO, R. Gestos e Posturas. São Paulo. Saraiva, 1996.

POLITO, R. Como falar corretamente e sem inibições. 111ed. Revista atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 2006.

REGO, A. Eficácia Comunciacional na Docêncial Universitária- A Perspectiva de Estudantes e Professores. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-Dez 2001, vol. 17 n. 3, p. 275-284

ROCHA, E.M. O comportamento comunicativo docente de enfermagem e sua influência na aprendizagem do educando. São Paulo, 1999. 101p. Dissertação (Mestrado)- Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.

ROMANO, C. C et al. Alterações vocais decorrentes do trabalho em professores: uma revisão de bibliografia. Revista de Enfermagem UFPE Online. 2009 Jul./Set.,3(3): 269-277. ISSN: 1981-8963.

ROSA, P.R.S. O que é Ser professor? Premissas para a definição de um domínio da matéria na área de ensino de ciências. Cad. Cat. Ens. Fis.Florianópolis, v.16, n.2: p. 195-207, ago.1999.

SALAS,W. et al. Prevalencia de disfonía en profesores del distrito de Pampas - Tayacaja- Huancavelica. Rev Med Hered [online]. jul./set. 2004, vol.15, no.3 [citado 22 diciembre 2008], p.125-130. Disponible en la World Wide Web: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1018-

130X200400030000 2& lng=es&nrm=iso.ISSN 1018-130X.
SIMONDS, B. K. et al. Communication and diversity: innovations in teacher Education. Communication Teacher, 22: 2, 56 — 65 - 2008

SOUSA, J. P. Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media. 2 revista ampliada e revista. Porto 2006.
Disponível em: http://bocc.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf.
http:// www.usp.br

STIER, M. A.; COSTA, B.; Expressividade: falar com naturalidade e técnica no jornalismo de televisão. In: KYRILLOS, L. (Org.). Expressividade – Da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, p. 179-196.

TRIVIÑOS, A. N. S.; Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 175 p., 1987.

TRONI, C.R. et al. Professores em contexto profissional e não profissional: análise objetiva e subjetiva dos aspectos da articulação e da postura. Distúrbios da Comunicação Humana, São Paulo, 18(2): 179-188, agosto, 2006.

TUNES, E.; TACCA, M. C.; BARTHOLO, R.S. J. O professor e o ato de ensinar. Caderno de Pesquisa, v.35.n.126, p. 689-698, set.dez. 2005.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. A USP em números. Disponível em:
http://www.usp.br/75anos/?idpag=36. Acesso em: 11 Julho 2010.

VIERA, A.C. & BEHLAU, M. Análise de voz e comunicação oral de professores de curso pré-vestibular. *Voice and oral communication analysis of preparatory school teachers.* Revista Sociedade Bras. Fonoaudiologia. 2009; 14 (3): 346-51.

VIOLA, I. E. O gesto vocal: a arquitetura de um ato teatral. 2006. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

VIOLA, I. C.; Expressividade, estilo e gesto vocal. Lorena: Instituto Santa Tereza, 2008, p. 17-18.

VINE, T. M. M.; Dança Vocal: a voz do movimento, o movimento da voz. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005.

# *APÊNDICES*

## APÊNDICE 1 - Termo de Esclarecimento e Consentimento de participação voluntária em Pesquisa Científica com seres humanos (**Professor Participante**)

Eu, Cristiane da Conceição Romano, orientada pela professora Dra Maria Lúcia do Carmo C. Robazzi, na linha de pesquisa Saúde do Trabalhador, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental, venho por meio desta, solicitar sua participação voluntária no projeto de pesquisa intitulado O JULGAMENTO DA EXPRESSIVIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DE ENFERMAGEM MINISTRANDO AULA.

O estudo que estou me proponho a realizar tem como objetivo Investigar a expressividade de docentes universitários e relacioná-los com o julgamento dos alunos com relação à sua atuação profissional.

Sua participação é voluntária e pode ser interrompida em qualquer momento desse processo, sem nenhum tipo de pressão ou constrangimento.

Sua participação inclui a filmagem de uma aula a ser ministrada por você, cuja fita posteriormente será editada (terá duração máxima de 6 minutos) e será apresentada aos alunos e *experts* fonoaudiólogos, para observação dos recursos vocais, recursos verbais e não-verbais, por meio do preenchimento de um protocolo de avaliação (a ser preenchido pelos *experts*) e um questionário com 14 perguntas de múltipla escolha (a ser preenchido pelos alunos).

Sua colaboração poderá trazer um risco mínimo de desconforto, pois será realizado em ambiente fechado (sala de aula). Considero que os recursos vocais, verbais e não-verbais estão diretamente à sua *performance* dentro da sala de aula e a as alterações destes recursos podem levar uma *performance* adequada ou não dentro da sala de aula. Com isso, iremos orientar adequadamente os profissionais que usam a expressividade como instrumento de trabalho.

Ao consentir em participar voluntariamente, você terá acesso aos resultados finais desta pesquisa, além de ter a garantia da manutenção do sigilo de sua identidade.

Os dados obtidos serão exclusivamente utilizados nesta pesquisa.

_____

Cristiane da Conceição Romano

Eu, _____, discuti com a fonoaudióloga Cristiane da Conceição Romano sobre minha participação nesta pesquisa. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confiabilidade e os esclarecimentos a que tenho direito. Em vista disto, concordo voluntariamente em participar deste estudo.

_____

Assinatura

_____

Local, Data.

## APÊNDICE 2 - Termo de Esclarecimento e Consentimento de participação voluntária em Pesquisa Científica com seres humanos **(Alunos)**

Eu, Cristiane da Conceição Romano, orientada pela professora Dra Maria Lúcia do Carmo C. Robazzi, na linha de pesquisa Saúde do Trabalhador, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental, venho por meio desta, solicitar sua participação voluntária no projeto de pesquisa intitulado O JULGAMENTO DA EXPRESSIVIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DE ENFERMAGEM MINISTRANDO AULA.

O estudo que estou me proponho a realizar tem como objetivo Investigar a expressividade de docentes universitários e relacioná-los com o julgamento dos alunos com relação à sua atuação profissional.

Sua participação é voluntária e pode ser interrompida em qualquer momento desse processo, sem nenhum tipo de pressão ou constrangimento.

Sua participação inclui responder um questionário com quatorze questões de múltipla escolha relacionada aos recursos vocais, recursos verbais e não-verbais, antes, porém de responder ao questionário a pesquisadora Cristiane da Conceição Romano responsável por aplicar o questionário, irá explicar todos os itens que não ficarem claros e concisos aos alunos respondentes.

Eu, _____, discuti com a fonoaudióloga Cristiane da Conceição Romano sobre minha participação nesta pesquisa. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confiabilidade e os esclarecimentos a que tenho direito. Em vista disto, concordo voluntariamente em participar deste estudo.

_____

Assinatura

_____

Local, Data.

## APÊNDICE 3 - Termo de Esclarecimento e Consentimento de participação voluntária em Pesquisa Científica com seres humanos (**Professor Teste**)

Eu, Cristiane da Conceição Romano, orientada pela professora Dra Maria Lúcia do Carmo C. Robazzi, na linha de pesquisa Saúde do Trabalhador, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental, venho por meio desta, solicitar sua participação voluntária no projeto de pesquisa intitulado O JULGAMENTO DA EXPRESSIVIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DE ENFERMAGEM MINISTRANDO AULA.

O estudo que estou me proponho a realizar tem como objetivo Investigar a expressividade de docentes universitários e relacioná-los com o julgamento dos alunos com relação à sua atuação profissional.

Sua participação é voluntária e pode ser interrompida em qualquer momento desse processo, sem nenhum tipo de pressão ou constrangimento.

Sua participação inclui a filmagem de uma aula a ser ministrada por você, cuja fita posteriormente será editada (terá duração máxima de 6 minutos) e será apresentada aos *experts* fonoaudiólogos, para observação dos recursos vocais, recursos verbais e não-verbais, por meio do preenchimento de um protocolo de avaliação (elaborado por Feijó (2003) e para realizar a confiabilidade do Questionário de Avaliação do Aluno (QAA1).

Sua colaboração poderá trazer um risco mínimo de desconforto, pois será realizado em ambiente fechado (sala de aula). Considero que os recursos vocais, verbais e não-verbais estão diretamente à sua *performance* dentro da sala de aula e a as alterações destes recursos podem levar uma *performance* adequada ou não dentro da sala de aula. Com isso, iremos orientar adequadamente os profissionais que usam a expressividade como instrumento de trabalho.

Ao consentir em participar voluntariamente, você terá acesso aos resultados finais desta pesquisa, além de ter a garantia da manutenção do sigilo de sua identidade.

Os dados obtidos serão exclusivamente utilizados nesta pesquisa.

_____

Cristiane da Conceição Romano

Eu, _____, discuti com a fonoaudióloga Cristiane da Conceição Romano sobre minha participação nesta pesquisa. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confiabilidade e os esclarecimentos a que tenho direito. Em vista disto, concordo voluntariamente em participar deste estudo.

_____

Assinatura

_____

Local, Data.

# APÊNDICE 4 – Declaração encaminhada aos juízes

Ribeirão Preto, 29 de Agosto 2009.

Prezada (o) fonoaudióloga (o),

Conhecedora de sua importante experiência profissional, venho por meio desta solicitar à V. Sra. que possa colaborar com o estudo intitulado **O julgamento da expressividade do professor universitário de enfermagem minstrando aula,** refere-se a Dissertação de Mestrado em Ciências pela EERP da USP de Ribeirão Preto (São Paulo) de minha autoria (Cristiane da Conceição Romano) sob orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi.

O objetivo geral do estudo é avaliar a expressividade do professor universitário e o julgamento dos alunos em relação a estas habilidades expressivas.

Caso haja concordância nesta participação, a contribuição de V. Sra., será a avaliará a confiabilidade do questionário que será aplicado ao aluno e Avaliação do professor da pesquisa.

Primeiramente solicito que V. Sra. Assista o DVD 1 – filmagem teste e deverá marcar as alternativas do questionário(Apêndice 1) seguindo sua capacidade de perceber se o questionário está adequado para o aluno; podendo assistir ao vídeo quantas vezes julgar necessário. O segundo passo é V. Sra assistir o DVD 2- Filmagem do professor em estudo, respondendo ao protocolo (Anexo1)

Desde já, agradeço a atenção dispensada por V. Sra.

Atenciosamente,

_____

Fonoaudióloga Cristiane da Conceição Romano
Mestranda em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP

_____

Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi
Profa. Dra. da EERP-USP
Orientadora

Qualquer dúvida ou esclarecimento favor entrar em contato:
Pesquisadora responsável: Fonoaudióloga Cristiane da Conceição Romano
Endereço: Av, Magalhães Pinto, 137 – apto 504 – centro – Arcos – MG, CEP: 35588000.
Telefone(s): Residência: 037 33515262 - Celular: (037) 99670537 / (016) 8125 6284
E-mail: cristianeromano@yahoo.com.br / cristianeromano@usp.br -

MSN: crisfono@hotmail.com

# APÊNDICE 5 - Questionário para alunos

## Julgamento dos alunos com relação à expressividade (QAA1)

Nome: _____

1. Você notou alguma alteração do tipo da voz (por ex.alterada rouca).

A ( ) Sim

B ( ) Não

C ( ) Não sei

2. Com relação ao pitch (sensação que temos da voz – por ex. grave –grossa ou aguda – fina), a voz do professor é:

A ( ) grave

B ( ) aguda

C ( ) Médio

D ( ) Não sei

3. Com relação ao loudness (sensação de intensidade – forte e fraco, seja, a voz é forte ou fraca), a voz do professor é:

A ( ) forte

B ( ) fraca

C ( ) Não sei

D ( ) Normal

4. A articulação é a maneira como a pessoa pronuncia as palavras, como observa no professor:

A ( ) Normal

B ( ) Adequada

C ( ) Imprecisa

5. Com relação à velocidade de fala, o professor:

A ( ) Lenta

B ( ) Média

C ( ) Rápida.

6. Enquanto fala, sua respiração...

A ( ) Demonstra cansaço.

B ( ) Normal.

C ( ) As vezes demonstra cansaço

7. Quando o professor inicia frases, faz esforço?

A ( ) Sim

B ( ) Não.

C ( ) As vezes.

8. Quanto ao uso das pausas( pequenas paradas na fala)

A ( ) Utiliza muitas pausas

B ( ) Utiliza poucas pausas

C ( ) Não utiliza

9. Quanto a ênfases ( recurso para destacar uma palavra, ou seja, dar ênfase):

A ( ) Utiliza com freqüência

B ( ) Utiliza excessivamente

C ( ) Não utiliza, deixando a fala muitas vezes monótona.

10. Enquanto ministra as aulas como o professor utiliza a expressão facial?

A ( ) Utiliza de forma adequada

B ( ) Utiliza de forma excessiva

C ( ) Utiliza de forma restrita

11. Com relação aos gestos

A ( ) restritos

B ( ) Preso

C ( ) exagerados e amplos

D ( ) adequados e harmônicos.

12. Com relação à postura corporal, o professor demonstra:

A ( ) Segurança

B ( ) Insegurança

C( ) Arrogância (acredita que fala bem e não precisa de mudanças ou aperfeiçoamento).

13. O professor demonstra experiência em falar em público?

A ( ) Sim

B ( ) Não

14. Quando você assistiu o vídeo do professor o que lhe chamou mais à atenção?

A ( ) a forma como ele se comunicava – sua expressividade

B ( ) o conteúdo, o que ele falava estava interessante, e não importei a forma como ele se expressava.

C ( ) observei a forma e o conteúdo.

# APÊNDICE 6 - Questionário para alunos

## Julgamento dos alunos com relação à expressividade (QAA2)

Nome: _____

1. Você notou alguma alteração do tipo da voz (por ex.alterada rouca).

A ( ) Sim

B ( ) Não

C ( ) Não sei

2. Com relação ao *pitch* (sensação que temos da voz – por ex. grave –grossa ou aguda – fina), a voz do professor é:

A ( ) grave

B ( ) aguda

C ( ) Médio

D ( ) Não sei

3. Com relação ao *loudness* (sensação de intensidade – forte e fraco, seja, a voz é forte ou fraca), a voz do professor é:

A ( ) forte

B ( ) fraca

C ( ) Média

D ( ) Não sei

E ( ) Normal

4. A articulação é a maneira como a pessoa pronuncia as palavras, como observa no professor:

A ( ) Precisa

B ( ) Imprecisa

5. Com relação à velocidade de fala, o professor:

A ( ) Lenta

B ( ) Média

C ( ) Rápida.

6. Enquanto fala, sua respiração...

A ( ) Demonstra cansaço.

B ( ) Normal.

C ( ) As vezes demonstra cansaço

7. Quando o professor inicia frases, faz esforço?

A ( ) Sim

B ( ) Não.

C ( ) As vezes.

8. Quanto ao uso das pausas (pequenas paradas na fala)

A ( ) Utiliza muitas pausas

B ( ) Utiliza poucas pausas

C ( ) Média

D ( ) Não utiliza

E ( ) Adequada

9. Quanto a ênfases (recurso para destacar uma palavra, ou seja, dar ênfase):

A ( ) Utiliza com freqüência

B ( ) Utiliza excessivamente

C ( ) Não utiliza, deixando a fala muitas vezes monótona.

10. Enquanto ministra as aulas como o professor utiliza a expressão facial?

A ( ) Utiliza de forma adequada

B ( ) Utiliza de forma excessiva

C ( ) Utiliza de forma restrita

11. Com relação aos gestos

A ( ) restritos

B ( ) Preso

C ( ) exagerados e amplos

D ( ) adequados e harmônicos.

12. Com relação à postura corporal, o professor demonstra:

A ( ) Segurança

B ( ) Insegurança

C( ) Arrogância (acredita que fala bem e não precisa de mudanças ou aperfeiçoamento).

13. O professor demonstra experiência em falar em público?

A ( ) Sim

B ( ) Não

14. Quando você assistiu o vídeo do professor o que lhe chamou mais à atenção?

A ( ) a forma como ele se comunicava – sua expressividade

B ( ) o conteúdo, o que ele falava estava interessante e não me importei com a forma como ele se expressava.

C ( ) observei a forma e o conteúdo.

# *ANEXOS*

ANEXO 1 – Protocolo de Avaliação Fonoaudiológica Mercatelli (2005)

* Avaliação-Observação da Professora pela pesquisadora

1- Identificação:

Nome:

Idade:

Período de trabalho:

Disciplinas que leciona(número)

Carga horária:

Números de alunos: Faixa etária:

I- Recursos Verbais

1- Tipo de voz

___Neutra

___Não neutra

___Desviada

___Alterada( grau mais severo do desvio)

3- Ataque vocal

Isocrônico ___ Brusco ____ Aspirado ___

4- Loudness

Forte ___ Médio ____ Fraco ___

5- Pitch

Grave ____ Médio ____ Agudo ___

6- Ressonância

__Equilibrada___Predomínio (foco resso-nantal)

7- Articulação

____Precisa ____Travada

____Imprecisa _____Exagerada

____Indiferenciada ____Distorcida

8- Velocidade de fala:

____ Média _____Lenta ____Acelerada

9- Coordenação Pneumofonoarticulatória

____Presente _____Ausente

10 – Ataque vocal

___Brusco ____Isocrônico ____Aspirado

II – Recursos vocais

1. Ênfase:
2. Pausas:
3. Curva melódica:

Ascendente

Descendente

4. Ritmo: repetitivo, monótono
5. Variações:

Loudness

Pitch

Velocidade

III – Recursos não-verbais

1. Expressão facial (olhos, boca)
2. Postura corporal (tronco)
3. Uso de gestos (braços-mãos)
4. Meneios de cabeça

IV – Conclusão

_____

_____

_____

# ANEXO 2 – Declaração encaminhada aos experts

1- Identificação:

Nome:

Idade:

Período de trabalho:

Disciplinas que leciona(número)

Carga horária:

Números de alunos: Faixa etária:

I- Recursos Verbais

1- Tipo de voz

___Neutra

___Não neutra

___Desviada

___Alterada( grau mais severo do desvio)

3- Ataque vocal

Isocrônico ___ Brusco ____ Aspirado ___

4- Loudness

Forte ___ Médio ____ Fraco ___

5- Pitch

Grave ____ Médio ____ Agudo ___

6- Ressonância

__Equilibrada___Predomínio (foco resso-nantal)

7- Articulação

____Precisa ____Travada

____Imprecisa _____Exagerada

____Indiferenciada ____Distorcida

8- Velocidade de fala:

____ Média _____Lenta ____Acelerada

9- Coordenação Pneumofonoarticulatória

____Presente _____Ausente

10 – Ataque vocal

___Brusco ____Isocrônico ____Aspirado

II – Recursos vocais

6. Ênfase:
7. Pausas:
8. Curva melódica:

Ascendente

Descendente

9. Ritmo: repetitivo, monótono
10. Variações:

Loudness

Pitch

Velocidade

III – Recursos não-verbais

5. Expressão facial (olhos, boca)
6. Postura corporal (tronco)
7. Uso de gestos (braços-mãos)
8. Meneios de cabeça

IV – Conclusão

_____

_____

_____

# Anexo 3 – Comitê de Ética

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo
Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para
o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

Avenida Bandeirantes, 3900 - Campus Universitário - Ribeirão Preto - CEP 14040-902 - São Paulo - Brasil
FAX: (55) - 16 - 3633-3271 / TELEFONE: (55) - 16 - 3602-3382

***COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP***

Of.CEP-EERP/USP – 217/2008

Ribeirão Preto, 15 de setembro de 2008

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO AD REFERENDUM** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em 15 de setembro de 2008.

**Protocolo:** nº 0947/2008

**Projeto:** A EXPRESSIVIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DE ENFERMAGEM A PARTIR DO JULGAMENTO DOS ALUNOS.

**Pesquisadores:** Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi
Cristiane de Conceição Romano

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Lucila C. Nascimento

**Profª Drª Lucila Castanheira Nascimento**
Coordenadora do CEP-EERP/USP

**Ilma. Sra.**
**Profª. Drª. Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi**
Departamento de Enfermagem Geral e Especializada
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP